

**UM
OFICINAR-DE-EXPERIÊNCIAS
QUE PENSA COM**

CRANÇAS

: matemáticas-cubistas,
formas brincantes
e *ex*-posições

bruno-moreno-francisco



Imagem da capa: *oficina-caleidoscópio*

Pedaço de tronco com vários pedacinhos de madeira – era para ser. Niles

bruno-moreno-francisco

**UM
OFICINAR-DE-
EXPERIÊNCIAS
QUE PENSA COM**

CR IANÇAS

: matemáticas-cubistas,
formas brincantes
e *ex*-posições

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação Científica e Tecnológica
da Universidade Federal de
Santa Catarina
para a obtenção do
Grau de Mestre em
Educação Científica e Tecnológica.

– Orientadora:
Profa. Dra. CLÁUDIA REGINA flores

florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Francisco, Bruno Moreno

Um oficiar-de-experiências que pensa com
crianças : matemáticas-cubistas, formas brincantes e
ex-posições / Bruno Moreno Francisco ; orientador,
Cláudia Regina Flores - Florianópolis, SC, 2017.
266 p.

- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Educação Científica e Tecnológica. 2. Educação
Matemática e Arte. 3. Infância. 4. Devir. 5.
Oficina. I. Flores, Cláudia Regina . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. III.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

**“Um oficina-de-experiências-que pensa com crianças:
matemáticas-cubistas, formas brincantes e ex-posições”**

Dissertação submetida ao Colegiado
do Curso de Mestrado em Educação
Científica e Tecnológica em
cumprimento parcial para a obtenção
do título de Mestre em Educação
Científica e Tecnológica

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM 09 DE MARÇO DE 2017.

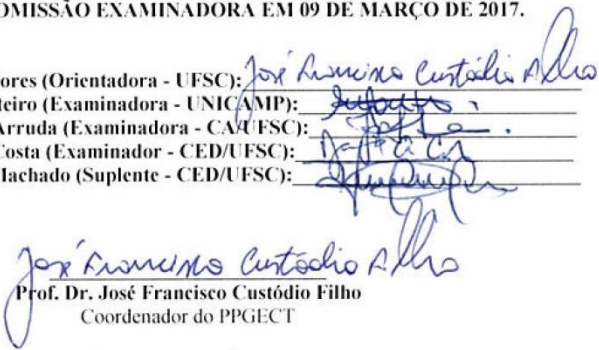
Dra. Claudia Regina Flores (Orientadora - UFSC):

Dra. Alexandrina Monteiro (Examinadora - UNICAMP):

Dra. Joseane Pinto de Arruda (Examinadora - CAUFSC):

Dr. David Antonio da Costa (Examinador - CED/UFSC):

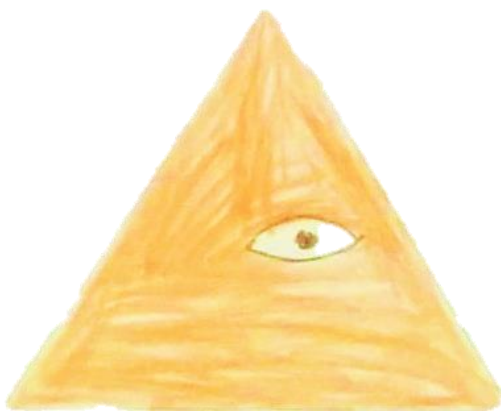
Dra. Rosilene Beatriz Machado (Suplente - CED/UFSC):


Prof. Dr. José Francisco Custódio Filho
Coordenador do PPGECT


Bruno Francisco Moreno
Florianópolis, Santa Catarina, 2017

A
criança
– que
brinca
de
pegar
olho
para
botá-lo
debaixo
do
nariz.

A
tantas
gentes



oficina-caleidoscópico:
Eu e Luís. O olho de Luís no meu olho. Zilto

AGRADE -CIMENTOS

– Como **encontros** de sublimação: a Deus, que dá Sentido a fundura dos meus vazios e enchimentos das minhas alegrias. – Como encontros de cativação: a professora Cláudia Flores, pelo bom encontro, pelo cuidado, pelos olhos que se transveêm, pela cumplicidade do tempo e, sobretudo, do meu tempo, pelo cativar mesmo a cada dia, pelos meximentos experissoal e experisativo, pela abertura da (pequena) criança em mim, pelos ramalhetes do pensar *entre...* Aos meus amigos descomparados de andança: Cássia, primeira gentileza, doce presença e nuvem; Thaline, amizade de brandura, de “jeitinho” e também nuvem; Mônica, pelas *imagin-a-ções* e preocupações, pelos encontros de manhãs e tardes, pelas velocidades fora de mim, *olhoverde* do meu corpo-em-pesquisa; Débora, pela sempre pulsação de carinho; Angélica, pela artista(gem) com quem e de quem pude ir sentando mais perto, cada vez mais perto e com afago; Jade, amizade de (en)cantos. Ao GECM, amizade-integrante outra, amizade-grande, amizade descomparada. As pessoas de percurso-vida: Simone, o outro de mim que me deixa em (trans)formação, pela amizade incomum de escuta, confiança, pelo seu

estar, pela nossa amizade – estamos juntos! Yohana, pela simpatia, pelo seu *com* no a-*com*-chego, no *com*-partilhamento das nossas “trilhas”; Valdirene, pelo seu acreditar: nas coisas, em mim; pelas horas de entusiasmo, és abrigo de força e perseverança; Daiane, pela amizade que cultivamos no abraço da literatura; André, camarada de caminhada. Aos amigos da Educação e Educação Científica e Tecnológica da UFSC, em especial: Alana, pela parceria e amizade bem humorada; Fransueli e Maíra, pela amizade que desenvolvemos no estudo coletivo; Luís, pelo ensinamento da amizade; Elison Paim, professor de memórias e experiências; “Vavá”, pelo manifesto de carinho e abertura museal; Tatiana, Célia e outros que estão na lembrança de Elison – leitores de Walter Benjamin. Aos laços de amigos que se estenderam até meu novo lugar de morada: Dani, pela amizade azul, única no mundo; “Ly” Siviero, pela amizade de longa data, pela pesquisa – que juntos iniciamos e também juntos permanecemos; Miray, por ser Miray... A Helena, Artur e Heitor, amigos, hospitaleiros, torcedores (de mim), sempre cuidadosos. A Marília, amizade de oficina de silêncios na mente e de paz no coração. – Como encontros de fraternização: a minha mãe e ao meu pai, por tudo! Importâncias minhas... Ao Renan (“Nã”, como prefiro), ele sabe a sorte única desse encontro. – Como encontros de exposição: a professora Josy, pela amizade descomparada, pelo espaço que abriu na escola para que eu pudesse habitar e, ao seu lado, oficina-lo, pelas dicas ainda, pelos provocamentos; Rosi, pelos desperdícios de que se dispôs a experimentar; Alexandrina, pelo destacar da *vida-fluxo* e da *vida-intensidade* do trabalho; Davi, vigilante da (des)leitura, da forma das (des)palavras; Bernardo, pela amizade cultivada, pelas mãos trabalhadas; Violeta, pelos seus tateares. Às crianças do 5º B, pelo feliz encontro, pelos jeitos seus de criança, com a amizade que treme, que arrasta invencionáticas; brincadeiras do im-pensável. As poesias de Manoel Barros que se pode escutar a cor dos passarinhos, convocar deslimites para ser... Ao Pequeno Príncipe, a *criança-príncipe* que me arrastou para o deserto. Por isso, dou a ler que ele voltou... – Como encontros de cultura: ao Colégio de Aplicação da UFSC, pelo tempo, passatempo de coisas. – Como encontro de fomentação: a Capes. – Como encontro de encontros:

aos

tantos

(des)

.....encontramentos...

PRECOISAS

Em uma longa fuga quebrada *escrito* uma experimentação, uma *invenção* e uma *oficinática* de (com) crianças invadindo *artistagens*, modos de pensar cubistas e matemáticas. Caminhoso em encontros da infância em mim construo uma cartografia dos vazamentos, das aberturas que insistem num corpo-poético-em-pesquisa e de crianças que brincam com formas de si re-corta-das e olhos de dentro de um caleidoscópio. Nessa insistência, uma forma-matemática fura o pensável, interpela visualidades cubistas e sem explicações, dá sinal. Isso transforma-se tão somente à lógica da descoberta das crianças. Talvez, por tudo isso, tenhamos mais a oferecer elementos do que fundamentos. Elementos cinéticos e de intensidades de um corpo de coisas que, em seu devir, pode não ser nada. Mas, segue, aqui, seu fluxo.

Palavras-de-precoisas:

- .educação matemática e arte.
- .criança.
- .visualidade.
- .cartografia.
- .oficina.

PRE-THINGS

In a long, broken escape, I have had an experimentation, an invention and a workshop with children invading artists, cubism and mathematical ways of thinking. Walking through childhood encounters in me I have constructed a map of the leaks, and the openings that insist on a poetic-in-research body and of children playing with self-re-shaped forms and eyes from within a kaleidoscope. In this insistence, a mathematical form holes the thinkable, interposes cubist and without visual explanation, gives a signal. It transforms itself to the logic of childhood discovery. Perhaps for all this we have more to offer than the basics. Kinetic elements and intensities of a body of things which, in its becoming, can be nothing. But, it follows, its flow here.

Pre-Thing words:

- .mathematical education and art.
- .child.
- .visuality.
- .cartography.
- .workshop.

PEDAÇO DE ABERTURA.

Nota para transferir(-se) pesquisa 17

ADVERTÊNCIAS

(às palavras) 21

ENCONTROS.

Pequenos encontros 39

QUANDO A PALAVRA FOGE E A PÁGINA ESCURECE.

Um poeas para o silêncio (em pesquisa) 73

INVENCIONÁTICAS E INTERVENCIONÁTICAS.

Montações e desregulações do oficiar cubismos e recepções à criança 81

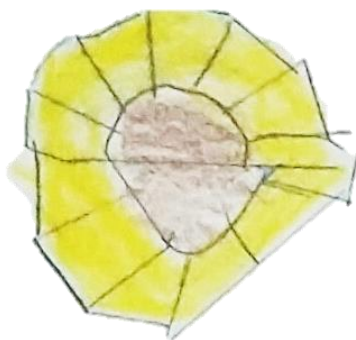
INVENCIONÁTICAS E OFICINÁTICAS

Uma brincadeira de despedaçamentos – da criança, da matemática e do corpo-todo-em-pesquisa 145

NOTA DE RES-SALVA 251

ENTERSSERÊNCIAS

Encontros e intercessores da dissertacionática 257



oficina-caleidoscópio:
O abstrato da mistura de várias formas. Mari

– A gente só conhece
as coisas que cativa.

ANTOINE DE saint-exupéry: 2015, p. 67

PEDAÇO DE ABERTURA

Nota para transferir(-se) pesquisa

Esta não é uma escrita
sobre
crianças,
cubismo,
matemática

...

Seria antes uma anúncio.
Enunciados como que constativos.

Manchas.

Nódoas de imagens.

Festejos de linguagem

(*com*

crianças,
cubismo,
matemática

...)

.

Aqui o organismo do corpo-em-pesquisa adoece a Natureza.

De repente um homem derruba folhas.

Sapo nu tem voz de arauto.

Algumas ruínas enfrutam.

Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos.

E há pregos primaveris...

(Atribuir-se natureza vegetal aos pregos para que eles brotem nas primaveras...
Isso é fazer natureza. Transfazer.)

Essas pré-coisas de **pesquisoesia**.

– (barros: 2010, p. 197, adaptado)

– Vou para mais longe vacilar naturezas, escritas de escritas, fazer **excritas**¹, piripagues com as palavras e escutar ventos de experiência. Ponho-me a serviço de pequenidades que me torcem por dentro em uma pesquisa-intervenção-e-oficinação-com-crianças. Minorias de matemáticas, por exemplo...

¹ Escrevo puxando GILLES deleuze: em intenção de uma minoração da gramática, que não é outra, mas que entra num delírio que a arrasta, uma linha de feitiçaria que foge ao sistema dominante (deleuze: 1997, p. 15). Nesse movimento, invento palavras, emendo palavras, quebro palavras, mexo nelas, em normas e resoluções. Desfazer o normal há de ser (aqui) uma norma de escrita, de pensamento (barros: 2008, p. 97).

No pulso de

materes**mofo**
temaserfomo
tremesfooma
metro**fase**mo
mortemesafo
amorfotemes
ema**rometes**f
eramosfetem
fetomormesa
mes**amor**feto
efato**mesom**
maeforto**sem**
saot**emor**fem
termosefoma
fase**ortom**em
motormefase
mater**mofeso**
metamorfose

– (Ieminski: 1985, p. 142)

Metamorfoses de escrita

I

Times New Roman

: escrita fabricada com intercessores

II

Square721 Cn BT

: escrita de intercessores

III

Square721 Cn BT

: escrita quebrada na língua

ADVERTÊNCIAS

(às palavras)

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. (...) Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entresonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora.

Encontrei a palavra *advertência* num momento inesperado, ao abrir um livro de RENÉ schérer, quando passeava no Museu da Escola Catarinense, em Florianópolis. O título, *Infantis*, adotado em seu livro, foi roubado do livro *Enfantines* de Valéry Larbaud. RENÉ schérer advertiu que seria perdoado por esse assalto, pois não resistiu aos encantos de Valéry ao tratar nele os segredos da infância. No saltar dos meus olhos sobre a palavra senti o corpo já sendo contaminado. Pensei logo: poderia roubar esta palavra de RENÉ e também ser perdoado pelos leitores, ou na pior das hipóteses, ser compreendido.

Então roubei.

Essa foi minha primeira advertência: eu roubo palavras. Mas há uma segunda que se repete em várias outras: a minha insistência em desejar, convocar e eleger palavras para compor esta escrita – eu *ESCOVO* palavras.

Portanto, dirijo-me a elas e, ordinariamente, com elas: as palavras.

A propósito, advirto palavras. Advirto-as em lampejos daquele meu corpo estremecido por sua atração e repulsa.

Perto da linguagem dos poetas, sinto-me insuflado em advertir palavras na sinuosidade de nossos (des)encontros. Elas que mexeram comigo e depois fugiram sem avisar (mas voltaram). Eu, que estava rendido ao espasmo de escrever, fui atentado a muitos dramas.

Quando me dei conta, já estava enfrentando o difícil recomeço de escrita e nessa escrita você me acompanha.

1.

Eu havia escutado muitas vezes

que a palavra

é a expressão

do homem.

– Claro!

Mas advirto:

ela pode ser

pressão,

depois vir a tornar-se sua

ex-pressão.

Ah, a palavra:

minha

[1+(ex)+(de)] pressão.

2.

Advirto. Mas poderia ser um “Repudio.”, “Rumorejo.”, “Lamento.” ou, similarmente, um “Desabafo.”, um “Declaro.”, um “Confesso.”, ou como até tentei, uma “Delação.” às palavras. Em todo caso, poderiam ser expressões valentes de honrar aperturas de um corpo trêmulo pela presença da pouquidade de palavras.

Aqui: pouquidade como falta, escassez; talvez, como nada, pois tem mais presença em mim o que me falta.

Estive sentado numa aflita ânsia de físgar palavras, com o corpo trêmulo, como a nossa voz pela manhã. Esse afã por conquistá-las mexeu profundamente comigo fazendo das coisas lá fora um silêncio e ofuscação: não escutava mais o canto dos pássaros, o latido dos cachorros, o zunido dos pneus dos carros; não enxergava a luz do dia e as empalidecidas luzes noturnas da rua pareciam não chegar aos meus olhos, não mais atravessar os buracos da janela (anestesiiei-me, eu penso). Os olhos só enxergavam o lugar onde deveria compor minha escrita.

Exclusivamente e no silêncio não parei de pensar mais nisso.

Entretanto, nada.

Pelo nada ia sentar na varanda da praia, entre o verde da grama e a areia. Ali eu escutava o barulho do mar, aquele agradável e tranquilo barulho do vai-e-vem das ondas, tão harmônico que quase me fazia dormir. Levava comigo um livro e, às vezes, uma companhia de carne e osso para e, quem sabe, assim, algo pudesse me invadir na luxúria daquela bela paisagem.

Entretanto, nada.

Fui à biblioteca. Apossei do meu computador para guardar palavras, de um livro sobre palavras e de um lápis para anotar palavras. A mesa onde me pus a estudar ficava no extremo da biblioteca, a última que nossos olhos poderiam ver. Lá, muito silêncio, característico do lugar. Rodeado de estantes e mais estantes de livros: alguns vivos e em pé, outros deitados, também vivos, outros já um pouco cansados que se encostavam como quem não tem mais força para se sustentar. A morada das palavras acolheu inspirações. Mas a produtividade me fazia procurar verdades no livro, uma utilidade, interpretá-lo, significá-lo. Ali, abandonei a experiência de leitura. Fui escrever alguma coisa, qualquer coisa, que poderia ser coisa nenhuma. Tão só um convite à escrita – na biblioteca. Tive a sensação de um corpo incapacitado. Fechei o livro e fui embora.

Entretanto, nada.

O desejo de palavras imobilizou-se. Acabou. Lágrimas escorreram sobre minha face. Demorei, na alma, sentir um fígar de palavras. Um fígar tal como do peixe no anzol, que faz o pescador lutar e correr para lá e para cá para puxá-lo e agarrá-lo. É claro que do pescador exige-se muita paciência e atenção, caso contrário, o peixe se assusta com algum movimento precipitado, escapa e uma ira se levanta contra ele; perde-o.

Existiu algo muito próximo em mim da aventura do pescador com a aventura de escrever. No meu caso, agia muito precipitadamente tentando pescar palavras. Escaparam de mim e uma frustração se levantou contra elas. Perdi palavras. Eu, pescador-de-palavras, fui um desastre. Mexi demais nelas e acabei espantando-as.

As palavras tão só me renegavam. Não encontrei nada, coisa alguma. Nem por isso perdi a esperança de conquistá-las ou, melhor ainda, de ser conquistado. Possivelmente, passaram-se muitas diante dos meus olhos.

Nessa fracassada captura, quis resistir e não mais me importar com elas. Mas, sem imaginar, estava num relacionamento sério com as palavras e de nossos (des)afetos havia de dissertar. Certamente, eu já me tornava outro. Calcule como estava meu coração as vendo passar e não me deixarem carregar de sua força, de sua vida. Então cabisbaixo comecei a escrever advertindo essa renegação das palavras, esse plano de infidelidade registrado, esse escape do anzol. Comecei escrevendo sobre

o amor e o desamor pelas palavras,
a paixão e o desassossego pelas palavras,
a atração e a repulsão pelas palavras
– (skliar: 2014^a, p. 101),

neste agora.

Algo, então, passou entre nós.

Estava eu caminhando,
em meio a uma mesa cheio de livros,
a caminho
de uma escrita própria.

Interminavelmente
– (larrosa: 2003, p. 27),
sob a pressão de noventa noites.

A pouquidade de palavras, muito menos que quantidade, então se viu mais forte para expressar o vazio que tem implodido minha vontade de fisgar palavras; de pescá-las. A partir daí, começaram a me faltar folhas para escrever. Imediatamente, notei meu texto sendo seduzido pelas *Primas de Sapucaia* de MACHADO DE ASSIS:

palavra puxa palavra,
uma idéia traz outra,
e assim se faz um livro
– (assis: 1884, p. 132).

No meu caso, se faz um texto que se faz pesquisa e que leva o nome de dissertação de mestrado.

Assim acontecia:
palavras
puxando
palavras,
uma
a outra,
uma
empurrando
a outra.

(Advirto que meu imaginário foi habitado por imagens persecutórias das palavras).

Escrevi,
mas apaguei e não cheguei
a lugar nenhum.
Escrevi,
mas apaguei e não cheguei
a lugar nenhum.
Escrevi,
mas apaguei e não cheguei
a lugar nenhum.....
.....
.....
.....

Vi então

palavras se desfazendo(-se) palavras se desfazendo(-se) palavras se desfazendo(-se) palavras

palavras se desfazendo(-se) palavras se desfazendo(-se) palavras se desfazendo(-se) palavras se desfazendo(-se)

O tempo
passou...! Brotaram ervas daninhas no meio do caminho da escrita.

As palavras
despuxavam
palavra,

nenhuma a não ser ela mesma, (ela afastando-se de si mesma.)

A palavra já não fazia escrita.

A pressa humana já não me deixava sentar e escrever.

3.

Advirto. Mas poderia ser um “Repudio.”, “Rumorejo.”, “Lamento.” ou, similarmente, um “Desabafo.”, um “Declaro.”, um “Confesso.” ou como até tentei, uma “Delação.” às palavras, para expressar valento-e-honrosamente aperturas de um corpo trêmulo pela presença de uma overdose de palavras.

Sim. Assim como meu corpo ficou enfraquecido por um vazio ofeguento de palavras, passei mal ao ter uma overdose delas.

Veja: a caminho da escrita por onde também se anda a leitura, a
leitura
que se faz
escrita
que se faz
leitura
uma empurrando
a outra
uma inquietando
a outra apaixonando
uma a outra.

Interminavelmente

– (larrosa: 2003, p. 9)

formou-se um cerco de milhões de palavras à espera de um gesto: dar a (re)lê-las e a um compromisso: convulsioná-las em um texto.

Nota: Reler é algo inaugural em matéria de leitura. Ao ler um texto pela segunda, terceira, quarta... vez, o modo como olhamos para as palavras nos convoca para algo inédito. Coisas importantes se tornam desimportantes, rabiscos se tornam dúvida, uma bobeira, um alarme para usar a borracha e apagá-los.

4.

Sobre a mesa de estudo: um caderno aberto e minhas mãos, uma segurando um lápis amarelo triangular e outra apoiando a cabeça.

À minha disposição: um kit de trecos – clips, giz de cera, grampeador, marcadores de papel de cores muito fortes, régua de 20, 30 e 40 cm, uma de cada cor: uma sem cor, outra azul e uma vermelha, tesouras grande e pequena, cola, fita adesiva, fone de ouvido, pincéis, borracha, canetas, apontador, mouse, folhas de rascunho. Em suma, materiais para escrita. Um escritório.

Ao meu lado: um calendário.

Atrás de mim: livros empilhados por ordem de importância, de **portância**.

Sobre a mesa de estudo: coisas e coisas de palavras minhas e dos outros, fichamentos no caderno aberto e no computador, livros abertos e fechados – os meus, de poesia e não poesia, os emprestados; aqueles que, embora marcassem espaço apenas na estante da biblioteca, sofriam o mal de serem lidos por um aceno da memória, e aqueles que estavam na lista de compras e, talvez, nunca serão comprados.

Sobre a mesa de estudo e também ao lado dela: pastas coloridas – as amarelas: de cartografias e de filosofias, a vermelha e verde-claro: de filósofos, as verdes: de artes e imagens, a azul: de textos a ler e a cinza: de arte, educação matemática e visualidades.

Sobre a mesa de estudo: artigos espalhados, textos encadernados, um diário, uma agenda e caneca de chá.

Sobre a mesa de estudo: cenas de escritas relâmpagos anotadas no caderno aberto depois de uma corrida à beira mar, depois do banho, ao cozinhar, durante o soar do saxofone, no embargo do sono, durante filmes e programas de tevê, entre a busca do silenciamento da mente (das palavras)...

Sobre a mesa de estudo: textos e textos e mais textos...

Sobre a mesa de estudo: cenas de escrita a anotar...

Sobre a mesa de estudo: um dicionário para consultar e reinventar palavras.

Foi com tudo isso que a mesa de estudo se entulhou até me soterrar e deixar sem fôlego. A essa altura, não conseguia me lançar em nada – também. Sentia meu corpo agitado, delirante, hipertenso, convulsionado, sem direção. Tive a impressão de que tudo ficou de pernas-pro-ar.

Estive, imagino eu, entorpecido pelos destroços de palavras e imagino que assim estarei até compor com a última linguagem desta escrita. Talvez com um coeficiente menor.

5.

Meu corpo estava tomado pela necessidade de escrever. Escrever em busca de uma escrita inaugural da pesquisa (nesse momento, o descanso no sono já havia sido atrapalhado, não era eu o seu dono). Pensamentos não se esgotavam à vontade dessa busca fazendo dos meus sons falsos sons, **falssonos**. Já não havia mais o que fazer para fugir dessa invasão a não ser tornar-me refém das palavras (e de seus fantasmas).

Tendo em vista os sequestros noturnos, decidi levar o caderno, que ficava aberto sobre a mesa de estudo, e um lápis para junto da cama. Ambos ficavam ali, no escuro: a espera de servir os pensamentos em forma de palavras. Eu os obedeci muitas vezes, fazendo do lápis e do caderno instrumentos de anotação para não correr o risco de, talvez, não mais pensá-los e esquecê-los. Quanto a isso, foi positivo pra mim – de um lado.

Porque de outro lado..., obedecer aos pensamentos, foi uma perturbação. Uma fábrica de negatividades no corpo em forma de agonia e exaustividade. A pedra lançada pelo Rei Davi pareceu ter acertado em mim e nem um capacete de bronze, nem um colete de malha de bronze e nem um escudo, também de bronze, impediu de ferir o sossego. Davi foi mais forte que eu. Numa poética: A pedra de Davi transformou-se em um nó muito apertado bem no meio do sossego (falcão: 2013, p. 23).

6.

Ao repensar no meu estado sobre não ter chegado a lugar algum, me entreguei às reticências.

...

O que seria a reticência para além de sua força omissória? O que seria a reticência senão o que ainda há por se dizer, aberta? O que seria de uma escrita se não fosse reticente? Não fosse a reticência? Reticência é estar em vigilância, é zelar e guardar segredos de escritura. Pensei, ou ao menos penso que pensei em me encontrar reticente, em reticência. Encontrei nos pontos intermitentes o alívio para o mal-estar que se apoderou em mim, em relação com as palavras.

Os traços tríplexes de pontos me ensinaram que as coisas, as palavras e a escrita – que se arranja com elas – precisam de pausas, frestas, detalhes, minúcias... Esses traços indicam que há, em minha experiência com a escrita, muito que escapa, abrindo-se ali caminhos para se experimentar outros imprevisíveis, algumas vibrações do corpo e não outras.

7.

Até aqui, advirto:

– A mim, queixando da difícil espera de sentir o clamor e o calor da escrita.

Caí de cheio num duelo impensado entre mim e as palavras – insistentemente.

Até aqui, confesso – diretamente às palavras:

– São hospedeiros do silêncio e da perturbação do corpo.

– São lágrimas para os olhos e fervuras para nossas entranhas.

– São amálgamas de doçura e azedume.

– São amigas que nos traem e inimigas que nos consolam.

– São arcos que fizeram da escrita alvo de suas flechas.

– São golpeadoras que nos dominam quando menos esperamos.

– São como prisões.

(Vejam minha angústia ao detê-las: eu quem tornei o preso).

– São projetos a erguer e a derrubar.

– São para mim como são para CARLOS skliar: serpentes a admirar e a temer (skliar: 2014a, p. 32).

Vocês armaram um cerco de aflição confundindo a paz do meu espírito.

O sono quase se acabou.

Sem parar, me boicotaram.

Experimentei bolar truques para inebriá-las.

Necessitei de vocês para cultivar um texto e vocês necessitaram de mim para serem percebidas.

Da minha parte, tentei uma simbiose entre nós.

Eu juro! Tentei fazer da minha a vossa campanha.

Busquei criar uma espécie de sociedade com vocês – mais apropriadamente, no sentido de cooperação mútua –, e não só uma vez! Foram incontáveis vezes. Mas desvaneceram-se de mim. Tornei-me então indisponível.

Fazendo-se de pedregulhos, desviaram-me do caminho, despedaçaram-me e me deixaram inerte.

Foram rebeldes: também assaltaram meus caminhos de escrita.

Volveram e revolveram contra minha escritura dias e noites. Embargaram-na.

Vê: a quem já trataste assim, consumindo o corpo e quebrando os ossos?

Embriaguei-me por dias em razão de seu abandono.

À beira de vocês, desejei que velassem intenções (de pesquisa).

De vocês, guardo triste essa lembrança e me sinto abatido.

8.

E continuo... Agora, buscando me reconciliar com as palavras.

De vocês, fico desconcertado. Preciso reconhecer que cometi deslizes – eu principalmente –, pois não estava habituado a produzir, com vocês, sobre o sentido ao que nos acontece (Iarrosa: 2015).

Entendam: este que vos escreve é um sujeito vivente com palavra. Perdoem-me por criticar, eleger, cuidar, inventar, jogar, impor, proibir, transformar, controlar, lutar, silenciar... vocês. Nada se ocupou de palavras vazias e sem importância. Eu creio que houve algum lance entre nós. Talvez eu não entendesse no começo, mas, nesse lance, fui fisgado muito intensamente.

Entendam e eu me faço também entendedor: deixaram-me entristecido, não por serem más palavras, mas, sobretudo, por mim, pelo não domínio sobre minhas vontades de escrever (ler), a vontade ininterrupta de estudar, impacientemente. Eu querendo escrever, regulando a escrita, atravessado por uma ânsia de mudar o fluxo das coisas, precipitando-me, destruindo e sepultando minha experiência, eu me tornando surdo e cego a tudo que não fosse esta escrita, quando na verdade bastava um gesto: PARAR!

E nessa advertência, as palavras de JORGE IARROSA pedem abrigo aqui:

PARAR PARA pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros

, cultivar a arte do encontro,

calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço

– (Iarrosa: 2015, p. 25).

Eu me lembro das palavras dele fazendo alerta para parar algumas vezes. Mas não parei. Insisti. Abalado, perdi o controle; não quis perder tempo para deixar ecoá-las, para dar seu tempo e me mover em seu fluxo.

Essa foi minha verdade com as palavras.

Cordialmente, peço perdão. Respirá-las calmamente e sem pressa: talvez fosse isso no que eu deveria apostar. Respirá-las para acalmar o corpo, deixá-lo em frescor, afetado, ecoado-do-do-do-dooo. Dar-lhes tempo. Perder-me e deixando-as se perder simultaneamente,

em seu fluxo. Demorando. Habitando ou não na companhia de vocês, palavras, alguma morada em que se possa hospedar a pausa.

Esqueçam meus deslizes.

Neste instante, o modo como me relacionei com vocês fervilha meu corpo. Há uma paixão. Não há como negar: tornaram-se álamos por onde dá passagem ao pensamento. Sem pararem, me fazem vibrar de amor e alegria. Eu reconheço.

Agora são mãos que se estendem para agarrar pensamentos.

9.

Eis uma importante advertência:

Ao escrever com as palavras, não há ponto a seguir certamente ou uma direção única, vertical ou horizontal, a tomar como em uma urdidura. Escrever se faz, e assim se fez comigo, tortuosamente, como ~~escrito~~-ta, abrindo-se para os lados, desviando-se, dando voltas, me contorcendo; às vezes ficando imóvel, sem faísca e, portanto, não iluminando nada; às vezes, fazendo alucinar paraísos, oásis de escrita. Fiquei, por isso, em dúvida, agônico, com o corpo espantado. E isso não é uma provocação das palavras (imaginem). É, tão só, sua imanência. Penso.

Escrever é senão seguir a vida.

Na escrita vivi no meio do risco,

me aperigando;

no meio do cansaço,

me cansando;

no meio de um naufrágio,

me naufragando

– uma, duas, três...

Sempre naufragando na agressividade de tique toques do teclado. Escrever (e mesmo ler): é essa difícil atividade de escrever (e mesmo de ler), de viver escrevendo (e mesmo lendo).

Desconfio que escrever se faz escrevendo no encontro apoteótico de amor e ódio com as palavras, em nossas vibrações com ela – que podem ser boas e ruins –, no enfrentamento de dias frios e madrugadas chuvosas, correndo riscos, desobedecendo, engolindo palavras. Ah, skliar! – escrever não encontra uma trajetória simples, despojada de labirintos, nem uma sequência que admita progressão ou culminação: a escrita é esse mistério que permanece escrevendo a si mesmo (skliar: 2014a, p. 126-127).

Escrever como ler como embarçar(-se), desorientar(-se).
Labirintamente... Reunindo
o encontro com seu desencontro,
a passagem que não passa e insiste em nos devolver ao ponto de
partida,
o caminho cujas pegadas devem voltar a serem pisadas
– (skliar: 2014^a, p. 78).

Nesse labirinto, experimento palavras. Palavras que me fazem
experimentar escrita. Escrita que convoca aventura. Aventura do
processo de constituição de uma pesquisa. Uma pesquisa que percorre
nesse caminho. O caminho que dá por missão seguir o movimento. No
labirinto.

10.

Caras palavras,

Por razões aqui declaradas percebi que já não há nada sobre o
que pudesse exercer a sua propriedade. Um capturou ao outro. Um
atravessou ao outro. Eu produzi escrita e, ao mesmo tempo, a escrita me
produz(iu) com suas palavras. De vocês, sinto agora, nessas linhas, a
empolgação de terem me ajudado a inaugurar um texto.

Todas essas advertências parecem ser dispensáveis para estes
olhos que se afrouxam sobre minha aventura. Mas foi um modo de ir
dizendo alguma coisa, antes de entrar em matéria de dissertação, para a
qual não achei porta grande nem pequena, entrada triunfal ou não
triunfal, a não ser a porta que dá entrada para me esposar das palavras.
Sinto que não há mais como esconder minha paixão. Resta-me, então,
advertir que a palavra tornou-se noiva. Minha palavra-noiva.

Eu-agora-noivo-da-palavra... “*do do do do /do do do do / do do
do mi / do do do do / do do do do mi / mi mi mi sol / sol sol sol...*”.

Deste enlace, com estas primeiras palavras que se unem e
empilham-se como no jogo de *Tetramínós*, faço minha última
advertência: brinco, aqui, de ser um artista das palavras. Desobedeço a
protocolos, desobedeço à linguagem. Me desobedeço! Brinco de escovar
palavras.

ENCUENTROS.

Pequeños encuentros

Para além da curva da estrada
Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
E talvez apenas a continuação da estrada.
Não sei nem pergunto.
Enquanto vou na estrada antes da curva
Só olho para a estrada antes da curva,
Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.
De nada me serviria estar olhando para outro lado
E para aquilo que não vejo.
Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.
Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte
qualquer.
Se há alguém para além da curva da estrada,
Esses que se preocupem com o que há para além da curva
da estrada.
Essa é que é a estrada para eles.
Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos
sabermos.
Por ora só sabemos que lá não estamos.
Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva
Há a estrada sem curva nenhuma.

Tudo é
apenas encontro
no universo,
bom ou mau
encontro.

– Encontro de GILLES deleuze e CLAIRE parnet (1998, p. 73).

Encontros: alguns acontecem por aqui. Passam-se nestas páginas, mais ou menos antes do meio ou em alguma parte do deserto do Saara...

Príncipear

Tarde de Agosto de 2005.

Uma vez, quando eu tinha onze anos, li um livro de um pequeno príncipe que habitava um planeta desconhecido. As coisas de seu planeta eram muito pequenas. Ele necessitava de um amigo...

O Pequeno Príncipe: a primeira literatura e um nome francês, ANTOINE DE saint-exupéry, que me foi dada a conhecer.

Um exemplar chegou até mim pelas mãos de Goretti, uma professora de Português muito cuidadosa e admiradora da história. Foi a partir dela que o livro percorreu outras moradas. A minha, por exemplo, foi uma delas. Era como se a professora fosse tão vivente da história que de modo algum conseguiria deixá-la fixada em alguma de suas estantes de livros, sendo saboreado apenas pela poeira ou pelo calor de outros livros que o espremiavam. Deixá-lo em sua casa, guardado apenas para si, não seria um bom negócio pra ela. Talvez prendê-lo seria como não escrever com ele agora. Agradeço a professora por permitir **restantear** o livro, cópia do dela, em minha morada.

Sem bem compreender a história nas primeiras vezes que a li, envolvi com ela numa tarefa de encher cada folha de um caderno em branco com algumas das palavras, frases e aquarelas do livro que mais me tocasse. A intenção foi divertida. A intenção foi de não fazê-las permanecer somente lá, paradas no livro, mas ser vida como num espetáculo que apresentamos. Um espetáculo do *O Pequeno Príncipe*.

Goretti: uma professora de que guardo a palavra cativar e que fez do livro um habitante de outras casas. Um livro tal e qual *Tumbas*, de Cees Nooteboom, foi para CARLOS skliar (Esse de Nooteboom ainda não conheço):

– Trata-se de um desses livros que podem ser lidos e, com a mesma intensidade, dado a ler a outros. Um livro de passagens. A travessia que se cria entre leitores. A trajetória que empreende um livro, para além de uma idade específica, de um instante particular e de uma geração singular (skliar: 2014a, p. 72).

Houve uma época em que li muito mais problemas e exercícios de matemática e coisas de educação (principalmente aquelas ligadas sobre como ensinar, como aprender), pois fazia parte da minha formação, do meu aprendizado, e não tinha muito tempo para ler outros livros. Esse, de modo muito especial, fez saltar partículas de afetos com a leitura, com outros tipos de leituras, como a de poesias, por exemplo, mas só alguns anos depois. Esse é um livro que me oferece a inexplicável sensação do durante, da duração sem hora, dessa hora intrigante do sem antes e sem depois (ibidem: p. 63).

Um livro de passagens.

Fui à livraria uma ou duas vezes procurar o exemplar do *O Pequeno Príncipe* para dar de presente a outras pessoas, além de um para mim, é claro. Além, inclusive, dos presentes que ficaram por conta de três ou quatro somente indicações. Dando o livro às pessoas, elas poderiam ver um chapéu ou um elefante na jiboia. Que reações sofreram? O que pensaram? Imagino olhos necessitados de explicações...

Já futuquei o livro.

Acontece que aqui não me disponho apresentá-lo bem ao leitor, pelo seguinte: por haver a impressão primeira de que entre nós algo apenas se fabricou ou como um vidro quebrado que entra no corpo, corta e faz cicatriz e fica ali; vez ou outra dar-se a ver aos olhos e quando rasga num lugar muito difícil, atrás da cabeça, por exemplo, é muito difícil de ver, de lembrar. Não é isso. Não! Contá-lo tão primeiro poderia escurecer muito de imediato a pesquisa. Nesse caso, não seria interessante nem mencioná-lo. Seria mero apreço e enrolação. Com *O Pequeno Príncipe* tenho mais perto a sensação de que algo nele tem a ver com esta pesquisa, com o pesquisar. Algo nele a atinge, o atinge. Tem algo de relação. Ainda não sei bem o quê e como dizer, porém tenho algumas intuições com o livro. Ele dá alguma coisa a pensar e por isso sigo nesse empreendimento, digo, experimento de uma composição *pesquisa-pequena* – para montar palavras. Então a história poderá se abrindo ao tempo dela, da pesquisa.

Interplanetar

Um mundo pequeno caiu sobre minha cabeça. Melhor um planeta? Ou asteroide? Uma criança? *O Pequeno Príncipe*. A imagem que tenho do livro é o brilho de muitas coisas a propósito da vida. A propósito do que se remete *estar* criança e *estar* adulto no tempo (neste tempo) que é intenso de esgotamentos, transitoriedades, cheio de metamorfoses tão frequentes (baudelaire: 1996, p. 26). A propósito ainda de como enfrentamos o desconhecido e, com ele, estabelecemos operações de vida (pesquisa). A propósito de fazer corresponder aquilo que nos acontece, nos chega de forma muito inusitada. A propósito de acontecimentos. A propósito de acreditar no mundo. A propósito de viver agarrando oportunidades que se içam a nossa frente e aprender com elas. A propósito de furar os limites sobre o conhecimento. A propósito, enfim, de conhecer outros mundos, mudo aos mundos já constituídos, bem localizáveis, contudo, estrondoso aos que deles escapam.

Então pensei muito nas aventuras do livro.

Fazer no fazer-se

RAY bradbury, escritor, dizia algo assim sobre sua escrita, ao aspirante escritor:

u
|
p o

– Toda manhã,

da cama e piso num campo minado.

O campo minado sou eu.

Depois da explosão,

passo o resto do dia juntando

os pedaços

– (bradbury: 2011, p. 6).

Eis daí sua tarefa: **artista** escritas, inventar histórias, enganchá-las por pedaços. Criar uma inauguração textual com estilhaços de pensamentos explodidos nele. Alguém o pisa, ele mesmo o pisa. Explode-se!

Inaugurar um texto juntando pedaços. Fazer pesquisa juntando pedaços. Entulhando coisas. Explosíveis ao contato de coisas. (Senti-me

assim com a criança vestida de príncipe, pisado na sua história. Ela invadiu-me). Os pedaços seriam como matéria de experimentação da pesquisa e vejo que não funcionaria bem se realizasse qualquer tentativa de unificá-los ou copiá-los do movimento de mãos, já muito gastas. Mãos que poderiam inspirar dizer – e que eu teria, certa resistência de dizer:

“O presente trabalho de dissertação parte do interesse de discutir matemática em relação com a arte cubista num trabalho de oficinas com crianças, enquanto traçado de uma perspectiva a-pontual e mais atual dessa temática no âmbito da Educação Matemática. A-pontual, pois se delinea distintamente daquela em que a matemática se simula na arte...”

Para quem entende os contos acadêmicos, isso teria muito jeito de verdade, jeito de objetividade, jeito de poder e vontade; jeito de escrita que se sabe de antemão aonde nos arrastará. Fora de um campo minado, provavelmente. Fora de um texto em chamas. Como um texto em chamas! Com esse efeito.

Porém, sinto cada vez mais esse calor. E, por isso, não demonstro o pesar de ter começado a escrita enquanto *“O presente trabalho...”* até porque seria muita indisposição à vida. E, antes de tudo, esta pesquisa é uma experimentação-vida (deleuze-&-parnet: 1998, p. 61), comporta um não saber, algo que nunca se sabe de antemão, é sempre modificada à medida que se faz, sofre.

Desse jeito, não haveria muita simpatia entre mim e ela.

Desse jeito, calaria muitas intensidades do pesquisar.

Desse jeito, meus olhos se fecham.

Desse jeito, estou a aprender.

De outro jeito, um pensamento de pesquisa que se pensa no *fazer-se*, não na apresentação do feito. Mas na tensão dos movimentos concretos da pesquisa.

O *se* é que indica as coisas que se passam nela, na pesquisa: um autor, um pensamento, uma experiência, um encontro, um sabor, uma contaminação, uma presença, uma exposição, um passeio, entre tantos *um* que se conjugam e formam multiplicidades. O *se* que, portanto, indefine o *eu*, o *nós*. O eu que é acontecimento de *multiplicidades*, introduzido e metamorfoseado de tantos outros *um*. O *se* que ensina a desprender de uma subjetividade fundamentada no eu e antropomórfica (...), a

nos deslocar do *ser* do eu e da consciência para os *devires* (schérer: 2005, p. 1186).

Um outro modo de pesquisar que tenta-se fazer.
No *fazer-se*.

Inusitar

Imagine o susto de um piloto ao cair com seu avião no deserto, a mil milhas de qualquer região habitada. Imagine ainda um seu segundo susto quando, já estriado na areia e ao entoo do vento, escuta a voz de uma criança, pequena, com cabelos loiros, espalhados pela brisa do deserto, e vestida extraordinariamente como um príncipe. Que inusitado imaginar isso! Em algum lugar do deserto, a mil milhas de todos os lugares habitados, uma criança sozinha? Eis algumas brumas da história do *O Pequeno Príncipe*.

*O que é que está fazendo lá? Para onde vai? Aonde quer chegar?*²

Perguntas que fazem dobrar a pele daquele que lê o conto-príncipe em seu começo. O deserto, lugar do acidente e que traça as surpresas do conto, se abre para todos os lugares e ao mesmo tempo para todas as saídas – para um lado e outro, pra cima e pra baixo, um pouco mais para o lado... Os olhos se perdem no horizonte do céu e da terra, mudando apenas as cores e a forma um pouco mais acidentada do chão. Ao que se podem imaginar, as entradas para o menino se perdem nesse horizonte árido. Cabe deixar-se atravessar em alguma delas e fazer transbordar a história.

Desertar(-se)

Uma forma de pesquisa lançada no deserto.

Uma *pesquisa-deserto*? Um(a) **pesquiserto**?

Creio que o encontro com o deserto na obra de saint-exupéry dá alguns elementos para operar o modo de constituição de uma pesquisa que quer, em seu conjunto de relações pesquisativas, envolver-se no movimento e repouso, por afetos entre o fazer-se; não programada, mas a dar programas de experimentações, de vida. Isso quer dizer, produzida com o que passa na própria exposição à pesquisa: o que conta estranhar-se a ela e com ela, ter em conta os acasos e imprevisíveis, rupturas, os saltos adiante (no deserto: estar exposto a ele, aprendendo com ele,

² Para o caso de escrever com pedaços do livro *O Pequeno Príncipe*, **italico** a escrita de saint-exupéry.

movendo-se, parando, correndo, esgotando... Estar sem abrigo, sem teto. Na sua escrita: estar exposta a ela, aprendendo com ela, movendo-se nela, parando, correndo, esgotando... Escrevendo em um fluxo, em outro, entre outros, com outros. Fluxos de dor, alegria, ardência, esgotamento, delírio, cegueira, errâncias, repúdios, fracassos, ressignificações, de comidas...). Ser formulada, talvez, num movimento que é nenhum, num deserto em que nada há, além de fagulhas e ventos que nos queimam e nos entristecem diante de um horizonte infundável. Num movimento que não é harmonioso, que não se regula. Uma pesquisa que, enfim, quer passar por uma atividade de cartografia-dos-fazeres, da geografia dos seus movimentos e repousos, velocidades e lentidões (cinemáticas) e afetos (intensidades); uma pesquisa que é de supor definida em um plano de imanência: plano que, a propósito, cabe compreender brumas, pestes, vazios, saltos, imobilizações, suspenses, precipitações (deleuze-&-parnet: 1998, p. 110). Um plano que se cria no processo mesmo pela qual a pesquisa é produzida. É algo do concreto. Um plano que se inventa com experiência, na direção de um *plano-de-experiências* que faz arrastar a pesquisa para fora de seu canal hegemônico onde o pesquisador depende de um modelo ao qual é preciso estar “conforme”, comportado. Prendido a uma constituição teórica e metodológica, usa de sua capacidade “consciente” para coletar, interpretar e concluir sobre “realidades”. Aí, em seu canal de pesquisa, “brumas, pestes, vazios...” acabam sendo apenas limos, “criames” de sujeira. Os limos (sujeiras) que definem o plano de experiência e, portanto, constituem elementos para uma cartografia.

Caí no deserto!

O deserto onde não se sabe bem ao certo o que nos espera. O que encontraremos logo ali? O que nos encontra? A princípio, um perigo. Que perigo!? Corre-se risco. É como um lance de sorte ou azar: alguma coisa, inesperadamente, pode nos atacar e nos atingir, um poço talvez esteja a nossa espera, mas nunca saberemos se de fato ele existe. De repente se sente muito calor, de repente, muito frio. A areia é carregada de um lado para outro e isso não foge à sua atividade. O deserto admite uma selvageria, é selvagem, lembra o antropófago. Dele se espera armar-se para agarrar (algumas vezes, devastar) o que pede abertura. Içar.

Ah, o deserto! A mesma maneira do susto ao me enveredar nesta pesquisa: abrindo-me para outros lugares e dramas e sensações... Escapando de outros, se lançando pelo vento, correndo riscos, rupturando em bons ou maus encontros, com outros saberes, fazendo

saberes, integrando novos, antes não pensados – saberes impensados. Quer dizer, acompanhando os inusitados tais como o aviador chamou de o-pequeno-príncipe. O deserto permite o descontrole ao contrário de seguir o “contrato” de uma estrada: suas vias, obedecendo a suas placas. Ele faz escapar a estrada, a abre, fura. Não indica para onde ir. Espera-se, nele, estar sempre no meio de alguma coisa, caminhando... É devir. Põe em jogo devires. O nascer e pôr-do-sol talvez fossem os únicos movimentos certos que se possa ver no deserto. O devir-pôr-do-sol, por exemplo, que percorre o movimento do dia, seus acontecimentos... O devir-nascer-do-sol: os movimentos da noite, os animais, as tempestades... O que se passa durante a noite.

O Ponto de partida

– *de onde veio* –,

o caminho a percorrer

– *para onde vai* –

e qual o destino

– *aonde quer chegar* –

não faz muito sentido para um modo de fazer pesquisa que se faz no “deserto”. Imagino-me estando entre os espaços dele, entre as coisas dele, sacudindo as coisas dele, ao lado do aviador que acompanha e alimenta seus afetos com o pequeno príncipe em sua aventura acidental no deserto.

Pedrar

Eleva-se em mim um tremor ligeiro, uma agonia do pensar (uma) pesquisa que não atraíe a surpresa, os desvios, menos “civilizada”, “decente”, absolvida, religiosamente, pelo sacramento da confissão; menos equilátera e mais escalena.

Os olhos ao pouco se pousam onde há perfurações que admitem crescer e transbordar outras dimensões do conhecimento e visões do mundo, não contemplados dentro da estrutura do pensamento “científico”. “Outras” que são mais interessantes para a forma como se faz pesquisa aqui. Uma pesquisa com crianças e arte e matemática (sobre pesquisa) em espaços mais rugosos, cheio de pontas e rachaduras, que pensa pela forma errante, deformada, estranha, não esculpida de pesquisa. *Pensar-pedra?* Isso tem arte de cartografia. Arte também de MANOEL DE BARROS: *Pensar é uma pedreira. Estou sendo...* (barros: 2015, p. 72).

Geografias.

Pedrarias.

Travessias.

Experiências.

Meios.

Uma cartografia

No meio do caminho uma cartografia: essa palavra, gesto, geografia, conceito, matéria de deserto, pedreira, que ganhou alguns espaços já na escrita. Talvez seja este o momento mais oportuno para dar atenção a ela, detê-la em alguns sentidos.

Nessa detenção, você me escolta.

Um caminho sem chegada

Um caminho que se caminha

Encaminha

Se abre!

Um caminho travessia

No deserto.

Na passagem do caminho

– Eis uma

Cartografia.

Carto-Grafia: uma associação mais próxima de *chartis* (mapa) com *graphein* (escrita) que forma traçados de mapas. Envolve uma arte, uma técnica, uma ciência de representação de elementos da terra. Ou mais dito, se assim se quer, na amplitude da Associação Cartográfica Internacional: o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise de documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização (ibge: 1999, p. 12).

O processo cartográfico nessas condições é aplicado no mapeamento dos “elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos” associados à superfície terrestre. Mapeamento da navegação marítima, do tempo, da distribuição de chuvas, populações, etc. O cartógrafo seria o sujeito da ação desse processo. O cartógrafo: aquele que fala na língua da cartografia e muito da geografia, que cartografa as naturezas do mundo.

Uma apresentação semântica tem ar de importância. Se os cartógrafos geógrafos se preocupam em representar paisagens geográficas, o que tem a ver cartografar um plano-de-experiências de crianças, arte, matemática?

Antes de tentar dizer alguma coisa para a pergunta ou ainda dizer (com) outras perguntas, me incomoda a palavra *experiência*. Por isso, busco um sentido, mesmo que provisório, da experiência que saltou no texto algumas vezes. Preciso de uma pequena paragem (entre pontos.)

Acolhendo a atenção dada por JORGE IARROSA (2015), a palavra experiência é, em questão, uma experiência que não é técnica, que não é objetiva, que não se manipula, que não se repete, que não se universaliza, que não se racionaliza, que não se destina à, que não se expecta. Mas, uma experiência que atravessa, que escuta, que toca, que fere, que inquieta, que singulariza, que acontece, que sofre, que subjetiva, que pilha. Em suma, a experiência dos eventos que nos chega e se aloja em nós, nos pesa, adensa. Tem mais a ver mesmo com a vida. Não tem como pre-ver. É como uma prova: tudo se espera.

– Nem tão pouco e nem tão bem dizendo, registremos esse sentido para a experiência.

Expostos a experiência, voltamos ao plano-de-experiência e cartografia. O que um diz respeito ao outro? Como funciona uma cartografia? Talvez, algo do tipo assim: Fim sem começo³ teria mais a ver com o *como* funciona uma *cartografia-de-experiências* e, não menos, também *como* aqui se escreve, *como* aqui se passa a escrita:

O fim já começa no começo

Entre o começo do fim

E o fim do começo

Apenas o meio

Está no começo ou no fim?

³ Trata-se de uma poesia que encontrei ao sondar diários virtuais sobre poéticas. Um caminho para o encontro com *Fim se começo* é: <<http://poesiadoabsurdo.blogspot.com.br/2009/11/fim-sem-comeco.html>> Sondado em: 26 nov. 2015. (autoria desconhecida).

No fim ou no começo?
Vivo quintos, quartos e terços
Desse começo sem fim

No começo que acaba de acabar?
Ou no fim que começou agora?
Segundos, minutos, horas
Sem saber quando começa o fim

E quando acaba o começo?
Sigo em frente em tropeços
(...)

Sabe-se lá quando
Saberei se perdi todo meu meio
Esperando começos e fins
Entre vários recomeços.

Como? Deambulando... Deambular pode ser uma palavra bastante dizível para tratar uma cartografia, uma experiência, uma *cartografia-de-experiências*. Deambular: caminhar sem destino, passear, vaguear. Cartografia: mapear travessias ou afinando os ouvidos com a poesia, mapear o passeio, seu *meio*, os eventos que se brotam no caminho da pesquisa. Nem seu começo nem seu fim, o meio. Copiando de GILLES deleuze e CLAIRE parnet, o meio que tem sentido (vida) enquanto grama: a grama que está no meio e que brota pelo meio, e não as árvores que tem um cume e raízes. Sempre a grama entre as pedras do calçamento (1998, p. 35). A grama que cresce e transborda para um lado e outro. A grama que, similarmente, tem o mesmo sentido de deserto: se abre em lugares impensáveis, vai inventando caminhos imprevisíveis, agarrando em lugares, fugindo de outros. A grama que comporta afetos, sabores, pessoas (pequenos príncipes). A grama e o seu processo de conexão.

Eis um sentido para a cartografia: o percurso sobre os lugares de passagem, o deserto, que se cultivam no processo (do pesquisar). O repouso sobre eles. Fazendo “gramas”, não “raízes”. Se bem que seja difícil não ser atacado por forças raizeiras que não admitem remanejios, redistribuições em outros lugares e acabam tornando incapaz de criar cartografias (deleuze-&guattari: 1995). No entanto, sigo neste jogo de ataque e contra-ataque, num caminho tal como o mais apropriado da leitura, de dar a ler: um caminho carente de direção, mas caminho em si

(skliar: 2014^a, p. 59) e que por isso pode nos levar a qualquer lugar, a (re)voltar para um mesmo, a contar do nenhum. Um caminho que ninguém sabe. É como não saber o que acompanhou as mãos do empregado de uma fábrica para que fosse possível chegar ao que essas mesmas mãos produziram, a não ser ele (e nisso há um perigo). Ninguém sabe, porque na esteira de produção onde se definem regras de comboio, não há o que esperar senão responder ao contrato de trabalho definido anteriormente. Não há transgressão. E tudo que deslizesse ao contrato seria balela, reconfigurado para outro lugar que não o processo de produção. E isso pode até soar exagero, prefiro pensar em caprichosamente provocativo.

Qual foi seu *processo* ou as *derivas* de sua produção?

É na dobra dessa pergunta que se intensifica uma *cartografia-de-experiências*, que não é de um cartógrafo formado, mas de um licenciado em matemática em formação pesquis(a)tiva que escreve à várias vozes que o atravessam, que o formam; um professor-pesquisador, escritor-matemático (matemático que tem a ver com quem ensina matemática, não com outra coisa. Se for o caso de se confundir, melhor escritor-de-matemáticas). Uns dizem que somos educadores matemáticos, outros professores dela – e não sei até que ponto isso não é a mesma coisa –, porém, gosto mais ou me vejo topando mais como um artista. Artista que não é o de artista mesmo, mas um devir-artista da matemática, um artista que pode tornar alguma coisa de matemática, da Educação Matemática, que faz pesquisa em educação matemática e arte; a matemática que faz eco à arte. Uma pesquisa que **tensiona**, faz tensão, entre pesquisador e educador, matemática e arte. Aí estão os cruzamentos dos quais me **artista** meandramente. Eis alguns percursos desta pesquisa. É nas suas aberturas e fechaduras que faço artistar o pesquisar. Pesquisar como artistas no deserto. É nele que escrevo como *devir* ou que seja, escrever como sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido (deleuze: 1997, p. 11). Não escrevo como passado, não como futuro. Não como início não como fim. Não como pontos estáveis. Isso já não tem muito sentido. Mas, de braços com deleuze, no

meio.

Fico no meio.

Exposto a produzir-se no meio.

Escrevendo no meio. Uma **pesquisameio**.

Ambiguamente, um meio de pesquisameio.

No meio.

Bem se vê como daí resulta: tomar a atividade de pesquisa pelo meio, não pelo princípio, o que são as coisas que pesquisa ou o que serão elas. Isso não é interessante.

O que acontece, o que me acontece é que o começo não é aquele que é início e início que tende ao fim. Não há linha reta nas coisas (deleuze: 1997, p. 12). Mas entre o começo do fim e o fim do começo, apenas o meio, afetos pedindo passagens, nos arrastando para outros lugares, nos tirando do chão, fazendo linhas quebradiças.

No meio...

Um meio que começa no começo? Um meio que começa no fim? Um meio sem fim, sem começo, sem acima, sem abaixo. Um meio que não divide norte e o sul, nem o leste-oeste, nem direita-esquerda. Talvez, permeia, os medeia. Um meio que também não é metade – não é, por isso, menor; não é centro – e, por isso, não é unidirecional; não é um procedimento – aí, só se faz fórmula, há algum lugar a chegar; não é o de trabalho – por isso, não é pertencente a um lugar específico. Talvez seja um meio de vida. Talvez.

Um começo que não é entrada, não é origem. Um fim que não se chega. Que despropósito! Um fim que, enfim, não se diz afinal, não é último, Não começa com “*O presente texto...*”, “*Por último*”, “*Conclusão*”. Não segue linearmente introdução, desenvolvimento e conclusão. Ao contrário, ataca-se esse procedimento de fazer pesquisa. Poderia, pois, para satisfazer melhor o leitor, quebrar essa estrutura e fazer correr uma (*In*)-trodução, um (*Des*)-envolvimento e uma (*In*)-conclusão, mexendo outras partes, outras conjunções. Trata-se, portanto, de uma pesquisa *com*, carregada de “*es*”, e... e... e..., com um vínculo *e*.

Fins, começos e meios que extrapolam a ordem do espaço e tempo, e se por isso se entende uma desordem no tempo, aqui descaminhamos do progresso, do tempo *Chronos*, o tempo de movimento igual e consecutivo, ordenado. Situemo-nos em um tipo de a-direção do tempo: o tempo do *Aíôn*, que oscila, está em dúvida, é inconstante, indeterminado, tempo flutuante, (de) linhas flutuantes, diz deleuze e parnet (1998, p. 108). O tempo da experiência, das sensações, daquilo que nos envolve até o fundo de nós. As intensidades.

Esqueçamos o começo e o fim. Por enquanto, permaneçamos no meio, na travessia. Meio que e onde pode nos dar o sentido mais vivente daquilo que se passa conosco e vibra, pulsa saberes (Iarrosa: 2015). Dar o passo. Dar a passagem. A travessia e o que nela e dela se pode envolver intensamente em nós: seu processo e correspondentemente:

riscos, perigos, acidentes, medos, dores, regozijos, suspenses, espantos, avanços, paradas, estresses, tremores, inseguranças, estupefações, latejos, desvios, voltas, rachaduras, talhos, ocos, reticências...

De novo: a experiência.

Fins, começos e meio que são travessias.

Experiências.

Fins, começos, meios

– um traço de travessia.

O conflito desse começo sem fim sem começo tem pegadas de palavras escritas pelo lápis de M. C. escher – aparentemente por alguns quartos e quintos de segundos no pensamento. Lembro daquele lápis utilizado por ele na obra *Relativity*. Sinto-me litografado por ele, agora sem começos e fins. Sem parede, mas com teto; sem porta, mas com um buraco no chão, para falar com a obra. Uma violência no olhar que faz ver caminhos excêntricos.

A cartografia corresponde a tudo isso que EXCEDE, ao que inova e embaralha os retos caminhos da razão. Não é uma pesquisa *qualiquanti*. Não é uma adequação entre natureza do problema e exigências do método (rolnik: 2014).

Estar no meio é talvez não estar em lugar algum. No meio do deserto. Estar no meio é o convite que permite o leitor compartilhar o trabalho de um pesquisador-cartógrafo ou simplesmente cartógrafo em sua desordeira viagem de pesquisa. Por onde ele anda, as linhas que ele vai criando, compondo, ou quebrando, emprestando de alguém, no fazimento da pesquisa, são esses os mapas a cartografar. Um dentro de outro dentro de um outro... como um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo (deleuze: 1992, p. 47). As linhas que GILLES deleuze e FÉLIX guattari chamam de mapas: os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos (idem) que duram no tempo da pesquisa, das experiências que nos afetam e que somos também capazes de afetar. A própria constituição de cartógrafo entra nesse jogo, percorre essa linha, me subjetiva, me (trans)forma.

Seguindo em frente em tropeços. Agora um cartógrafo-em-composição, em formação, fazendo cartografia. Na cartografia que parece estar sendo aquecida.

Porém,

já perdi

todo

meu meio...

Tom(o)ei um susto! Que susto: emigrações e comunhões

...Há dois marços me dou conta de que o deserto e a história do *O Pequeno Príncipe* com a qual estou envolvido se (des)abotoam algumas coisas. É quando me lembro da primeira reunião de estudos – quando, possivelmente, saí de casa, peguei dois ou três ônibus e, de repente, me vi estrangeiro em outra cidade e mais longe, em outro estado. Quando meus próprios olhos se viram imigrantes, caídos num deserto pesquisativo.

Aqui, ainda, me sinto desestabilizado. Descobri que emigrar faz parte deste modo de enfrentar a pesquisa, comportar estrangeiramentos. Estrangeirar. O que está por vir? Quem? Há sempre um respingo de dúvida, instabilidade. Um incômodo e até uma chateação. Eu, estrangeiro em dois sentidos: o físico e o da pesquisa em si.

O porvir é uma encruzilhada
que não se espera.
O passado cresce pelos lados
como se o corpo
não tivesse ousadia para contê-lo.
(...)
Ninguém sabe o que virá,
o que vai querer,
onde,
o que vai fazer,
se poderá fazê-lo
– (skliar: 2014⁴, p. 47).

Imaginem então a surpresa e aflição. O susto! Aventurar pelo meio... Uma grande surpresa. Uma descoberta mesmo. Imaginem o susto do aviador ao ver uma criança no deserto distante de qualquer terra habitada. Não esqueço quando escutei meias páginas de um livro que se escrevia na capa *O espectador emancipado*⁴. Não consigo arrancar palavras de minha boca para dizer, por mais caricato que seja, algo desse espectador a não ser algo de palavra-corrente-elétrica que passou por mim e, desde então, carregou meu corpo de outras partículas, de outras células pensativas. A não ser, talvez, a lembrança da forte existência do *entre* – daquilo que gruda no corpo, fica na alma, se movimenta entre o

⁴ rancière, JACQUES. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

espectador e o espetáculo. Mas eu não sabia bem onde estava. Fora de cena provavelmente. O *entre* que está sendo roçado cada vez mais perto.

Com toda a tragédia do piloto do avião, ele não ousou desobedecer ao pedido do garotinho:

– *Por favor... desenhe uma ovelha para mim!*

– *O quê?!*

– *Desenhe uma ovelha para mim...*

O mistério de sua aparição o impressionou tanto que tentou fazer o desenho. No entanto, meio desconcertado, não sabia como desenhar a ovelha para o menino príncipe. Tão somente sabia fazer desenhos de jiboias abertas ou fechadas.

“Jiboias abertas e fechadas”: nelas cabem meus lápis gastados em pinturas de baianas e tintas e pincéis combinados em alguns quadros. Uma simpatia artística construída nas aulas de Educação Artística e que de algum modo tem me percorrido intensamente e acabou escapando para outros lugares. O componente artístico entrando, *agenciando*, então, com a matemática. A Matemática que serviu de formação acadêmica e contagiando-se com a arte se fez pesquisa para uma educação matemática. Pesquisa com matemática e arte. Alguma coisa *entre* matemática e arte e matemática. Entre matemática e arte cruzaram-se as linhas das experiências do Grupo de Estudos Contemporâneos e Educação Matemática, ou o que dá no mesmo, o GECEM, circularam afetos com a professora CLÁUDIA flores numa oficina que se nomeava *Matemática e Arte: uma perspectiva necessária*.⁵ Isso há pouco mais de três anos em uma viagem à Curitiba, na edição décima primeira do Encontro Nacional de Educação Matemática. Na oportunidade oficinemos matemática com a arte de Piet Mondrian. Ali, foi um encontro de pesquisas com o qual, um tempo depois, me abriu para outros lugares. Fez-se um deserto: o norte da pesquisa de **matemártística** estava no sudoeste, depois se afastou indo mais ao sul... Encontrei-me aprendendo a desenhar “ovelhas”. *O espectador emancipado* tornou-se meu primeiro rabisco nesse sentido ou pode-se pensar a professora CLÁUDIA como minha primeira indicação para o sul...

⁵ zaleski filho, DIRCEU. Matemática e arte: uma perspectiva necessária. In: ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática, 11., 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2013.

De lá pra cá o espectador se multiplicou em tantos outros espectadores, desencadeando uma série de outros rabiscos, cada vez mais esparramados, cada vez mais cheios de dimensões e cada vez mais conectados.

Num resumo dessa expedição...: de uma viagem para o sul, carregando bagagens de matemática e arte, desembarquei num território desconhecido. O território logo se torna um grande deserto, pois há nele muitas possibilidades de andar e outras alianças a fazer entre matemática e arte enquanto processo de pesquisa. Ventos mais intensos passavam por ele. Mas, no meio do deserto levei meu primeiro susto: encontrei um espectador que insinuava muito discretamente outros tipos de desenho de pesquisa em educação. Um tipo de desenho para além de jiboias, que seriam meus primeiros desenhos de matemática e arte. Fui convocado a desenhar “ovelhas” nesse deserto. E logo fui informado da existência de muitas delas as quais tive muita dificuldade de fazer alguns traços no início. O desenho de ovelhas que se liga a leituras; comporta corpos e em cada um, um traço, um rabisco, uma forma, um pensamento que faz deslizar o lápis e inventar alguma coisa que se conecta em outra coisa... Uma cartografia, por exemplo. Eu estava sendo afetado (apresentado) primeiramente por (a) eles: CLÁUDIA flores, JOÃO moraes (2014), CÁSSIA schuck (2015), MICHEL foucault, WALTER benjamin, GILLES deleuze, JORGE larrosa, PABLO picasso, CRIANÇAS do Ensino Fundamental I... Alguns bem desconhecidos por mim. Nesse exercício, aprendi traços ovelhísticos riscados de descontinuidades e, por isso, meus desenhos acabaram se deformando, uns acabando com o traço já aprendido. Um processo assim que levava a desconstruir outro e outro e...

(Meus primeiros desenhos foram muito frágeis e silenciosos, arrepiantes.)

Tantas coisas se lançaram no caminho da pesquisa, inclusive, no pensamento da própria vida e da vida como ligação do pensamento da pesquisa que a parte que considerava firme para ser pisada, não resistiu às invasões. O caminho sacudiu-se por inteiro. Foi difícil enxergar um lugar fixo nele – no caminho que se fez fenda. Nada funcionava mais com firmeza, em verticalidade. Sobraram crises, medo, desordem. O pensamento da pesquisa e da vida se mexeu nessa vibração, vulcanizando lavas, enxurradas de outros pensamentos, de pensamentos impensáveis para os quais devia saltar. Fui aprendendo, juntando as coisas e guardando-as em pastas. Mais ou menos como o avião. No embarço de seu desenho, nas tentativas frustrantes de desenhar uma ovelha para a criança – uma muito doente, outra de jeito mais velho – se

irritou! Desenhou uma caixa e deixou a ovelha lá dentro. Organizei assim os primeiros artigos, livros, as primeiras desconstruções, os primeiros escritos, o desafio de ser provocado a trabalhar com crianças do quinto ano. E num pensamento que pensava a educação das crianças muito diferente. Um desafio lançado já na escolha da viagem para o sul.

Estive ansioso.

Depois veio a ideia de dar potência à arte cubista e pensar matemática. Fui provocado, aí, por flores. A arte cubista com a matemática com crianças. Tudo conectável. Habitar um espaço com arte cubista com a mat... e vivê-lo, experimentá-lo. Fazer oficinas com imagens e produções de imagens ecoando um modo de ver cubista e os sons de matemática lançados nesse eco, pensamentos de *matemáticas*. Aprender a cartografar... Aprender com as experiências. A fazer uma pesquisa (com/de/pela) experiência. Produzir saberes das experiências, das intensidades vividas de forma aleatória nos encontros que vamos tendo em nossas existências (rolnik: 2014, p. 70). Nos encontros com autores, pensamentos, pedrarias (que não diz nada de preciosidade, mas de durezas, deformações, etc.), matemática, arte, crianças, cubismo... Ao mesmo tempo, mapeá-las, superpondo-as. Criando cartografias. Fazendo, cá, uma cartografia.

O pequeno que guardou nas mais serenas palavras o vazio do mistério de sua existência, compõe comigo a vida como pesquisa como vida. Aí, uma literatura feita de tantos inusitados que não consegui me separar depois de tantas tentativas desastrosas de escovar, amansar palavras para compor algum texto. Agencio-me a ela, juntos, co-funcionamos. Fazemos comunhão. Comunhões de mesmo significado **criancês** de *Manoel por Manoel*:

...Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando eu era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão.....

.....
.....

.....Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz

comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas.....

.....
.....Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

– (barros: 2015, p. 15).

Manoel por Manoel: uma passagem para o pensamento, para agenciamentos.

Eu e o pequeno príncipe, por exemplo: a gente tinha se encontrado. Aconteceu isso.

Até aqui aprendi muitas coisas. Uma delas e bem enorme é sobre o próprio aprendizado da pesquisa: parece-me que só conta o movimento em vias de se fazê-la. Em vias de deserto. Em vias de se perder, arriscar, dar voltas, aperigar. Em vias de encontros – bons ou maus encontros – inusitados ou não. A segunda delas é que a experiência já não faz parte do pesquisar. A experiência da pesquisa é sentir-se presente nela. É experimentá-la em todas as suas alianças. Em toda sua produção. “O menino e o sol”, “o pássaro e sua árvore”...

Jeito de *in-tenção*

A-final, o que se quer deste texto, com este texto-meio, este texto-travessia, com este texto-experiência (**experitexto**), texto-cartografia (**cartotexto**)? – *O que é que você está fazendo aí?* – perguntou o aviador à criança.

Que intenções? Brincar com palavras? Tornar-me poeta? Se há uma “intenção de” ou uma “vontade de”, não descarto, de saída, a última: Ah, quem me dera ser (tornar-me) poeta, cantava TOM jobim. Possivelmente, operar coisas na invenção – que é experimentação, não genialidade (larrosa: 2009), no próprio texto que é constituinte de aventuras, construções e desconstruções, composição e decomposição; que é feito e efeito de despojamentos.

No entanto, não nos esqueçamos de anotar: *constituínte* e não *constituído*. A diferença entre essas duas palavras está, para além do sufixo, no tempo. A primeira, mais perto do tempo da experiência: em constituição, em movimento de constituição, no atravessamento ou, se quiser, na travessia. A segunda, ao contrário da primeira, é a constituição, o já substancializado. O movimento cessa. Uma organização se aloja. Na atribuição de outra palavra, se institui. É o tempo que ordena.

Este texto é então um texto-constituínte, o tratamento de um texto(em)movimento. E nessa mesma ideia podemos pensar este texto com a palavra construção – um texto-construínte – ou com a palavra composição – um texto-**comPointe**.

Já disse duas ou mais vezes que o roteiro desta pesquisa se cria (está se criando) no próprio processo de experimentação dela, ainda que tenhamos algumas “intenções” e “organizações”, mas podendo a todo o momento ser modificadas. *In-tenções* e *in-organizações*, por isso. São intenções em movimento as quais não necessariamente fecharão um roteiro. Roteiros em balanço. Este que se está em **escrissão**. Dizendo de um modo próximo ao vocabulário deleuziano, ele circula rizomaticamente, é aberto como a grama. Logo, um texto em que não tem como dizer o que está por vir. Ou dizendo com FERNANDO pessoa: que só olha para a estrada antes da curva.

E foi assim que fiquei conhecendo um jeito de pesquisar.

Ecos e semiconfidências da arte-relação-matemática

Ao continuar minhas reflexões inspiradas no livro de saint-exupéry-príncipe, uma parte dele me chama muito a atenção e decido apresentá-la e in-tencionar alguns critérios de pesquisa. Trata-se da parte em que o aviador tem alguns lampejos da suposta vinda do príncipezinho, do lugar onde habita e das preocupações que nele é convivido.

Precisei de muito tempo para entender de onde ele vinha. Palavras ditas por acaso, pouco a pouco, foram me revelando tudo. Assim, quando notou meu avião pela primeira vez, perguntou:

– *Que coisa é essa?*

– *Não é uma coisa. Isso voa. É um avião. É meu avião.*

– *Como assim! Você caiu do céu?!*

– *Sim – disse eu com modéstia.*

– Então você também está vindo do céu! De que planeta você é?
Logo tive um lampejo sobre o mistério de sua presença e perguntei de repente:

– Então você vem de outro planeta?

Imaginem como fiquei intrigado com aquela semiconfidência sobre “os outros planetas”. Por isso, fazia de tudo para saber mais:

– De onde você vem, garotinho? Para onde quer levar minha ovelha?

Um mapa de in-tenções se cria nessa afetação com o mistério do pequeno príncipe. O que pode o lampejo do aviador lampear ou movimentar uma pesquisa? Uma in-tenção de pesquisa? Algumas semiconfidências ajudam a inventar e abrir caminhos para imaginar um trabalho de pesquisa: semiconfidências da matemática, da arte, da educação matemática, de crianças, de experiências, de cartografia, do GECEM, do cubismo... Todos em conexão, que formulações apontam ou lampejam? Em que comunhões essas vozes-semiconfidências entram? Que programas-ou-plano-de-experiências se conjugam uma na outra? Como um outro “planeta” de pesquisa pode comportar uma invenção de arte e matemática e criança e fazer pesquisa com matemática e arte e crianças? O que se busca passar entre essas semiconfidências? Que linhas compõem arte, matemática, crianças, cubismo, uma pesquisa em educação matemática? Que linhas se emprestam? Que linhas se podem criar? Que mistérios da criança percorrem uma *pesquisa-deserto*, no deserto?

Arte e matemática. Matemática e arte. O que uma tem a ver com a outra? Antes de tudo, uma advertência! Houve muito o caso de uma matemática que se assume arte, uma arte que se assume matemática. Uma matemática que imita arte e uma arte que imita matemática. Uma matemática que passa pela arte e arte que passa pela matemática, uma dupla incitação do encontro da matemática e a arte. Esse talvez seja um “planeta” já conhecido onde artificialmente conceitos se expressam na arte, inspiram a arte, aplica-se a ela. A arte expressa com matemática. Mas o que uma tem a ver com a outra no sentido de fazer alguma coisa *entre* matemática e arte, *entre* arte e matemática? Alguma coisa entre matemática e arte sem que uma venha a querer “tornar-se” a outra. Como simpatizar arte e matemática no ENTRE a arte e matemática. Um *dever-matemática-da-arte* que não consiste em se passar pela arte, a imitar a arte, em se identificar, em assumi-la. Mas, aprendendo com deleuze, agenciar alguma coisa entre matemática e arte?

Matemática-ENTRE-arte: o pensamento, mexer olhos da matemática na imagem, com imagens da arte que convocam a pensar matemática (flores: 2016), inventar *matemáticas*, portar pensamentos de matemáticas, montar artes da matemática com imagens da arte, sacudir olhares em torno de tracejados cubistas e criar matemáticas, visualidades, pensar matemáticas. Arte e matemática: uma forma *entre* que pensa. Um lugar vivo e pensante, de coisas a dizer, a fazer, a movimentar. A arte com a matemática e a matemática com arte é, assim, movimento que pensa (idem). A princípio, questões da matemática e arte, que não usam o traço acostumado de procurar tão só geometrias da matemática na arte.

É preciso
transver
o mundo.
– (barros: 2015, p. 102).

A matemática e arte então se transvê no pensamento. Daí se vê além das tentativas tecnicistas, psicologizantes e representacionais (da matemática com a arte) (flores: 2016, p. 504).

Nota de visualidade

Transver, *arte-relação-matemática* no pensar, acena, antes, para a teorização da perspectiva da visualidade para a visualização na Educação Matemática (flores: 2013^[a]) sobre a qual persegue uma prática, uma operação, um movimento, um exercício, uma mobilização, um disparo de modos de olhar e pensar (matemática-s) por meio da imagem. Portanto, um suporte teórico e metodológico que aqui se in-tenciona para além do e no processo cartográfico.

Tomada como uma nova tendência para a pesquisa sobre visualização matemática, essa perspectiva transpassa, oferece instrumentos para trabalhar com a questão do visual para a educação matemática em que, na contramão da visualização, que se preocupa com a aprendizagem de conceitos e a desenvoltura de habilidades visuais (flores: 2013^[b], p. 3), passa a visualidade. Essa última, na pesquisa em educação matemática problematiza o modo como olhamos, isto é, que para além de ser apenas uma percepção natural e fisiológica, como muitas vezes podemos imaginar, é forma-efeito-sensação de uma construção histórica e cultural que (in)forma como vemos e produzimos discursos em torno

desse modo de olhar (idem). Discursos em torno da (des)proporcionalidade, do que se vê “direito”, “estranho”, (des)ordenado; de uma imagem que se vê perspectiva, de uma imagem que se vê profundidade, por exemplo.

Experiências (do olhar), assim, se produzem (bem como do corpo que treme diante da imagem). São sentimentos que atravessam a pele daquele que se põe a olhá-la. São saberes que entram em funcionamento. Pensamentos que nos esperam no devir-imagem do olho, do corpo todo que está cheio de afetos, sempre num universo em relação. E a matemática pode ser um agente desse afeto, dessa relação, de um modo de pensar (flores: 2016).

No caso deste trabalho, pode-se indagar o que as imagens cubistas podem, então, dar a pensar à crianças de um 5º ano...

Lampejos ainda. Semiconfidências da criança

Na semiconfidência da criança.

Algumas centelhas da criança.

O que dizem as crianças nesta pesquisa? Como as crianças fazem parte nela? Primeiro, elas são relações vivas da pesquisa, se movimentam num duplo encontro de pensar a pesquisa e ser também movimento nela. Muito a propósito da criança-príncipe no deserto, que experiencia os acontecimentos (o encontro com o aviador, o avião caído no chão, as naturezas do deserto, a ovelha...), contempla as paisagens do deserto, nos seus devires, nas coisas que levantam voo e fazem parte do espaço de seu andar, fechada a explicações e racionalidades, mas aberta a inaugurar mundos, outros mundos, a pensar, talvez, a criança que se exprime em ovelhas através de caixotes, no devir-ovelha do pequenino. Seja talvez esse um sentido mais aliado ao *fazer-se* da pesquisa: a pesquisa como *pensamento-criança*, *devir-criança*. O processo de estar sendo criança. Uma pesquisa que se preenche de um novo tipo de afeto.

O outro, além de conectado a um pensamento da pesquisa, é mais ligado à aprendizagem: àquela que segue a via dos encontros e dos amores e não os métodos de uma pedagogia sempre impotente, ultrapassada pelas paixões (schérer: 2005, p. 1191). Trata-se de encontrar outras arrancadas do aprender da (com) criança no encontro da matemática-entre-arte. A criança que pensa e produz pesquisa na sua própria experiência e não aquela que está sempre em função da exigência de se tornar adulto, que não pode educar a si mesmo, uma espécie de projeto de adulto, cujas carências devem ser supridas pelo educador ou pedagogo (schérer:

2007, p. 3, tradução livre); a que sugere perguntar: como experimentam matemáticas no seu passeio com imagens que dão a pensar “cubismos”? O que se cria nesse encontro para além ou fora de uma matemática de rótulo intelectualizado, mais “científica”, mais “aceitável”? Como elas se veem experimentando “aulas de matemática” entre a arte? São essas algumas listas de preocupações e mistérios que guardo nesta tarefa de cartografar.

Lampejos outros ainda. Semiconfidências do cubismo

Sobre a semiconfidência da forma artística cubista: também há ao menos dois lampejos a anotar. Um que lança faísca no cubismo enquanto outra visão de mundo, outro clima de pensamento, outra sensibilidade artística. Mais para a apreensão do mundo num dinamismo de espaços em movimento (ostrower: 1998). Resistentes aos princípios da perspectiva tradicional no Renascimento, os pintores cubistas envolveram-se com uma prática e uma técnica artística que se move pela *imaginação* no lugar de uma plasticidade da *imitação* da natureza. No olho poético de GUILLAUME apollinaire, assim se vê esse envolvimento:

– Ao representar a realidade-concebida ou a realidade-criada, o pintor pode dar o efeito de três dimensões; pode, de certa forma, *cubicar*. Não poderia fazê-lo representando simplesmente a realidade-vista, a menos que forjasse o *trompe l’oeil* com o escorço ou com a perspectiva, o que deformaria a qualidade da forma concebida ou criada (apollinaire: 1997, p. 24).

Os pintores cubistas, assim, provaram de uma arte diferente. Uma arte que provoca sensações diferentes. Uma arte que, atravessada por elementos históricos e culturais ressonantes da modernidade, acende um prazer estético outro, um modo de olhar outro relacionado a uma sensação vertiginosa que parece nos deixar desequilibrado.

Ora, talvez, seja o cubismo um dos estilos artísticos que tenha maior transitabilidade ou maior alcance na educação matemática, do ponto de vista utilitário da obra artística. Mas não refletindo nesse pressuposto, imagens cubistas aplicam-se também para se pensar/operar/inventar matemática enquanto relação entre a arte. Por exemplo, pode ser interessante perguntar: que efeitos resultantes de um estilo cubista experimentam as crianças? Que saberes matemáticos podem ser colecionados ou colocados em jogo ou experimentados com imagens cubistas?

O segundo lampejo **cubicante** pode indicar a própria dimensão ou plano da pesquisa: um plano que é abstrato, formado por caminhos

(linhas) diversos funcionando ao mesmo tempo. Um plano que constitui os próprios mapas da cartografia, isto é, os movimentos e afecções que são articulados com e entre essas “semiconfidências”. E aí se diz das potências de vida que são introduzidas nessas articulações, que ora podem enfraquecer, ora tornar-se mais fortes.

Encontros com ariticuns maduros e asteróides

Sabendo dessas coisas, ou melhor, afetando-me com as semiconfidências faiscadas, poderia in-tencionar que nesta cartografia levo comigo preocupações com outra matemática-relação-arte, relação-criança, relação-pesquisa em si em Educação Matemática.

Volto a pensar no avião e no seu lampejo sobre o paradeiro do pequeno príncipe. Tem uma parte da história que se encontra um canal de efetuação da pesquisa. Ao menos um canal que pode fazer entrar ou emergir algumas questões. Lembra-se de que o avião desenhou um caixote para guardar a ovelha dada ao pequeno príncipe? No deserto, o avião volta a tocar no desenho que lhe havia feito e pergunta ao menino:

– *Para onde você quer levar minha ovelha?*

O avião diz que ele respondeu depois de meditar em silêncio sua pergunta:

– *O bom caixote que você me deu é que, de noite, pode servir de casa para ela.*

– *Claro. E, se você for bonzinho, também vou lhe dar uma corda para amarrá-la durante o dia. É uma estaca.*

– *Amarrar? Que ideia maluca!*

– *Mas, se você não a amarrar, ela vai sair por aí e se perder.*

– *Mas você acha que ela vai para onde?*

– *Qualquer lugar. Vai indo reto em frente...*

– *Não faz mal, é tão pequeno lá em casa!*

– *Reto em frente ninguém pode ir muito longe...*

Algumas coisas chegam ao pensamento. Ouso pensar duas delas. A primeira se refere ao desamarramento desta pesquisa. Desviar, fugir, encontrar outros lugares, dar forma a ela. Aliás, é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros, conta MANOEL de Barros (2016, p. 63). Se estacado em uma estratégia que não procura dar potência à vida, a esses encontros, que segue linearmente a estrada,

talvez não pudesse me levar muito longe nas intensidades do pesquisar, não me carregasse para novas criações. As intenções se constituiriam outras; intenções, talvez. A pesquisa seria então outra. Sua trama seria outra. Certamente não devindo ou acompanhando a circulação dos afetos entre as coisas. Talvez aí não conseguisse encontrar ariticuns.

A segunda ousadia está mais perto do lugar de onde veio a criança no deserto. Desconfia o aviador que o seja pequeno, pequeno como ela mesma:

– o planeta de origem dele era pouco maior que uma casa. Eu sabia muito bem que, afora os grandes planetas como Terra, Júpiter, Marte, Vênus, que têm nomes, há centenas de outros às vezes tão pequenos que mal podem ser avistados no telescópio. Tenho sérias razões para acreditar que o planeta de onde vinha o principzinho é o asteroide B 612. Esse asteroide só foi avistado uma vez no telescópio, em 1909, por um astrônomo turco.

Que interessante... Um príncipe de um asteroide. Pequeno, desconhecido... Isso dá um golpe, ou melhor, forma uma correnteza que me inunda na pesquisa. Uma *pesquisa-pequena*? Já havia dado essa característica a ela uma vez. Uma *pesquisa-menor*? Uma minoridade de pesquisa, que tal? Imagino que bastante oportuno para as mobilizações de que ela exercita. Terra, Júpiter, Marte são planetas de grande reputação entre inúmeros outros (não arrisco a falar muito de planetas...). Mas o asteroide B 612 tem jeito de ser menor ou mesmo de nem existir em termos de que pouco se sabe dele, de que tem pouca reputação, ou será que me engano? Terra, Júpiter... como planetas constituídos, teriam um modelo, ao passo que B 612 pode ocupar talvez um não-lugar, ser nada. De um lado, planetas, uma pretensão majoritária: um corpo celeste maior. De outro, um asteroide, uma invenção celeste que é minoritária, é devir. Seguindo esta lógica, de um lado temos a pesquisa hegemônica, que impõe modelos e dentro de sua organização majoritária faz torna-se científica. De outro, uma pesquisa pequena, uma pesquisa do processo, que comporta devires – uma durável transformação. Uma *pesquisa-asteroide*, cuja atitude tende a se torcer, a se quebrar, a roer essa hegemonia, embora possa criar modelos, no entanto sem depender deles (deleuze: 1992). Então, nesse jogo de corpos celestes, encontro-me com uma pesquisa-pequena que ainda abre-se para outro lugar: o da matemática e arte. O modo como foi se constituindo essa relação aqui pode ser visto do ponto de vista minoritário; quebra-se sua pretensão majoritária de racionalizar a arte

pela conceituação matemática, de modo que fosse possível trabalhar quadrados, círculos, retas... artísticas e significá-los pela matemática, por exemplo. E isso não cai em julgamento de ser bom ou ruim. Apenas se *desvê* – como em *manoelês*. Não cabe no modo como se in-tenciona nesta pesquisa, torcendo, quebrando, se pondo a serviço de agenciar alguma coisa entre arte e matemática, matemática e cubismo e criança – pelo exercício do pensamento (flores: 2016). E ainda levando a tomar outras conjunções: o cubismo como experimentação do feio, da desordem; de uma matemática que pode ser estrangeira em sua própria linguagem conceitual.

Um tanto racional, o aviador explica que contou os pormenores sobre o asteroide e seu número para, apenas, satisfazer os adultos. *Gente grande gosta de números*. Completo: o adulto tem aspiração a esse jeito racional de se comportar, que busca verdades, cientificar as coisas. E não que isso não seja importante. Podemos nos perguntar até que ponto o é. E o que se perde no meio desse caminho? Vejo que mais coisas me inquietam, lateja o pensamento, treme o corpo.

– Assim, se lhes dissermos: A prova de que o principezinho existiu é que ele era encantador, ria e queria uma ovelha. Querer uma ovelha é prova de alguém existe, os grandes darão de ombros e nos chamarão de criança! Mas se dissermos: O planeta de onde vinha é o asteroide B 612, todos ficarão convencidos e nos deixarão tranquilos com suas perguntas. Gente grande é assim. Não devemos querer-lhe mal. As crianças precisam ser muito compreensivas com a gente grande.

É este um sentido muito próximo pelo qual se vê/imagina a criança tutelada por gente grande; por gente que tenta armá-la para o saber racional. Onde, na gente grande, a razão ganha um lugar considerável e também o trabalho e na criança a sensibilidade ocupa seu corpo. Só as crianças, vendo o adulto trabalhar, *ficam com o nariz esborrachado contra os vidros da janela. Só as crianças sabem o que buscam* – disse o principezinho ao guardador de chaves de uma estação que passou por ele. – *Gastam tempo com uma boneca de trapos, que se torna muito importante, e se ela lhes é tirada, choram...*

Acontecimentalizar

No gosto desses encontros com o livro, a pesquisa ganha outro jeito de verdade. Ganha outros nomes dos quais poderiam ser, nas

invenções do trio de professores-e-pesquisadores tadeu-corazza-zordan: *Pesquisa em fuga, Rizomática, Artística, Micropesquisa, De-mil-nomes...* (2004, p. 9). Ainda, cá me surge, *Pesquisa-fluxo, Pesquisa-vida, Pesquisa-asteroide, escape, de-mil-outros-nomes...*

É muito cedo para dizer que “esta pesquisa é...”. Talvez não seja nada para além de uma pesquisa de poder dominante acadêmico, dominante. Talvez sejam todas essas. Pode ser que no fluxo das próximas palavras aconteça de se inventar novos nomes ou fazer escapar outros. Deixo-as no ar. Mas, todas elas, em sua operação e atmosfera, criam um nevoeiro e embaralham os caminhos retos da razão e da objetividade e quando o céu se abre e o sol desponta, já não será mais função delas pesquisar estados de coisas, proposições, objetos, sujeitos, matérias, corpos e representações, números, explicações, origem das coisas... senão operações que se movimentem (como as...) da árvore e seu verde ao verdejar (tadeu-&corazza-&zordan: 2004, p. 10). Será função dar língua a esse acontecimento, esse devir-verde da árvore, esse tempo de passagem, do tornar-se verde, do verdejar. À medida que começam a despencar folhas verdes, o processo acaba. A árvore é verde! E seu estado de verde não tem muito sentido para a atividade de pesquisar ou que dá no mesmo: a pesquisa não se reduz ao atributo “verde”. É o seu fim. À exceção de que a árvore entre em devir-outono e remonte outros acontecimentos, outros processos tais como novas incidências de iluminação, de ventos, de temperatura...

Outro exemplo que força a pensar o acontecimentalizar da pesquisa – e também para terminar esse parágrafo – é o haicai de PAULO leminski:

o tempo
entre o sopro
e o apagar da vela
– (leminski: 2013, p. 13).

O que se faz no tempo entre o sopro e o apagar da vela poderia estar a autenticidade da pesquisa. É nesse acontecimento mesmo que ela se instala. É nessa atitude que a pesquisa se torna especial. É extrair aquilo que não se deixa fixar pela vela apagada.

Questão-de-experiência

Entre todos os trajetos percorridos até aqui, e meus encontros e desencontros, penso que se pensar em uma “mala” de viagem que me acompanha, ela estaria um tanto pesada de coisas. É possível que dela

haja coisas que podem me deixar em perigo, e coisas que dela mais me afetam, ou seja, são de potência, abrem canais de pesquisa. Nesse sentido arrisco embarcar na constituição de uma realidade de pesquisa que comporta em sua criação, uma questão-problema de passagem, questão-problema-carona ou simples *questão-de-experiência*. Não bem um problema, pois um problema a produzir, na verdade, será infactível. *Teorias-linguagens*, neste caso, movimentam a invenção do problema, fornecem coordenadas para o percurso da pesquisa. O problema dá passagem para *teorias-linguagens* à medida que há compreensão de que não existem os problemas porque não existe uma realidade-referente, onde ir buscá-los (corazza: 2007, p. 112).

Aí se entende que o conhecimento que se produz numa investigação-experiência não resulta de uma realidade preexistente. O conhecimento é um trabalho de invenção, de engendramento, de suspeição, de pulsações, impulsões. O conhecimento é o efeito dos instintos, é como um lance de sorte, ou como o resultado de um longo compromisso (foucault: 2002 p. 16-17).

Assim:

– *realidade* não é uma coisa – uma situação, uma condição, um estado – que possa ser vista, analisada, investigada “no que realmente é”; nem existem enunciados que sejam mais adequados à esta coisa, ou que a representem de forma mais conveniente, mais pertinente. Assim, não é possível encontrar *a verdade* na/da realidade, ou a realidade verdadeira; bem como, não existe *a falsa* realidade, vista e falada de determinado ângulo enganoso. Por exemplo, não há, como querem algumas/alguns, “a realidade educacional brasileira”, mas tantas *realidades*, quantas sejam aquelas que podemos enunciar, conhecer, pensar, discutir, disputar sobre se chamamos *aquilo* de realidade educacional brasileira, ou não; tantas realidades educacionais brasileiras, quantas as que temos condições históricas – e linguageiras – para descrever. (corazza: 2007, p. 113).

E as questões feitas àquilo que chamamos de *realidade* são constituídas pela(s) perspectiva(s) teórica(s) de onde olhamos e pensamos esta mesma realidade (ibidem: p. 112-113). Ora, quantas sejam as *realidades* aqui enunciadas, ousa-se caminhar (cartografar) nas (as) cinemáticas e intensidades da matemática que *vaza* pelas crianças no acontecementalizar de oficinas com produções artísticas do cubismo. Ou de produções que dão a pensar a prática visual cubista. Que matemática *vaza* pelas crianças no *acontecementalizar* de oficinas com produções artísticas do cubismo. Ou de produções que dão a pensar a prática visual cubista?

Sobre ofcinar

Oficina: local, lugar onde se exerce algo, um ofício, uma atividade. Um espaço onde se pode produzir alguma coisa com alguém. Uma inventaria.

: um espaço de (...) aprendizagem inventiva, no sentido em que ali tem lugar processos de invenção de si e do mundo. Como espaços coletivos, são territórios de fazer junto. O processo de aprendizagem inventiva se faz através do trabalho com materiais flexíveis, que se prestam à transformação e à criação. Os participantes da oficina estabelecem com tais materiais agenciamentos, relações de dupla captura (Deleuze, 1998), criando e sendo criados, num movimento de coengendramento. Nas oficinas ocorrem relações com as pessoas, com o material e consigo mesmo (kastrop-&-barros: 2012, p. 84).



oficina-caleidoscópio: Olhar, brincar, artistar, (trans)formar(-se) no quintal da escola. Retrato no dia-de-oficinática

Fabricam-se *oficinas-experiências* com as crianças, ou no lado de seu sobrevoo, um *oficinar-de-experiências*. Uma maquinação de

criações entre imagens que mobilizam imagens e invenções de imagens cubistas.

Entre arrepios e um gesto de atenção, as oficinas dão forma a um documento importante de experiências das crianças. Fazem parte de produçãoinvenção (pérez-&-leite: 2015), abrem espaços para saberes partilhados nas andanças e presenças no mundo com o qual, aqui, se agenciam as possíveis andanças minhas e das crianças e de tantos outros que nos atravessam numa experiência com arte e matemática e crianças...

Oficinar-matemática-entre-arte. Uma invenção de deformações (no pensamento). Um lugar onde se pode coletivamente derrubar muros, fazer vaziar coisas, e ver outros saberes, deixar o conhecido e aprender outras formas de viver, de pensar e nos relacionarmos com a educação, com a pesquisa em educação matemática,

deforma(ndo)

o mundo,

tira(ndo)

da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde,

por exemplo

– (barros: 2015, p. 102).

QUANDO A PALAVRA FOGE E A PÁGINA ESCURECE.

Um poesar para o silêncio (em pesquisa)

Escrever

nem uma coisa
Nem outra –
A fim de dizer todas –
Ou, pelo menos, nenhuma.
Então

Escrevo

nem uma coisa
Nem outra –
A fim de dizer todas –
Ou, pelo menos, nenhuma.

.....
E no silêncio
alguma coisa fulgura –
se **poesa** –
Com Barros –
Barronês de Manoel.

eu com MANOEL DE Barros: 2015, p. 72-73

No virar das folhas não tinha mais corpo para lidar com acontecimentos, nem palavras para compor invenções de uma pesquisa. As levezas do convívio com o estudo estavam sendo atacadas pela incerteza das coisas da pesquisa, no que acabava de ir-se dela, na incerteza do que vir(i)á...; com o cansaço e as intensidades que nos e me acomete. Entendi que nesse desandamento estava embaralhado e sem forças para sentir palavras.

As mãos no calor do verão **buliçavam**.
Uma tempestade na alma se ateava.
O medo da solidão.
O desejo de ócio.
Então,
no meio do caminho
escureceram-se as páginas.

(Então, o dissertar)

Como crise habitante!
Seria essa uma maneira de estar.
Estar de maneira uma essa estudando,
pesquisando.
Seria no fazendo
no ...ando...
Percebi que se tratava de uma aventura.
E reinventou o olhar – em forma de **poesar**.
E o pensamento se **exponhou**
como valência de uma poesia.
Uma poética potência de pensamento.
O nada.
E coisa nenhuma...
Vagando-me.
Divagando-me.
Apenas exercitando o silêncio no espaço meu.
No espaço de um estudante
que veio me futricar JORGE Iarrosa.
Um espaço aqui, livre, liberado.
Fora da extensão dos lugares concretos
e dos territórios marcados.
Espaço aberto, indeterminado.

Por isso o estudante
vaga,
divaga,
vagabundeia.

Extravagante, o estudante dá voltas e mais voltas,
se move lentamente,
se permite rodeios,
se oferece paradas,
se detém.

– (Iarrosa: 2003, p. 19).

Em minhas voltas e revoltas os ventos pesquisativos insistiam não parar de assoprar. Brisavam entre livros e anotações no colchão, no espaço do sono, mesmo sendo bombardeado por outras desimportâncias. Os ventos batiam num corpo-em-pesquisa, num pensamento-em-pesquisa. Os ventos não escaparam de bater na experiência de um trabalho de cartógrafo. Ele atravessava, inventava saídas, me atravessava, me reiventava, me desorientava no processo de elaboração de cartografias. E eu me vi acariciando-os de sentido: de intervalar, uma duração para intervalo, de deter, uma duração para detenção e a expedição apelou para uma corrente de ar em retaguarda, recuando-se na visada **descansória** das palavras, deixando marcas de seus desencantos...

e
o
t
e
x p
t o
m o r r e u
 n
 d i a s
 s
 l s
 i
b e m

n

t

a

m

e

n

t

e

...Lentamente, assim, fui **rodeando**, invencionando, rearranjan-
do fraturas, estabelecendo relações com o presente que me apresenta e
eu me estimei na demora de um pouco de poesia. Na demora do deixar
(-se) dar passagem aos afetos (com poesia). Na in-tenção de relançar o
convite às palavras, para oferecer às folhas, memórias de experiências,
uma vez que elas estão **fuginôme**. Foi aí que fiquei nessa de
Escrever

nem uma coisa

Nem outra –

A fim de dizer todas –

Ou, pelo menos, nenhuma.

– (barros: 2015, p. 72-73).

INVENCIONÁTICAS E INTERVENCIONÁTICAS

Montagens e desregulações do oficiar cubismos e recepções à criança

Tentei montar com aquele meu amigo que tem um olhar descomparado, uma Oficina de Desregular a Natureza. (...) Ele propôs que montássemos por primeiro a Oficina em alguma gruta. Por toda parte existia gruta, ele disse. E por de logo achamos uma na beira da estrada. Ponho por caso que até foi sorte nossa. Pois que debaixo da gruta passava um rio. O que de melhor houvesse para uma Oficina de Desregular Natureza! Por de logo fizemos o primeiro trabalho. Era o *Besouro de olhar ajoelhado*. Botaríamos esse Besouro no canto mais nobre da gruta. Mas a gruta não tinha canto mais nobre. Logo apareceu um lírio pensativo de sol. De seguida o mesmo lírio pensativo de chão. Pensamos que sendo o lírio um bem da natureza prezado por Cristo resolvemos dar o nome ao trabalho de *Lírio pensativo de Deus*. Ficou sendo. Logo fizemos a *Borboleta beata*. E depois fizemos *Uma idéia de roupa rasgada de bunda*. E *A fivela de prender silêncios*. Depois elaboramos *A canção para a lata defunta*. E ainda a seguir: *O parafuso de veludo*, *O prego que farfalha*, *O alicate cremoso*. E por último aproveitamos para imitar Picasso com *A moça com o olho no centro da testa*. Picasso desregulava a natureza, tentamos imitá-lo. Modéstia à parte.

O príncipezinho voltou a bailar em minha memória. Tive dele outras lembranças. Estava num deserto e no meio dele me vi aventurando em intensidades, chateações, empolgações, aborrecimentos, detenções, em *etceteras* de coisas. Em uma poética que acabou de se repetir – no deserto.

Já tinha andado horas e horas, dias, meses no “deserto” (e sentia-me cansado por isso). Sentei numa “duna” para apreciá-lo e devanear mesmo, mais para tornar a vê-lo. E fiquei olhando, sem falar, as ondulações por onde havia andado; imaginando as areias pisadas... Foi aí que me afetei por uma imagem do pequeno príncipe e seu amigo, o aviador. Dizia, me fazia imagem, assim: *A gente senta numa duna... A gente não vê nada. A gente não ouve nada. No entanto, alguma coisa fulgura em silêncio...*

É verdade.

Alguma coisa fulgurou naquele meu silêncio.

Estava partindo com uma ideia na cabeça: atrever-me sentir os tecidos de rememoração, os cacos de uma atividade afetiva de memórias que incorporaram uma forma de experiência coletiva dos preparativos, invencionáticas, produções e intervenção de oficinas, o que se atrevia sentir o canto do serrilho que impulsionou a fabricação de oficinas; atrevia apoderar de memórias cintiladoras de instalações oficineiras e flamejantes nas crianças, com crianças, com um grupo descomparado de pesquisa (descomparado pegado de *barronês*).

E alguém como guia-amigo me abriu os olhos para sentir os mistérios dessa fulguração da areia, para fazer falar as experiências; fazer tecer experiências de **montações** de oficinas com imagens e crianças, com imagens de crianças, com imaginações de crianças, com crianças que dão a imaginar um pensar cubista de matemáticas; do pensar matemáticas cubistas; da experiência matemática de crianças... *Matemáticas-cubistas*, na escola.

Pensar como não pensar (oficináticas)

Tentei montar oficinas (porém, também)

pensar.

inventar.

criar.

pôr no papel.

desmanchar.

pensar.

deformar.

desnaturalizar.
quebrar.
imaginar.
intencionar.
pensar.
elaborar.
atender.
criar.
juntar.
cubizar.
matematicar.
formar.
impensar.
retratar.
desenhar.
abstratizar.
reutilizar.
sensibilizar.
cultivar.
fazer.
dar vida

com aquele meu grupo⁶ que tem um olhar descomparado de barronês, uma oficina com produções artísticas do cubismo que desregulam a matemática nua entre arte. E fizemos o mês se atrasar *pra 'gente* pensar junto em officinar cubismos no espaço de crianças, no espaço que indicava 5º ano B, matutino, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. O ofício de criar se atrasou porque somente o *nada* se tornou (para mim pelo menos) um encontro para pensar oficinas. E procurei, no avesso do nada, no seu forro, apalpar invenções que pudessem dar potência a um pensamento de matemática-cubista. Entretanto, o pensamento não tinha sido provocado, impulsionado, sensibilizado, apaixonado por uma força que não fosse além daquela que ainda envolvia um poder sobre minha vontade, de fazer do pensamento uma potência da minha consciência. Estranha, portanto, a uma força do encontro, do circunstancial, da abertura, onde só o acontecimento nos espera. Não sei, já, como pensar o próprio pensamento, mas sinto um estar em não dominá-lo – não depende de uma boa vontade nossa de pensar –. Ele é uma abertura, e não uma ginástica ou uma destreza. Só se pensa

⁶ **Remembrando**, o GECEM.

numa relação aberta com o que ainda não pensamos (López: 2008, p. 63-64), no sentido vivo da tessitura que aqui vai se bordando, artistando como pesquisa. Foi o que aprendi.

Nas insignificâncias do pensamento entulhos de criatividade se amontoaram, mesmo aquelas que não levam a nada. Coisas sem importância tais como serviram para MANOEL DE BARROS poesiar.

Juro: eu pedi inspiração!

E ela não foi reta. Não foi de traço acostumado. Não veio a mim como uma condição. Veio, sim, de uma relação com o coletivo de experiências, de encontros onde o impensado acendeu o pensamento. Onde o vidro se tornou perigoso e um resto de caixa de ovo⁷ tiveram importância para ser esquecido.

Transver para ver (é (foi) preciso)

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa.

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transversar o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

(...)

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar.

– (barros: 2015, p. 102).

E mais uma vez a poesia, em minha maré de palavras e do pensamento, deu sinal, efetuou um afeto, me **imensou**:

No tormentoso corpo, a oficina (se) transv(iu)ê.

Oficina não tem pensa.

Pensa (se) aberta como um abismo invertido para o mundo...

E saí, rodeado de artistas e ensinadores de matemática aberto ao mundo, desformando o mundo:

fazendo corpo de um milhão de olhos, por exemplo.

⁷ Para o caso de um franzir de testa, refiro-me a caixa de ovo como “matéria” do pensamento encontrada para fabricar oficinas – assim como o vidro.

Um abismo invertido para o mundo

Até aqui: o projeto de pesquisa havia sido analisado, tasteado, riscado, ganhado cheiro, ganhado desvios, ganhado outras linhas de afetuosidade, delírios... Colocado, enfim, à experiência de outras vozes – que me detiveram e me fabricaram no meio do caminho e, agora, na constituição dele, nele. Tornaram-se, por isso, vozes emprestadas para esta criação. Tornaram-se também minha preocupação. Coloriram meus olhos. E as lembranças de paisagens já invadidas do fazer pesquisa integraram outras cores, outro colorido, outro tom do seu pensamento. Inverteram-me no abismo e o mundo tornou-se ainda maior. Mais aberto e colorido pela composição que se cria-ndo nos dias e noites...

Meamtorsofseie-me.

De novo, metamorfoseado, como um ambulante que se perde nos encontros do caminho (da pesquisa). Que nem RAUL seixas.

Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante...
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Eu quero dizer
Agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela
Amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio
Amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator
É chato chegar
A um objetivo num instante

Eu quero viver
Nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela
Amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio
Amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator
Eu vou desdizer
Aquilo tudo que eu lhe disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante...

Uma vez dito isso, (escutado, remexido, cantado isso) permitam-me trazer à lembrança um fragmento de WALTER benjamin, que tem um título assim:

ATENÇÃO: DEGRAUS!:

E depois segue:

O trabalho em uma boa prosa tem três graus:
um musical, em que ela é composta,
um arquitetônico, em que ela é construída,
e, enfim,
um têxtil, em que ela é tecida.
– (benjamin: 1987, p. 27).

À memória de benjamin, talvez, a experiência que estava tecendo nas linhas acima combine com esse trabalho de prosa em “degraus”, como um tipo de prosa-processo, prosa-em-obras ou na ousadia da tessitura (ou partitura): prosando-em-graus (de metamorfose). Pois foi nesse sentido operacional que o trabalho se manifesta realmente: compondo,

construindo e tecendo. Agora tudo indica que esses “degraus” se abalam nas paisagens que me tocam (nos tocam) na pesquisa. Vinculados sempre um ao outro, em uma conformidade que é, ao mesmo tempo, vida e morte, composição e decomposição, construção e destruição, tecer e destecer... (des)ordeiramente. Na intensidade que comporta seu devir. Que comporta a abertura às insistências do mundo.

O Pequeno Príncipe é um exemplo que afaga essa insistência do mundo em nós, o devir. O pequeno e sua flor, aquela que causara amor e tristeza em seu coração. Aquela quem fez fugir dos desentendimentos e aborrecimentos, quem o pulsou a partir, ir para outro lugar, voar em direção a outros planetas, em outras habitações. E o transformou. Transformou-se.

Eu parti na derrocada e prestígio de muitas flores...

E aí...

Numa segunda-feira de quentura, em 28 de Março de 2016...

Era terça-feira, porém, o vazio que me ansiava ao amanhecer deste dia, remetia a segunda, ao domingo, ao sábado, a terça passada, e, mais longe, há dois, três anos, quando o primeiro beliscar de uma pesquisa – ainda desprojeito –, provocou uma abertura na invenção de oficinas com crianças (e deu-se por definitiva a provocação). A duração desse dia vinha me durando, então, algum tempo...

Há exatamente um mês antes, quando os olhos ganharam outras cores ao me sentir exposto sob um abismo invertido e conferiram a mim o evento “Análise(-ado) de (o) Projeto de Dissertação”, muitas coisas explodiram(-se) e se estilhaçaram, tanto sobre mim quando no movimento da pesquisa – da qual não me furto –. Foram pedaços de outras gentes, pedaços de livros inteiros, de saudades inteiras, pedaços de cansaço, pedaços de exposições de arte, de fabricação de arte... Pedaços de um doce **cerejar**, lançado pela professora CLÁUDIA flores, no meio da tarde, no corredor comprido do prédio que dava até a sala 415: “A cereja do bolo, agora, será as oficinas”. Eu escutei. Parecia sentir o gosto, meio doce meio amargo, da “confeitaria” do trabalho, desse devir-cereja das oficinas, da “cobertura” inaugural de/com crianças, da paixão e da ação na relação com o processo da pesquisa. O confeito tinha ainda lugar e tempo para produzir (doces) experiências, pensamentos, saboreios, queimaduras.

Imaginava, no entanto, que os interesses que circulavam em torno da produção oficineira – e por que não quase confeitaria –, isto é, os de fabricá-la, imaginá-la, de intervir, de experimentar-la com as crian-

ças... levantaria sua ardência depois de um silenciamento, um “banho-Maria” após um congelamento de preocupações, como, por exemplo, das elaborações até a Análise do Projeto...

Na passagem do mês, transbordaram-se as preocupações aos respingos de uma chuva forte na quentura da segunda-feira de recém-outono. O dia convocava discutir, tratar, esvaziar-se, abrir faíscas do pensar, imaginar, inventar, criar, delirar... em propostas de oficinas no grupo-de-pesquisa-descomparado. No entanto, sentia-me desconcertado, estropiado em discutir... Fugiram-me invenções como as palavras. Sentia-me assim porque o território onde pisava tinha um plano movediço e eu tinha passo acostumado. Vez ou outra me fadigava em um atoleiro. O corpo, então, doía. Recaía-se pelo nada ter sido acionado. Não entendia, mas de certo não tinha tocado, pulsado, atravessado em mim formas de compor oficinas; não tinha contágios nem matéria para levar, para ser quebrada, do qual pudesse produzir alguma coisa, qualquer coisa.

O desejo, como falta de um **pensamentoficina**, foi quem me tomou. Desconfio que a tirania de um desejo que pudesse ser revelado, desocultado, portanto; alguma coisa de interesse da oficina ou que, pensando interior a mim, sob minha possessão, veio a impedir de experimentá-la no engendramento. Inclusive, provocado conflitos, desgostos e padecimentos; a tê-la feito sentir o fracasso na veia.

Como é a oficina quando ninguém passa por ela?

É bem verdade que, com os pedaços de visão que estava fabricado, minha experiência havia se achatado em todas as conexões, em todos os agenciamentos. No plano-de-experiências-de-oficinas não foram propagadas partículas de afetos, de sensibilidades. Não fui atingido, nesse sentido, por nenhuma, qualquer uma partícula. Talvez porque procurava algo “sólido”, um pensamento aprontado de uma oficina. Talvez eu quisesse apreendê-la, fisgar alguma representação, o que seriam grandes deslizes. Talvez, pela extenuação do corpo, nem tivesse atento ou receptivo ao encontro de alguma partícula de afeto que pudesse acionar o pensamento (quem sabe). Talvez as expectativas fossem tantas que impediram o fluxo de sua desprodução. Talvez não tivesse entendido o que GILLES deleuze e CLAIRE parnet dizem sobre a raridade de partículas, desaceleração ou esgotamento do fluxo fazer parte do desejo, e da pura vida do desejo, sem testemunhar qualquer falta (1998, p. 73). Em vez de faltar, ele se dá, precisa ser construído, produzido, estar, metaforicamente, exposto à janela, ao seu abrir; exposto as rajadas dos ventos que nos tocam. As claridades e **escuridades** do mundo.

Esgaçar janelas. Espatifar tremores. Abrindo-se aos infinitos da experiência...

É preciso abrir a janela. Porém, sabendo que o que se vê quando a janela se abre nunca é o que havíamos pensado, ou sonhado, nunca é da ordem do “pre-visto”. É preciso uma abertura para o que não sabemos. Para o que não depende de nosso saber nem de nosso poder, nem de nossa vontade (Iarrosa: 2015, p. 75). Nessa situação, JORGE Iarrosa me ensinou muito sobre “tremores” – em seu **livroensaio** de escritos sobre experiência.

Sucateado pela vontade de um “eu”, “abri a janela” e coloquei minhas desmantelarias num papel, esmagando, pela confusão, sentimento sobre sentimento, sem nenhuma fixação. Porém, a janela estava esgaaçada ante de mim. E meu olhar se esvaiu como numa composição, acabando em confiança...

E o amanhecer já se aproxima...

Desmantelarias

Aqui, sento (sentindo o abafadiço do dia). Aqui, deixo os dedos tocarem palavras em torno de uma mesa azul e larga, que recebe palavras atiradas no ar. A felicidade em me empanturrar com alguma coisa deliciosa ainda não consegui digerir. Não! Talvez eu não tenha dado o tempo para saborear alguma coisa... Saí muito depressa do estágio de docência para uma tentativa do *deixar* saborear – outra coisa – o gosto do pensamento, sem cor, ainda branco, mais ou menos efêmero sobre oficinas-de-experiências-artísticas. O que hei de fazer sem ao menos uma ninharia? Uma folha sequer ganhou, de mim, marcas de obras de oficinas. Desmantelo-me. Para aquilo que chamam de choro, deito lágrimas. Para aquilo que chamam de alma, palpito desmedidamente. Para aquilo que chamam de força, ouvi um “vai dar tudo certo, força!”. Meus pés, assim, criam uma performance de sapateado de tanto que no chão batem. Sigo fazendo uma escrita-de-si, com estas mãos que se silenciam ao assumir a escrita de alguma “ideia” de oficina, de oferecê-las em pensamento. Hoje sinto que a janela me abriu para sacudir a alma, permanecer ali, sentado, sobre a mesa azul, fazendo o assombro durar... até que se trave uma insistência do acontecimento. Cabisbaixo, pendo sobre essas fragilidades, sobre o encontro desses desatinos – fiz memórias e fui embora...

Florianópolis, **palafrágeis** ao meio-dia de 28 de Março de 2016.

oficina-caleidoscópio:
Olhos da janela no caleidoscópio meio estranho. Lucas



Numa viagem de volta pra casa...

Foi em uma dessas viagens que fazemos até nossa morada familiar, porque um encontro nos fez tomar a decisão de habitar em outra morada, de outra cidade, de outro estado e, daí, um afago clama pela volta, que recolhi no nicho do quarto, algumas doações de livros para arrumá-los. Folhei alguns no interesse da arrumação – eram aqueles livros de psicologia infantil, de filosofia da educação, de materiais de ensino para criança, aqueles que dão a ler aos pedagogos, principalmente. Não contava, no entanto, em encontrar um livro encadernado, cujo título menor levava a expressão “*experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*”. Era de ANAMELIA BUORO. Aconteceu que o livro não foi “arrumado”. E sim o oposto: desarrumei-o no se folhear. Ele se deu a conhecer e o tomei, então, sobre minhas mãos. Meus olhos já despertaram para algo, um interesse, no caso, se instalou quando o sumário se deu por aberto. A bem dizer que, quando estamos em dúvida sobre ler ou não ler, não fugimos do espaço em que guarda “lascas” do texto, aquela parte que é quase sua espécie de presença-futura. Se essas não forem de importância acabam ficando ali, correndo o risco de ser escurcidas pelo fechar do livro. Talvez o sumário atrapalhe a importância que damos a leitura, talvez... No meu caso, não se deu por escurecer-se ao ler *Picasso, Imaginação criadora...* – Hmmm! Vou ver isso! Pensei logo...

Fiz esse recorte no livro e alguma coisa agitou o pensar.

Jeitos desajeitados de ver o desenhar. *Picassos-de-artes*

O trabalho-artístico era com crianças de uma 4ª série (5º ano) e tratava-se de uma educação em Arte a qual assumiu a performance de fitar imagens, criar desenhos diferentes, desenhos esses que tinham a ver com as artes de Picasso. *Picassos-de-artes* que mobilizaram outras sensibilidades **artisteiras**, novas formas de conhecimento do mundo e, diga-se da perspectiva-teórica que é perseguida, uma maneira de superação da “perfeição” que insatisfaz as crianças na sua experiência de desenhar, já que nessa “etapa” escolar (e de vida) desponta uma representação do desenho muito próxima do que ela vê (uma vontade de dar ao lápis traços mais realísticos) – conversa ANAMELIA BUORO com Vigotsky.

– “O que é saber desenhar?”

– “Será que a arte é cópia da natureza?”

É nessa imbricante discussão que o recorte do texto que havia pegado pra ler esquentou os pés da autora e esquentou os meus também.

Ou melhor, se fez escora para ela, e pra mim, experiência. Porém, antes de ser capturado pela discussão imbricante, as imagens apresentadas do trabalho-artístico das crianças haviam me chamado primeiro e por aí que fui tateando o texto, pelas beiras, quase no seu reverso, sem orientação, na sua viagem.

No tateado da leitura anotei seu interesse de mobilizar/construir “olhos” das/nas crianças em relação ao manifesto de a Arte sempre ser uma outra realidade (buoro: 2001, p. 74), portanto, uma construção inventiva que faz parte do pensamento do artista em uma determinada época; nunca a realidade presente que, geralmente, predomina-se como esteio artístico educacional e midiático na criança – a arte do Renascimento, nesse caso, é que tem mais a ver com educar para a realidade representada. E é nessa história que entra a arte cubista: como uma forma de “conteúdo” na prática pedagógica e também como apreensão do desenhar a partir de um ponto de vista de desestruturas da arte, de uma postura artística em que o destrate enquanto cópia, modelo “certinho” da realidade. A arte cubista, nesse sentido, abrindo outros espaços do desenvolvimento perceptivo da criança em arte. A arte então se reinventa, se transforma, deforma e modifica a realidade. A arte na qual o artista é quem resolve como a pintura deve ser feita (idem) – lembra anamelia, de um aluno contando sobre o retrato de Madame Matisse, de Henri Matisse. Ela tece, em seu livro-dissertação, esse processo vivido, tocando uma proposta metodológica de leitura de imagens pelas crianças no passear dos seus olhos na obra – o *observar* –, falando sobre ela – o *narrar* –, captando e informando o que se vê – o *descrever* –, abordando elementos da linguagem artística, seu conteúdo – o *analisar* – e colocando pontos de vista, percepções e sentimentos de todo seu passeio – a *interpretação*. E “Picasso” me encontrou nesse encontro, em andanças da atividade *para* a formação da criança que se atraía pelo aspirante “*Quero mais real*”.

Depois de ter um espelho pequeno em mãos...

- a. olhar o próprio rosto no espelho e desenhá-lo rapidamente, a partir da observação, utilizando vários pontos de vista. Desenhar também fragmentos, detalhes; só um olho, o nariz, ou a testa etc. O material utilizado nessa etapa é papel sulfite, lápis grafite e borracha;
- b. escolher cinco dos registros; entre eles, um que contivesse a forma do rosto frontal ou de perfil;

- c. ampliar esses cinco registros escolhidos em uma folha de canson A3;
 - d. colorir cada uma das partes com giz de cera, pastel ou lápis de cor, da maneira que achar mais interessante (são retomados conteúdos já trabalhados como: o uso de texturas, livre uso da cor etc.);
 - e. recortar cada fragmento colorido;
 - f. reconstruir o rosto, colando sobre outra folha de canson A3 os fragmentos, de tal maneira que o reagrupamento das partes produzam um novo todo.
- (buoro: 2001, p. 76-77).

E depois ainda, como intenção: propor uma avaliação por meio de comparação entre o trabalho realizado pelas crianças e o de Picasso; estudo sobre a vida e a obra do artista (Picasso); escrever o vivido e perceber apreensão dos conceitos trabalhados com os alunos.

Zanzado o olho nesses rastros deixados pelos pés da autora, abri um caderno que tinha dentro da bolsa que me acompanhava e marquei os passos da atividade ensaiada, sabendo, contudo, que os sentidos perseguidos naquele trabalho morriam no meu. Talvez fosse um renascimento, uma chama para o pensamento da oficina que pedia encontrar. Um sentido que teimasse outra vida; se recompusesse em outro. Ali, tratava-se do ensino de artes plásticas com vistas à significação da arte pensando num correspondente período de desenvolvimento da vida da criança. Como poderia, então, pensar o cubismo na arte-relação-matemática, numa performance de “significação” da experiência e tudo o que isso tem de consequência – o modo de ver a criança, o aprender, o modo de produzir conhecimento?

E inventa-se um problema... E, assim, um novo problema se implica, se complica, se sente – no pensamento.

FERNANDO pessoa **psentiu**:

O que em mim
sente
'stá pensando.

– (pessoa: 2008, p. 96).

E o livro teve sobre mim essa força. Fez-me pulsar. Pensar. Pulsar pensamento. Senti-lo.

De volta à segunda

Permitam-me anotar: a lealdade pela qual senti de GEORGES braque, em um livro que compartilhava alguns excertos sobre seu artistar, tornou-se fator de a(fe)tivação neste espaço. Dele, se lê:

- Há ocasiões em que temos vontade de pintar, mas não sabemos o que pintar. Não sei qual seja a causa disso, mas há momentos em que nos sentimos vazios. Temos grande apetite de trabalhar, e então meu caderno de desenho me serve como um livro de cozinha quando estamos com fome. Abro-o e o menor dos esboços pode me oferecer o material de que necessito para o meu trabalho.
- (braque: 1996, p. 266).

Permitam-me anotar ainda um fragmento de CARLOS skliar, do qual tenho a sensação de ser potência para o decaimento que vive nascendo e morrendo nos caminhos constitutivos desta pesquisa.

Veja o que ele nos diz:

- Sem estranhamento, sem perplexidade e, de certo modo, sem o desvanecimento do *eu* não seria possível pensar, nem sentir, nem tocar a escrita. (...) não deixar de pensar que o mundo acontece entre brumas e que estamos sempre expostos numa nudez extrema. O que transborda é o incompreensível e o lugar de fragilidade é o lugar onde nos encontramos.
- (skliar: 2014², p. 131).

Agora, me transvendo...

Verdade. Teve a ocasião em que tive vontade de conceber uma oficina, mas não sabia o que conceber – o que já hesitei. Eis, já, um retrato melancólico de que me servi há umas páginas atrás. Aquelas palafrágeis que foram recebidas em meu diários-de-pesquisa são capazes de cair, agora, aos sobressaltos que elas me invocam, como pequenos esboços que também ofereceram algo para pensar, para tocar esta escrita. O jeito da oficina não é determinado, ela ainda não tem nome; também o lugar aonde aqui se quer ir – indeterminado. Vazios também são lugares para o pensamento, para fazer a arte nossa. Vazios também embirram com a gente – e são, por isso, matérias de acontecimento.

A fidelidade de braque à sua paixão parece dar a ele o material da sua arte. A experiência da minha viagem pareceu dar, igualmente, alguma matéria mais afinada para o nome da oficina.

O que passa, o que me passa é que, depois de uma turbação, o livro que tinha dentro um recorte-de-Picasso serviu, ou melhor, ofereceu alguma coisa pensante para o trabalho de também artistar oficinas. Foi daí o empurrão que me derrubou, coletivamente, até a invenção de uma **oficinática**. Um bom encontro. Uma mesma atividade de *Picassos-de-arte*, talvez, fosse uma atividade-oficina. Porém, na voz desta pesquisa, ganha outra potencialidade, outros sentidos. Mais perto de quando nossos ouvidos estão abertos, quando olhar está aberto, quando a pele está aberta, quando o mundo chega incontinente a um corpo que o recebe sem escrúpulos, sem armadilhas, sem jurisprudência (skliar: 2014^a, p. 167). Mais perto da criança. Do olhar que estamos lançando a ela, a uma **oficiança** com crianças. A uma *oficina-experiência*. Quebrando a língua: a uma **experici-na**.

E a criança-espelho se fez inventaria na segunda-feira. Também a escalação de datas de habitação, o horário, a turma, os pedaços de gente a que pertenceriam às oficinas...

Porém, escolho não trazer agora essa inventaria que aconteceu a tarde. Deixo, apenas, um tipo de canteiro de obras como lugar ou forma de anotar encontros impensáveis no interesse de oficinas.

Um canteiro de obras

Instalar um canteiro de obras que se alojam invenções-problemas que pedem passagem, pedem atenção.

Um canteiro de obras que se quer fazer: lugar de colocar problemas; lugar de obras, de operação; lugar de fazer algo; lugar de criar mundos; lugar que pode dar a pensar infinitas coisas, compor coisas, criar coisas, guardar partes de coisas para executá-las na indeterminação do tempo; lugar de abertura; um lugar em que se desbarrancam intenções; lugar de perfurar a maneira como se estabelece a oficina, as relações que se compõe entre matemática e o cubismo, entre matemática e as crianças, entre cubismo e crianças, entre as oficinas e as crianças, a forma de dizer das oficinas, a forma como a escola me interpela etc. Enfim, das relações receptivas que se forma numa pesquisa com crianças nos movimentos de arte e matemática e e e...

Aí, neste canteiro algo (se) passa, algo (se) estala.

Por fidelidade às palavras, algo escrevi passado:

. Abrir buracos em torno da entremeação matemática e cubismo.

- . Provocar rachaduras por onde possa comunicar experiências matemáticas de crianças com práticas cubistas.
- . Assediar potências em torno do ver, do manipular, do brincar cubista de crianças;
- . **Ferramentar** uma experimentação que (des)forma, que (des)ajusta o corpo, que formiga os sentimentos, que é vitalizante ou destrutiva; que é deserta, que transvê o tempo.
- . Importunar uma matemática que se experimenta na forma como a criança se (des)percebe a si mesma (a matemática que lida com formas e regularidades na impostura de outra representação de arte. A matemática que se põe em confusão com a arte moderna).
- . Alargar buracos quando necessário para mundos não vistos, porém atualizados na forma como a criança os vê, os desvê e nele se entrega. Alhures: a criança e a experiência da imagem do mundo. Um mundo que é ou pode ser visto pelo reflexo do imaginário.
- . Mobilizar uma área operacional pensante qual se considera dar elasticidade aos canais de discussão da pesquisa, que é vigiada, fundamentalmente, ao *a-prender* em movimento. *A-prender* no movimento da experiência. *A-prender* sem prender, sem afixar. *A-prender* não como reprodução, mas como inaugurar; inventar o ainda não existente (schérer: 2005, p. 1188). *A-prender* na abertura de matemáticas que se pensam com produções artísticas do cubismo. *A-prender* no acotencimentalizar, na invenção, no vazio, no deserto; não na institucionalização de saberes.

É necessário, nessa instalação, um “ALERTAR-SE”.

Alertar-se para o fato de que num **canteirobreiro** há muitos riscos associados; nesse sentido, é importante discriminar os graus de perigo e de potência do que se constrói, e se tomba, o que encanta e desencanta os processos de invenção-intervenção, para não perder o sentido do pesquisar, do cartografar, da experiência vivida. Há, portanto, seguindo os manuais de obras cartográficas de SUELI rolnik (2014), um limite de tolerância em nossa constituição cartográfica: não encantar nem desencantar demais, mas mover-se no “limiar” desse (des)encantamento.

Um AVISO: atentar-se para o fato de que o canteiro de obras vai sendo modificado ao longo da execução da obra, de acordo com os serviços (afetuações) a serem executados. Atentar-se para a invenção, para o que nele se pode reviver e comportar de inesperado, e nisso, in-

clusive, inclui a experiência que se expõe, não impõe, ex-põe seu corpo nesta curiosa sensação de ler, de nos ler o que aqui é deixado por labirintos **memorantes**.

Dias de reunião

Com um daqueles papéis adesivos que colamos nos livros, ou em qualquer outro lugar que se queira, para fazer anotações ou marcações, destaquei as reuniões da tarde de segunda e terça-feira do mês de Abril para tratarmos especialmente das oficinas (da produção-e-intervenção) e também dos nossos estudos “foucaultianos” na sala 207 do GECEM e com o GECEM. A ida à escola preenchiam, igualmente, as manhãs de outono de terça-feira e de quinta de abri(r)l. Fechou-se assim, porém estávamos abertos a muitas fugas. Na verdade, parece muito sugestivo o mês: ele se dá a abrir em abril...

A suspeita de que naquele mês os dias seriam como catapulta de intensidades, anulou-se em mim.

Mais a noite. Noutra segunda-feira de lua minguante...

4 de Abril de 2016. Noite anterior ao primeiro dia de ir à escola. Marteladas de porvires faziam a cabeça doer. Já havia entregado o sono à ansiedade, que me adiantava pelo menos uma hora e meia do dia começar.

Ir à escola

Fui – cultivar disponibilidade à experiência.

O cartógrafo levanta, se engaja e a-prende – até o caminho da escola, na escola

Numa cartografia,
pode-se apenas marcar

caminhos

e
movimentos,

com coeficientes
de sorte e perigo
– (deleuze: 1992, p. 48).

5 de Abril de 2016. O primeiro movimento do dia se deu na descontinuidade da melodia do despertador, que ao meu lado dormia e, claro, para lembrar que eu devia acordar depois dele. Como o combinado, ele deveria me despertar, o que não adiantou muito, pois meu corpo não estava em repouso. Sua função era apenas me despertar. Assim o fez, produzindo ainda mais barulho as altas expectativas do dia de ir à escola. Um **zumzumzum** mexia-se em mim, incomodava certezas, dificultava as constituições. Eu sou um professor-de-matemática-aprendiz-pesquisador-cartógrafo? Um analista? Um tipo de corpo-experiência? Senti-me tal como ou muito perto das dúvidas de *Alice – no país das Maravilhas*:

– Quem é você?

– Eu sei quem eu era quando acordei esta manhã... mas mal sei quem eu sou agora; sabe, mudo muito frequentemente.

– (carroll: 2015, p. 35).

Talvez eu estivesse tudo – em transformação.

Aí, quando acordei naquela manhã e vi o céu não sabia bem o que fazer. Mas acho que o fazer me mudou desde então...

Fui me arrumando ao som de pássaros e latidos. Organizei a mochila enchendo-a com meu caderno de anotações, celular, estojo, anotações e o material de estudo da tarde. À volta do mundo, carreguei apenas a preocupação de estar invadido por aquilo que não se procura ou não se sabe o que e onde encontrar. Experimentando barulhos, o coração batendo, o sol, as paisagens, o verde a morrer na estação, o aviso do relógio da rótula, as faixas de pedestre; meu próprio caminhar. Tudo ia fazendo(-se) nas andanças. Verdadeiramente, pensei que, ali, no meu andar, no mover do corpo, um pedaço de pesquisa se estava produzindo, como emoção e comoção de um engajamento, de uma composição.

As luzes vermelhas e alaranjadas que piscavam alternadamente no entra-e-sai de carros faziam piscos de atenção para meu trabalho, para o interesse pelas circunstâncias da primeira vez de “campo”. De um aprendiz-cartógrafo da pesquisa na educação matemática – que está deixando de habitar um lugar conhecido de fazer pesquisa para transpor-se, tranver-se, e aprender cultivar outras formas de viver, de pensar e de se relacionar com a Educação Matemática, cartografando...

– Cartografar é sempre compor com o território existencial, engajando-se nele. Mas sabemos que o processo de composição de um território exis-

tencial requer um cultivo ou um processo construtivo⁸. Tal processo coloca o cartógrafo numa posição de aprendiz, de um aprendiz-cartógrafo. Nesse processo de habitação de um território, o aprendiz-cartógrafo se lança numa dedicação aberta e atenta. Diferente de uma pesquisa fechada, o aprendiz-cartógrafo inicia sua habitação do território cultivando uma disponibilidade à experiência. O campo pesquisado, seja completamente estranho ao aprendiz-cartógrafo (...), seja num campo habitual (...), é necessário cultivar uma receptividade ao campo. (...) Aberto à experiência de encontro *com* (...) o aprendiz-cartógrafo tem no início uma tendência receptiva alta, justamente para marcar esse caráter aventureiro e muitas vezes confuso do início de nossas habitações territoriais (alvarez-&-passos: 2014, p. 135-136).

De fato, a receptividade afetiva estava em alta no meio de mais uma aventura. O homem deixava sua cara no mosaico **monovermelho** e nos corredores labirínticos da universidade, nas silhuetas que bancavam a calçadas. Sendo bem cedo, pessoas, um monte de pessoas, aparentemente inundadas de afazeres, circulava ao meu lado, me ultrapassava debaixo de seus jalecos, com livros nas mãos, celulares sobre o ouvido, escutando música, fazendo suas histórias diárias. Tantos eram os segredos de uma vida a revelar. Eu estava ali, bem no meio... Ora detido em uma parede ornamentada com mãos de arte. Um painel torceu meu pescoço, me deteve e se fez memória do caminhar. Tive que fazer uma fotografia do peixe-nadador-de-árvore, da flor-do-vento, da borboleta-mais-transluzente-que-a-lua, da natureza tirada das suas naturalidades. Das lições deformadoras de MANOEL DE BARROS. Todavia, a foto ficou para outra andança. Quem sabe na volta...

O celular que levava dentro da bolsa serviu para acomodar sensibilidades, as aberturas. Serviu de um objeto onde conjuntaram coisas e acontecimentos – nesse momento, do passeio até a escola –. Serviu também de expressão do próprio corpo-em-pesquisa.

As fotografias e tentativas de gravações denunciavam, assim, minha relação com o fora, com o mundo, com os encontros a espera. Uma forma de retraimento puxava a câmera, me puxava e retraíam-se também as fotografias. As exposições ficaram embaciadas, com a sensação de pressa e esquivo.

O vento batido e os raios do sol refletidos iam me fazendo companhia. Tudo já estava tão pisado, em movimento, tão passado de carros no caminho de (em) experimentação. Mais coisas se constelavam, entra-

⁸ O sentido construtivo não é o de supor, por exemplo, evolutivo, “tijolo sobre tijolo”; ele é devir, segue linhas em movimento, que aceleram e desaceleram. Algo passa ou não passa. Toma-se, por isso, o sentido da experimentação.

vam em ritmo da experiência: cheiros, gritos, os pais deixando os filhos na escola, buzinas, aceleradores, fumaças, ônibus... Uma cidade nascendo e eu re-nascendo nela, na cidade que ainda se diz “da magia”.

Avistei o colégio. E pelo resquício primeiro do olhar, quis ter o colégio em uma fotografia. Dela, tenho uma única foto distante, migalhas de um corpo amedrontado pela gente do mundo e, logo, não muito ousado em fazer tantos cliques. Foi apenas um instantezinho antes de atravessar a soleira do portão e conhecer os coeficientes **deleuzinários** de sorte e perigo, as intensidades da escola.

O outro visitante do colégio

Avancei no território de invenção. E seu perímetro havia diminuído para mim, mas aumentado os caminhos que nele poderia me levar. Apresentei-me ao guarda, que acompanhava a entrada e saída de todos, e ganhei a identificação de “VISITANTE”. Pois, sim, tornei-me um visitante daquela escola. Um pesquisador-visitante-...

Transformei-me, mais uma vez desde então...

Então eu já era desde outros agora outro.



escola-habitante: Quintal-de-dentro do colégio-de-aplicação da UFSC. Retrato no dia-de-escola

Bem devagar, com a identificação aposta, segui envolvendo aos “bons-dias!” das gentes que estariam me funcionando. Cruzei os braços e me deixei ficar parado no lugar de tantos passarem, brincarem... Risos espontâneos e fechados, um arregalar do canto da boca acontecia de se expressar ao ver crianças brincando, fugindo do “Pega-Pega” e de “Pique” sobre a linha amarela do pátio. Permaneci, ali, *devindo...* como quem fica com as mãos segurando uma alça da mochila.

Nesse tempo já havia localizado a sala do 5º B.

E agora a palavra se dá no *estar presente*, de estar no momento, naquele momento, admitindo um surpreender(-se), ser tocado, levado pelas crianças, no seu correr sem parar, no seu gritar para ninguém ouvir, na sua espontaneidade; vivendo com elas a produção de sua experi-

ência e singularizando a nossa, a possibilidade do que me acontece, nos acontece.

O que excede à escola? O que excede às minhas lentes opacas no movimento daquela manhã na escola? Que coisas “ventam” na escola, em mim? Vou então cartografando! Aprendendo a fazer cartografia nas enveredas dessa produção, na invasão da escola, na investida de um corpo que ouve e sente esse convite. Convites de muitos sorrisos, da criança que brinca de correr com a criança (qualquer criança) e não o cadeirante ou criança-cadeirante... Convites de leitura para aquele mural amarelado, enfeitado de esquisitices legendadas em alemão, espanhol e inglês. Fixei meus olhos na **artístagem** como um imã depois de atingir o pensamento. O que será que as crianças pensam quando veem esse homem de pescoço fino, sem perna, sentado sobre uma mesa sem perspectiva? O pouso da atenção caotizou-se nesse caos do inesperado. Quem serão os alunos? Como será a sala de aula? A atenção se movia, era movente, ali, em pé, visitando. Um visitante de sensações, um visitante de memórias.

Tlrintlrintlin! Tlrintlrintlin! ...! Barulhou a sineta pela inspetora.

Eu me encontrava à espreita do portão, por onde dava ao corredor de salas e o refeitório, para enxergar a professora Joseane (Josy), que faz parte do grupo descomparado e ensina matemática para o 5º B, com o 5º B. Junto dela, aliás, deles, estaria – habitando, atravessando aulas de matemática durante sete encontros.

No meio da corrida das crianças até suas salas entrevi de Josy um aceno. E fui... Desloquei-me para o lugar travesso, de travessia e arteiro, de fazer arte, bagunçar a norma, potência de armadilhas, de saídas sem chegadas e chegadas sem caminhos, de implicação, ocupação; de importâncias e portâncias ainda. A travessia de desvios, extraviros, distorções, (di)vagações e outros ainda.

E a alegria da professora Joseane me acolheu.

Primeira sala à esquerda...

Dei de cara com o pequeno-príncipe e criamos mais laços. A sala, já na porta, me cativou. Aceitei o convite de entrar. Imaginava a sala grande, com fileiras de carteiras que se paralelizavam com as janelas, os alunos sentados individualmente – tudo se desimaginou enquanto esperava as crianças para o segundo dia de aula da semana.



escola-habitante: As crianças brincam. Retrato no dia-de-escola

O PEQUENO PRÍNCIPE



escola-habitante: A porta me abre ao pequeno-príncipe. Retrato no dia-de-escola



Ao lado de um armário, observando o trabalho de chegada de todos, senti a minha presença ser um acontecimento, se fazer acontecimento. Algo se mexeu. Eu, pelo visto, já havia roubado gestos. Ainda assim meus olhos hilariantes percorriam e perseguiram cada movimento, cada passear, cada sentar, estranhavam-se também pela forma de organização da sala de aula: janelas ao fundo, um quadro branco e um verde, e duplas de carteiras.

Entre roupas amarelas e brancas, entre olhos azuis e verdes, marrons, castanhos..., uma sala se coloria, formava-se cores. Uma professora carregada de atenções e matizes produzia a turma, cada um (em sua palheta) e pintava a sala. Mais o Bernardo, que fazia estágio e Violeta, professora de Educação Especial.

– Violeta? Ela é uma flor, professora! – Alguém disse...

– Mas violeta é flor, não professor – disse Pedro.

– Sim, mas essa professora se chama Violeta. – É o que fica de Josy para Pedro.

A violeta é flor!

Violeta é flor que não é professora...

Violeta é flor, não professor.

A criança que conta que Violeta não é professor

– talvez porque não sabe de nome Violeta.

A professora é uma violeta

– talvez porque a criança quer que ela seja uma flor.

Por isso professor é flor.

Flor é também violeta

Violeta é uma brincadeira de criança.

Entre

ser

e não ser flor.

A aula desse dia já tinha sido começada ou pensada antes, quando a professora Josy organizou no quadro as pautas-da-aula: a “Pauta de Probabilidade” (medidas de chance); atividade e tarefa. Uma aula de frações, de arte, de construção, de brincadeiras pensantes com roleta de cores, de divisão, de porcentagem, de cores, do círculo de cores, das “partes”, do “todo”, do “caber”, de “meios-oitavos”... Nessa pauta me envolvi, me *compliquei*.

Exercícios do estar – expondo-se como *a beginner*⁹

– Olá pessoal!!! Querem saber meu nome?

Eu estava ainda em pé, ao lado do armário – que depois descobri que tinha uma abundância de coisas. Veio uma pergunta tropeçada e tirou-me do lugar onde estava.

Desaprumei.

Do lugar onde eu estava, expor(-se) – à imagem e ouvido das crianças – se atirou.

Antes de atirar-me em exposição, a voz da professora Josy veio acompanhada de curiosidade.

– Será que alguém notou uma pessoa a mais na sala?

– Siiim! – responderam algumas crianças.

– O que será que ele veio fazer aqui?

Entendi bem o formato da voz bisbilhoteira. Usei o centro e a palavra para compor de minha parte o que quisesse falar. O lugar estava ilimitado para as palavras. Mas fui breve. Compus palavras poucas de braços cruzados e com um sorriso suspense. Eu estava ali como amigo da professora, de mesmo grupo de estudos. Eu me meteria nas aulas de matemática até brincarmos de fazer oficina. E parei.

De compor palavras não me saí bem – logo imaginei. Esqueci quem eu me formei – então corrijo: “Eu estava ali como amigo da professora, de mesmos ofícios, de mesmo grupo de estudos..., nasceu no estado do Paraná, se tornou um professor de matemática, há mais de um ano que decidi pela força de um bom encontro sair de casa..., gosta de viajar, de detalhar-coisas, de trilhar...” Na hora, essas coisas não pensei. Pensei só depois que o pensamento se esvaiu. A Josy proveu mais palavras “de mim” e nisso me ajudou.

Quebrou-se o gelo. Inverteram-se os ouvidos e surpreso, cada um também se expôs, a sua lógica, para mim, inventando-se na fala, no jeito, no gosto, na frase do amigo anterior, no humor brincador, no nome. Havíamos criado uma espécie de comprometimento prestado nesse fazer do dizer “quem é”: Gêge, Gustavo, Zilto (que gostava de *pac-man*), Tamires (de uma paixão por fazer poesia), Luiz Gustavo (*gamer*), Ana Carolina, Lucas Rocha (o Rocha), Fernanda, Pedro, Júlia, Mariana’s, Kauã e continua...

⁹ Trata-se de uma expressão “sequestrada” em JAN masschelein (2012), tendo visto o exercício do pensamento como um gesto de exposição, de expor (-se), de expormos, ao que nos acontece; experimentar como “um novato” o estar presente. O estar presente na escola, atuando com as crianças, mergulhando na experiência da relação com a criança, atendendo ao que me toca, ao que nos toca. Num presente invasor, da intervenção, de operação, de inserção, do fazer algo.

Meditei um pouco sobre eu ter aparecido por lá.

Sobre achadouros

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa.....

.....Pombada contava aos meninos de Corumbá sobre achadouros. Que eram buracos que os holandeses, na fuga apressada do Brasil, faziam nos seus quintais para esconder suas moedas de ouro, dentro de grandes baús de couro. Os baús ficavam cheios de moedas dentro daqueles buracos. Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.....

.....

– (barros: 2008, p. 59).

Se a gente cavar um buraco ao pé da sala...

Se a gente cavar um buraco ao pé da sala, lá pode se encontrar vestígios de muitas coisas. A sala comportava muita coisa para além do que eu imaginava e muita coisa me intimou. A caixa de porta papel rasgado, por exemplo. Papeis e papeis desusados eram botados nela. Eu só observava do canto da caixa de porta papel desusado. Depois se aconchegou uma cadeira e sentei, num canto mais longe dos papeis desusados. Mais perto ainda das crianças. Coloquei minha mochila no chão, tomei o caderno que havia colocado dentro dela e meu lápis e comecei a anotar coisas-de-**tocações** que nem sabia o quê e como escrever.

Estava conhecendo as crianças e no meio do caminho o modo como elas olham, interpelam e descobrem o mundo. Modos pelos quais deixam achadouros. Modos que comportam protagonismos de si.

Andei pela sala como quem não espera nada, mas num instante aceita ser convocado por algo. Abelhudo, me interessei em ver como os alunos organizavam seus cadernos, como eram os cadernos. Deixei-me tocar por essa fuga a qual deslocou simpatias entre nós. Fui aparecendo mais às crianças e elas a mim numa escuta com os olhos a respeito de histórias, resmungos, delícias, brincadeiras.

Se a gente cavar um buraco ao pé da sala, lá pode ter um livro do *O Pequeno Príncipe*. E tinha um. Em minhas andanças vi um dentro da bolsa de Geovane.

– Gostou de ler o livro? – Perguntei a ele.

Disse-me, no entanto, que não fizera sua leitura ainda. Fulguras se acenderam também entre nós. Já me lembrara de Geovane através de um pequeno príncipezinho. É sempre um caso de sorte encontrá-lo.

Se a gente cavar um buraco ao pé da sala, é provável que lá haja alguém que aprecie mapas. A Tamires mantinha seu charme com eles. Na visita até sua carteira, quis saber se eu morava ali perto da escola. Tomou a palavra e fazendo uma performance com os dedos tentou me ensinar a localização do bairro onde vivia num mapa colado na contracapa do seu caderno. Não escapou ainda de apresentar seu instrumento de afinar lápis: ele tinha o formato de um globo terrestre.

– *É bem bonito o seu mundo!* Se pensasse no capítulo XV do *O Pequeno Príncipe*, quando em busca de alguma ocupação, o príncipe saiu a experimentar planetas (desplanetou-se). O quinto era habitado por um geógrafo-ancião. Veja:

– *Há oceanos em seu planeta?* – Perguntou o príncipezinho ao olhar ao redor do planeta do geógrafo.

– *Não dá para saber – disse o geógrafo.*

– *Ah! E montanhas?*

– *Não dá para saber – disse o geógrafo.*

– *E cidades e rios e desertos?*

– *Também não dá para saber – disse o geógrafo.*

– *Mas o senhor é geógrafo!*

– *Exatamente – disse o geógrafo, mas não sou explorador. Estou sem nenhum explorador. Não é o geógrafo que aqui vai contar cidades, rios, montanhas, mares, oceanos e desertos. O geógrafo é importante demais para ficar zanzando por aí. Mas recebe os exploradores. Interroga-os e anota as lembranças deles.*

– *Mas você está vindo de longe! É explorador! Vai me descrever seu planeta!*

–E então? – perguntou o geógrafo.

Uma história mais ou menos próxima calhou entre mim e Tamires. Fez de mim um explorador de mundos. Um vestígio do *estar com* Tamires.

E então...

– Oh! Não moro muito longe da escola. Lá onde moro não é muito interessante. Prefiro sentir a brisa do mar... E anotei minha própria lembrança.

Ao que me persiste dizer ao lembrar o geógrafo da literatura é que ele não produziu experiências, não viveu a experiência de perder-se no mundo. Ele se acha importante demais para ficar zanzando por aí e, por isso, não se abriu para além do seu mundo-escritório.

Estar com Tamires é um achadouro de importâncias. Achar-se, o receio de se perder da casa, de uma vontade especial de conhecer as naturezas os dota de sentido para ter mapas, de tê-los no caderno. O convite de Tamires é o de dar espaço para que se experimentem coisas, fale de coisas, de descobrir, inclusive e pela primeira vez, que outro era aquele que visitava a sala... Ela mesma quis saber, curiosa, interrogando, falando de si, fora do que estava dentro da sala, da matéria, da atividade. E eu escutei – uma criança que levava consigo mapas. O mapa é, talvez, um canto à sua vida. Aquilo que eu não sabia dela.

Se a gente cavar um buraco ao pé da aula de matemática lá estará uma graça do matemático.

Muito rapidamente Gustavo acerta o exercício sobre frações pintadas.

– É matemático! – Congratula-o Júlia.

Então é assim: acertar, pensar rápido está no fígado do matemático?

E fomos deixando pedaços nossos ao pé da sala.

Inter -valo

O tempo
entre 9:10 e 9:40.
Entre tempos,
Passa-se o tempo num
Passatempo!
O tempo das crianças.

No inter-valo

Se algum assopro fizesse hora de intervalo as crianças já se ar-
rumavam perto da porta. Até que a professora assoprou.

No “enquanto” do intervalo sentei num banco perto do muro
amarelo. Lá, encontrei-me com o professor Bernardo. Dizia-me o tama-
nho da “ativa” das crianças, o tamanho imenso da pulsação despertada
por eles em sala de aula. Advogado cearense escolheu engajar-se num
curso de Ciências Sociais de onde pensa movimentar algum projeto com
crianças. E seguimos em mais conversas ainda. Outras ainda.

Bateu-se a sineta!

Hora de voltar à sala.

A ligeireza dos alunos tumultuavam o corredor e as entradas das
salas. Estavam cansados, suados, uns mais animados que outros, que
nem estivessem chegados de uma luta – de brincadeiras. E os deixei ir.
Fui acompanhando-os mais atrás. E o Carlos também.

– Oi Bruno!

– E aí?

– Nós temos mais uma aula de matemática...

– Isso. Vamos lá!

Des-inter-valo

Às 9:40

O passatempo

entre tempos

passou-se.

Há outros tempos ainda...

O tempo das crianças.

Tínhamos ainda mais tempo que a duração de 40 minutos da au-
la de matemática. Ou poderíamos tê-lo, fazê-lo durar mais, infinitamen-
te. Um tempo-infinito que durasse na intensidade das aberturas que nos
chegam. Portanto, até as 10:20 poderíamos ter, não 40 minutos e, sim,
40 minutos infinitos, 40 minutos que se abrem. 40 minutos de disposi-
ção a me transformar numa direção desconhecida (Iarrosa: 2000, p. 197) – a
experiência, aos achadouros. Disposto a oferecer ex-posição. Tirar de
posição para receber o desconhecido.

Não me lembro de muita coisa que se passou nesse pedaço de
aula. Talvez nada ou perto disso me passou, me aconteceu, me sucedeu,
me tocou, me chegou, me ameaçou, me ocorreu, me pilhou. Lembro-me,
todavia, de três ou quatro fluxos de batidas na porta: eram bilhetes, avi-

sos, consulta com o dentista na escola que se davam por anunciar e quebrar a aula. Lembro-me, todavia, de que uma tarefa faria morada na casa dos alunos até a próxima aula de matemática.

Os 40 minutos se passaram.

De visitante, senti a receptividade de um convidado das crianças.

Da habitação, senti a empolgação de abrir um lugar para também receber as crianças através de oficinas, a empolgação de investir mais à tarde em oficinas que desregulassem a natureza a partir de práticas cubistas.

A escola e tantas coisas de escola, na escola, da escola, para escola, com escola...

A escola. Um chamariz da arte. Alegre com seu mural inteiro colorido, brincante de imagens e coisas desportuguesadas, divertidas sobre a **amarelice** da parede. Forte amarelo-forte segurando alguns jeitos de imaginar o mundo. Na escola... “Espaço estético”. Espaços para arte. Espaço para brincar. Espaço para correr. Espaço para pular. Espaço para cochichar. Espaço para atravessar. Espaço para sentar. Espaço para guardar. Espaço para comer. Espaço para sentar na grama. Espaço para aplicar coisas. Espaço para **patiar**. Espaço para subir. Espaço para portão se fechar. Espaço para ocupar(-se). Espaço para cultivar. Espaço para cativar. Espaço para dramas. Espaço para (não) fazer alguma coisa. Espaço para qualquer coisa. Espaço para chegar. Espaço para o chão. Espaço para estar. Para sorrir. Para elogiar. Para abraçar. Para fugir. Para experimentar. Para passar tempo. Para passatempo. Para tempo livre. Para jogar bola no intervalo. Para contar histórias. Para ouvir. Para parar. Para inventar. Para acolher. Para artistar. Para entregar (-se). Para guardar coisas. Para deixar (-se). Para ensinar coisas. Onde disciplinam (-se) coisas. Oferecem coisas. Onde encontros se dão ao acaso. Onde o pensamento se abre. Onde coisas nascem e morrem... No corredor, na sala, no armário, na carteira, em cima da mesa, no chão, no círculo desenhado sobre o chão cimentado, na casinha de arte, na mesinha largada ao tempo, na escada, na areia, debaixo da sombra, no sol mesmo, na chuva, no banco, na brinquedoteca, na sala de mesas e carteiras, num lugar qualquer... Com lápis. Com giz. Com régua. Com cola. Com pinturas. Com folhas em branco. Com folhas quadriculadas. Com sujeira nas mãos. Com tintas. Com livros. Com histórias. Com cliques. Com perce-

vejos. Com obras de arte. Com teatro. Com brinquedo. Com poesia. Com canto. Com dança. Com cinema. Com coisas da natureza. Com desimportâncias... O aluno vendo o tempo passar, vendo parar o tempo, insistindo em ganhar tempo, deixando todo o tempo do mundo para o próprio tempo – na escola – acontecer... Saltitar... Imaginar... Fora do tempo...

Eu, a tudo isso, fui passado. Encontrei. Senti – na escola, a escola.

O pensamento, daí, se pensou.

O lugar da escola esteve sendo o “outro” do meu pensamento.

A relação com a qual o pensamento tem pensa.

Esconderijos



escola-habitante: Olhos para o vazio do corredor que dava ao 5º B. Retrato no dia-de-escola

A imagem é uma edição, talvez ruim, de um rabisco a lápis de um esconderijo na escola.

Trata-se mais de um registro amplificado (e que se transvê) da experiência de estar com as crianças na escola e também com a própria imagem. Um registro do ver consumido por um corredor vazio.

O espaço é editado ao largo do infinito corredor e estava mantido sob a guarda de algumas pastas do meu computador. Ele lá e eu, aqui, retido no texto, nas linhas que, talvez, não consigo dar conta de anunciar serviços, instrumentos, processos de produção de uma viagem que muito se viu entristecida pelo sabotar de palavras.

No fisgo dessa imagem tornei-me mais confuso. Ao mergulhar nela me afoguei em sua forma, em seu rastro de coisas, de contornos, de produções, vida na escola. E ali parecem ter rastros de vida, pisadas de uma escola, coisas da escola. Mas há também minha participação que, neste instante, é interpelada, me interpela: a timidez do próprio clique, a rápida captura do vazio, da ausência e do temor em ser percebido por um olho, por um tatear transeunte; dá a ver, em sua dimensão obscura, o corredor do 5º B onde, o embarço e insegurança de pensar a oficinas e de manter vivo o impensável, de manter vivo no devir-oficina.

No clarejar do infinito dou um passo à esquerda. Paro e permaneço aberto na incerteza do contraste da porta. Lá é a sala de aula, o lugar que me leva – me sequestra –. Na viagem da imagem, no seu sequestro, puxam-se experiências vividas de um aprendiz-cartógrafo. O vazio me toma, se fez espaço de produzir coisas, se fez uma instalação que engaja abrir, provocar, assediar, ferramentar, importunar o pensamento.

Quinquilharias (juntadas) de uma reunião de grupo

Na ocasião da reunião em que nosso grupo¹⁰ realizou na primeira terça-feira de abril para tratar das oficinas, os *Picassos-de-arte* de antes se fez emprestado. Herdou ao pensamento uma invenção. Juntou quinquilharias transformadas de um livro de longe.

De uma artistagem travessa, de impulso cubista, autorretratos nos recriaram. Descobrimos que os caminhos para a primeira oficina levaram-nos a oferecer uma experimentação que se arranja em *formas dentro de formas, formas dentro de deformações, formas em transformação*. O “Eu-por-formas” – destruído.

¹⁰ O grupo é um espaço de recepção. Foi o lugar de criar, de desabilitar experiências para habitar invenções nossas. Acolheu-se nele a disposição e regalo da acadêmica de Matemática, Jade; da mestranda Mônica; das doutorandas e professoras, Angélica, Cássia, Débora e Thaline, da professora Cláudia e também, ora, dos olhares de Joseane. Um grupo de recepção pulsante à arte, a matemática, à criança, a officinar alguma coisa. Um grupo de pensamento descomparado sobre a pesquisa em educação **artematemática**. Junto deles, durante mais ou menos oito encontros, foi compartilhado meus estranhamentos, o acesso engajado à experiência na escola – e isso a incluiu toda, desde o quando se pensou no dia de lá me permitir estar, aprender o aprendiz-cartógrafo.

Guardei num caderno velho que eu tinha os equipamentos de trabalho disparados no nosso exercício de pensar coletivo:

- autorretratos fotográficos de crianças para criar – um a um.
- um tripé para não desandar.
- gravadores que esticam a memória.
- um kit para guardar recortes de farfalho.

Assim, de todas as vozes decadentes – que me silenciaram, que se fizeram miúdas, porém constantes no pensamento – sofremos, naquela tarde, alguma de-composição **oficínica**. Porém, contava-se a *forma*.

Íamos juntando coisas, colocando coisas (de nossas paixões), destruindo coisas, despojando-se de coisas, fazendo uma soma de destruições de coisas, realocando experimentos, um aqui outro ali, ao modo como nos atingia – como os espelhos que chegaram a dar mobilidade ao pensamento, dos entulhos de insignificâncias do mundo para fabricar colagens, de lentes de garrafas-pet para brincar de olhar o mundo, por exemplo –. Um fazer cá, um fazer lá, nos excitava os olhos para (des)encontros oficineiros.

“Agarrar o que vejo”, “Recortar um pedaço do mundo”, “Memórias do ver, em régua”... O grupo propôs que montássemos por segundo a oficina em alguma parte da escola. Por de logo faríamos um passeio com as crianças. Era a montanha em cima do prédio que podíamos ver (por um exemplo). Botaríamos o prédio debaixo da montanha na memória desenhada com régua. E logo teríamos uma Oficina de Desenhar a Memória do Prédio em cima da Montanha de Régua. Teríamos, portanto, uma oficina de desregular a natureza – toca-me MANOEL DE BARROS. Algumas invencionáticas, a exemplo dessas, insistiram, em nós, na ocasião de uma segunda organização de oficina; nos passos de um laboratório de experimentações de formas do mundo na descoberta das crianças, de um mundo imaginado pelas crianças. Depois, insistiram outras invencionáticas ainda. Algumas que eram sem-sentido quebraram-se em outras, participaram em outra parte. “Pegaram” o pensar. Fez-se mais quinquilharia. Essa junção de coisas de oficina tinha, no entanto, a chance de não nos levar (implicar) a (em) lugar nenhum.

Cliques da segunda, terceira vez e até um pouco da quarta na escola

Hoje eu escrevo o retrato das fotografias.

Hoje eu destrato retrato.

A manhã recebeu com mais ternura retratos **pedaçados**.

O farfalho de uma foto sem brilho e sem cor, por exemplo.

Era o engajar da segunda vez na escola. A quinta-feira primeira de Abril.

Tirei fotos.

Tirei de novo no engajar da terceira.

E a experiência se fez na fotografia. Na fuga da sala de aula há um lugar chamado “Espaço estético” da escola. Um daqueles lugares em que os olhos estão mais atentos à arte, se expõe arte, dá voz a arte, oferece detenção. É outro entre tantos cinzas e cimentações que compõe o lugar “escola”. Naquele dia, a arte estava exposta no seu vazio, pendurada, contudo, no vão do teto em forma de teia colorida de barbantes.

Então, lá, tirei fotos. Brincamos de fazer poses **crianceiras**. E produzimos memórias de imagens¹¹ (poéticas).

Um de cada vez saía.

– Profê, o que vamos fazer lá?

Não vi toda a

tra ves sia

desde a sala de aula

até o espaço de poses crianceiras.

Mas, do corredor vi o andar
desconfiado e desacelerado de uma corrida.

Acompanhando
a criança da criança...

A criança

ia

lá.

¹¹ As imagens que seguem são fotografias editadas dos alunos para a primeira oficina, tiradas no segundo, terceiro e quarto dia de intervenção na escola. São todas imagens autorizadas pelos pais e/ou responsáveis dos alunos.



Uma criança abiscoita o lugar.

Eu estava portado de equipamentos de tiragem de fotos.

Ela chega, olha e espera...

– desvia o olhar.

Não deixa expectativa.

Ela própria a é.

Pára. Acredita. Faz sua maneira de criança:

– engraça, envergonha, brincalha, faz charme, faz braveza, dá um sorriso, cria um ritmo para o corpo.



Tinha um lugar com fios coloridos embolados.

O rosto nele vira.

Os braços se c-o-s-t-u-r-a-m

– e a criança convoca, sem problemas, um pedido:

Espera... Agora sim! –

E o clique se fabrica no jeito do sim seu.



A câmara é *brinca*.
Atira-se à foto – a criança.
E brinca. Faz careta.



?o que vai fazer com a foto



Foto.

O corpo nada sabe de que pose privilegiada **fotoar**.

Todo jeito é privilégio para o corpo.

A foto do jeito criança de riso abotoado – por exemplo.

Que deixa a bochecha enchida de riso.



Pender

– é um gesto de ir
pra lá
ou pra cá.

Ou nem pender...

Nem pra direita.

Nem esquerda.

A criança escolhe pra onde vai
– se pende ou não se pende.

Ora pra lá

ora pra cá

Ora pra direita

ora esquerda.

– Ela decide, ora!

E decidiu entrevê a mão no braço atrás das costas.



Numa manhã de quinta-feira, por volta das 11 horas da manhã, tive o ofício de fotografar. Eu não sabia muito fotografar. Por isso, até postura estudei (um deslize da minha parte tentar aprender)

Se vai fotografar criança, é besteira – e eu ia!

Ela me ensinou a fazer fotografia colocando seu olho na envergadura do céu.



– **T**udo bem? Eu só preciso de uma foto sua...
(no silêncio, a foto saiu na sua precisão.)

– Depois mais outra in da.
(e eu me saí de si.)



Já é, em boa medida, muito tarde

(é noite)

e a escrita (esta) é escoltada por idas e vindas.

Toca-me o sono porque num lance de delírio, vejo partículas celulares bem na minha frente saltando como confetes explosivos.

Ao contrário de uma criança mantenho ainda aberto meus olhos.

– Ela não (fecha o olho porque não consegue deixá-lo aberto e não precisa controlá-lo.)

Porém, eu aberto do olho, vi que tinha fabricado uma foto de criança

(com olhos semicerrados).

À protocolo de experiência

Depois do encontro com as crianças, guardei os dispositivos fotográficos. Elas então voltaram caminhando-correndo. Cheia de curiosidade de um dia de aula de foto (de matemática ninguém me **curiosou**). Como criança, em seu livre arbítrio – a protocolo de experiência tateada (deleuze-&-parnet: 1998).

Hospedaria do *outro-da-criança* que me tenta

In-tencionalmente¹², cara a cara, estive me deixando impregnar pelo encontro da presença *enigmática* da criança, no atravessar dos desencontros com seus corpos e vozes. Essa presença de onde se avizinha a espera tranquila do que não sabemos e acolhida serena do que não temos (larrosa: 2000, p. 196), daquilo que não se pode reconhecer e nem possuir a nós mesmos. Espera e acolhida enquanto espera e acolhida da surpresa, do que não se sabe fazer quando a criança está diante de nós, quando seus olhos nos olham, nos convocam; quando sua presença nos tira do chão, nos estranha, nos perturba, nos deixa em dúvida, bate até nós. Trata-se de uma *hospitalidade*, uma amizade infinita do outro (derrida: 1998, p. 17-18 citado por skliar: 2014a, p. 149). Um jeito hospitaleiro que, para além de pôr-se a receber aquele que nos chega, a criança que nos chega, não o determina pela nossa verdade, pelo acomodar do nosso saber. É um devir. Um sair de si para atender, escutar. Uma potência de amizade que treme. E como potência, é então, um talvez.

O encontro nesse sentido não prediz do ato “marcar um encontro” como, habitualmente, fazemos em relação a tantas coisas e pessoas, em casa, na universidade, com os amigos, num lugar qualquer. É, senão, um encontro marcado de in-tencionalidade, em um tempo sempre aberto, fluído e de lugar desconhecido, inquieto, vazio. O encontro é devir por isso, é um processo infinito de outros. In-tenciona-se abrir as portas da hospedaria – apenas – insultando antemãos... Estejamos dispostos a ouvir o bater da porta e acolher qualquer um, expondo-nos a recebê-lo. O encontro é *profano*: insiste JORGE larrosa (2000). É na leitura de uma profanidade que nos convida a pensar e a abrir outros trabalhos com crianças. O convite que não está escrito ou solicitado a nós transformar a criança numa projeção do nosso mundo, do nosso saber, da nossa **adulteza**, da nossa lógica, da nossa ordem, da nossa racionalidade; nossa “sal-

¹² Dito uma vez, a intenção converte-se, aqui, em *in-tenção* ao passo que no caminho das intenções que levamos enquanto protocolos de preocupação, não sabemos o que vamos encontrar, onde vamos chegar, ou se vamos encontrar e chegar – em algum lugar.

vação”. Mas, convocados sentir em carne viva o passar dos desconhecidos, o acaso das conversas, as irrupções do inesperado (skliar: 2014^{ca}, p. 150). Sentir em carne viva o passar das crianças, o acaso de nossas conversas, a pausa nas aberturas que, por exemplo, seus gestos **fotografeiros** se colocaram e o modo de falar de si se expôs.

É preciso desaprender saber e para isso calar o que dizemos da criança enquanto nosso subordinado. É preciso deixar a criança nos dizer da sua carne viva e singular. Fechar o olho, ser modelo-propaganda, perguntar, fazer bochecha inchar com o riso... O convite, assim, é atenção a sua carne viva, ao ser de si mesma. E isso não exige de nós a palavra. Exige, talvez, não trair um fazer-estar, olhar, escutar, saborear. É nesse sentido que situamos, pensamos e nos dispusemos a receber a criança – in-tencionalmente, pra não deixar de anotar –. É uma questão de alteridade, da alteridade:

De estranheza.

De mistério

De tremor.

De perplexidade.

De perturbação.

A relação com as crianças é uma relação de alteridade.

(ibidem: p. 177).

É nesse todo aí que se desexplica muita coisa de estar com a criança. É nesse todo em que se dispõe oferecer atenção (uma disposição, porém, indisposta de prestar a atenção): a estranheza, ao mistério, ao tremor, a perplexidade, a perturbação desses seres estranhos dos quais nada se sabe e a esses seres selvagens que não entendem nossa língua (Iarrosa: 2000, p. 183).

Nota: Acontece de exprimir a criança como um ser de “falta”, da infância, o *in-fans* (*infantia*: do verbo *fari* [falar, dizer] ou, na variação verbal, *fans*, [falante] mais a negação *in*), aquele que ainda está sob o silêncio das palavras, *in-capaz* de se comunicar em termos linguísticos, privado, portanto, de linguagem; inacabado, aquele animal monstruoso (como dizia Lyotard), no sentido preciso que não tem nem rugido, nem canto, nem miar, nem latir, como os outros bichos, mas que tampouco tem o meio de expressão próprio de sua espécie: a linguagem articulada (gagnebin: 2005, p. 175). Nesse sentido, é um começo de ser que poderá vir a ser (leite: 2011) e essa condição (de um ser que é, será, que um dia poderá estar acabado) é, tal qual, que não damos potência nesta invenção poética e experimental com a criança. Tocamos, assim, no tatear de uma perspectiva atual da educação infantil; pensar, trabalhar, sobre e com a criança na sua condição de infante, onde a falta dá lugar

a sua plenitude, onde se encontra a direção da experiência, como possibilidade de abertura, como possibilidade do novo, como inacabamento (leite: 2011, p. 78), no tempo das crianças, que não é evolutivo, “é o tempo das crianças” e que nos diz mais:

O tempo das crianças não está destinado ao trabalho forçado.

A vida delas não acontece pela concentração, pela disciplina, pelo esforço, pela aplicação, pela dedicação. Acontece pela animalidade.

O tempo das crianças deveria nos fazer pensar nessa animalidade que nós adultos desperdiçamos e menosprezamos, e a qual devemos, pelo menos, uma infinita gratidão.

Porque a animalidade não é bestialidade, nem monstruosidade.

A animalidade, ainda que pareça o contrário, põe a humanidade em seu lugar: paixão desordenada, desejo do instante, pele sem vestes, cheiro de terra.

– (skliar: 2014⁶, p. 140).

Esse enigma que, de um lado – pelo lado **larronês** (2000) – já se explicou, nomeou, capturou, aplicou, cientificou, enfim... por diversos tipos-de-gerentes que trabalha com crianças (professores, psicólogos, pediatras, pedagogos, por exemplo) e, por isso, não escapa de ser sucumbido por descobertas, por nossa vontade de saber, pelo nosso controle, pela nossa previsão, por nossas verdades, por nossas mãos e vozes que anseiam em trabalhar na fabricação do seu futuro, provendo arrimo para andar e direcionar seu mundo (e, em realidade, sucumbi algumas vezes – indelevelmente), é, de outro, uma ruptura que abre, que desterritorializa, que foge, fura, faz um abscesso.

A criança enquanto outro – se for correto dizer a partir de larrosa (2000) e de tantos outros títulos autorais que ocupam minha mesa e estante de livros nessa também enigmática escrita.

O outro-da-criança choca a criança-objeto-de-estudo. Escapa, portanto, de qualquer objetivo.

O outro é uma palavra, mas não qualquer palavra, pensou skliar, porque há um desapego, uma renúncia do outro enquanto aquele que se pode conhecer – a forma identidade do outro – para potência do estar com o outro (skliar: 2014⁶, p. 127), para começar a estar com o outro. E o estar está além do que sabemos, ou do que queremos ou do que esperamos. Desse ponto de vista, uma criança é algo absolutamente novo que dissolve a solidez do nosso mundo e que suspende a certeza que nós temos de nós próprios. (larrosa: 2000, p. 187).

O outro da criança agora se transvê: O *outro* como renúncia de querer conhecer a “criança”, a forma identidade da criança, para come-

çar a “estar com a criança”. E o estar está além do que sabemos, ou do que queremos ou do que esperamos. Desse ponto de vista, uma criança é algo absolutamente novo que dissolve a solidez do nosso mundo e que suspende a certeza que nós temos de nós próprios.

O outro da criança é sua experiência. É sua animalidade. E aí se move nossa in-tenção, nossa atenção – nesse encontro de experiência, na escuta da experiência, nesse outro que se desconhece porque traz uma nova voz, uma irrupção que pode modificar o pulsar da terra, um gesto que nos faz rever nosso já conhecido mundo (skliar: 2014⁶, p. 125).

Que vozes **matematqueiras** pode-se escutar da criança num trabalho com decomposição, descomposição da própria imagem? Que irrupções pode-se acolher das crianças, ou melhor, que verdades da criança habitam o espaço de oficina e escapam das medidas do nosso saber? Que vazios se abrem? E tecem-se problemas...

O encontro com a criança na perspectiva da experiência-outro é, afinal, encontro quando se sabe enfrentar o outro enquanto que outro e está disposto a perder o pé e a se deixar tombar e arrastar por aquele que lhe vai ao encontro (larrosa: 2000, p. 196), a partir do que não quer, do que não sabe, do que não imagina, do que não deseja, do que não espera, do que não nos falta. Só essa experiência pode ser uma autêntica experiência-do-outro-da-criança, com a criança no modo como aqui nos dispusemos a trabalhar – deixando nossos pés, deixando os ouvidos, deixando nossa linguagem, nossa vontade de ordenar no meio do caminho e receber, em troca, *ignorâncias*. Lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos (barros: 2016, p. 17). Lá onde não a empobrecemos.

Ignorâncias

O rio que fazia uma volta atrás da nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.

Passou um homem e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem.

– (barros: 2016, p. 20).

A bola é brinca

E passou o intervalo a brincar – a turma.
Ninguém sabe do que é que eles estão brincando.
De alguma coisa de bola.
Talvez...
Hospitalizei-me, daí, no pátio junto das crianças.
Resolvi cartografá-lo.
A bola pode levar a lugares impressionantes.
Eu a faço de brinca.
É brinca.
Monto meu **pátimagem** de arquivos – que pensa – assim.
Em meio a uma reunião de crianças com a bola.



escola-habitante: E a criança brinca mais ainda. Retrato no dia-de-escola

Uma reunião ainda

Em uma daquelas reuniões que tínhamos às tardes de terça-feira mais olhares se formaram através de um caleidoscópio. Eu nem o co-

nhecia – o caleidoscópio. A experiência de uma artista¹³ foi quem nos inventou.

Então foi isso: oferecer a criança um caleidoscópio para assistir o mundo; seu mundo brincado pelo caleidoscópio.

E inventou-se uma segunda oficina onde a montanha em cima do prédio poderia ser vista pelo **olhoscópio** das crianças, por exemplo.



escola-habitante: Multiplicado às grades-muçulmanas. Retrato no dia-de-escola

Da multiplicação muçulmana à poesia. Da desimportância do cheiro de um pé de eucalipto...

Dei-me conta de um **outrolho**-criança. A questão do *encontro*, da *hospitalidade*, da *alteridade*, da *experiência-outro*, que tanto transbordava nas páginas filosóficas de escritores do pensamento, dos intercessores desta pesquisa de quem li, me invadiu de modo bastante peregrino; algumas vezes me deixando em estado de vertigem pelas verdades transvistas, que eu diria adquiridas, fumegaram-se no ir e vir da escola.

E eu fiquei cada vez mais ansioso em meu “aquecimento” nela.

O relógio estava regrado para me acordar bem cedo. Mas, antes das 6 me acordei – ao som de um violão e à cor cinzenta que alarmava chuva no céu. O dia estava nublado, aquarelado entre as nuvens, com pouca cor.

¹³ Refiro-me, especialmente, a Angélica, professora de Arte do Colégio de Aplicação da UFSC e também integrante do GECEM.

E fui – caminhei à lembrança do cheiro dos pés de eucalipto que tinham no meio do caminho. Era o quarto dia que me recebiam na escola e, ao mesmo tempo, o quarto dia de um cartógrafo a receber estranhices. De um cartógrafo ensinado a beber, a furtar-se, a *ser* com seu encontro. Mais eventos se tornaram relevos em minha experiência. Mais ventos... Aliás, a sala de aula e não só ela, também a escola inteira, vivem nos oferecendo e(ventos), muitos, dos quais sem propósitos. Simplesmente passam, aconchegam até nós – os despropósitos e tempos vazios. Penso, na ocasião, em uma direção vagabundeante que se encontra nos interstícios de uma aula que dá a multiplicação o operar muçulmano.

Interessante. A novidade muçulmana da multiplicação caiu com a repetição e repetição de operações no interior de quadradinhos rabiscados no caderno. Teve jeito de brincadeira divertida. A criança ri, interpela o outro, aspira acertar – até que cansa. Acredita que aprendeu ou talvez porque cansou ou porque já enjoou de fazer e vaga, divaga. Põe-se em dispersão. E dispersão, diz skliar, é a atenção mesmo das crianças quando seu olhar se volta para todos os lados, porque as coisas se movem, emitem sons, tocam tons, falam, esfriam, esquentam, coloreem... (...) não por imaturidade, mas, talvez, porque não há ordem no mundo (2014, p. 139). Porque o abecedário colorido, porque os mosquitos da dengue, fabricados com *pet* bem no fundo da sala, porque o vídeo assistido, o jogo jogado, o celular ganhado, o episódio da série contado... “Porques sem acento” que não se desdobram, não se explicam. Implicam talvez para os mistérios das peles e ouvidos e olhos e bocas de sua linguagem criança. Eu ali, no meio, sou chamado:

– Olha a poesia que eu fiz... – alegre-se Tamires.

– Eu gosto muito de fazer poesia... – Não esconde ela.

Surpreso, ela me apresentou duas poesias de seu caderno de folhas rosadas e riscadas no avesso – poetizadas por ela e escrita na letra de sua mãe – e depois entregou em minhas mãos para eu ler uma que datava de 15 de Outubro, acho que do ano de 2015. A poesia dizia algo de encantamento pela primavera. Uma poesia do agora, a poesia infinita, a poesia de Tamires, do mundo como festa de primavera. Não cansei de me encantar e pedi pra ela recitá-la.

Levei a poesia embora como empolgação de um encontro poético da aula de multiplicação muçulmana.

Dizia assim, ou melhor, era assim:

15/10. (Luzia) de Thami).

A natureza e a primavera

A natureza é linda!
Os passarinhos cantam
As águas começam a
dançar

As árvores balançam ao vento
As fadinhas começam a
fazer festa

A primavera já vem chegando
E todo mundo se prepara
para uma páscoa que
nunca chega ao fim ...

Itinerâncias

Nas aulas que mergulhei e me ofereci estar presente, inúmeros furos se impeliram como pulsação de experiências com o mundo das crianças, na escola, nos engendramentos que a sensibilidade nos ataca, quer embarcar. Entretanto, para reorientar as forças de outros afetos que começam a despontar aqui e ali, abandono essa elasticidade da habitação para escolha de estar atento a incorporar, neste trabalho com o outro, outras afecções e experiências construídas na potência dos movimentos das *oficinas-experiência*.

E sigo construindo itinerâncias.

Agora, é só puxar o alarme da habitação oficinática que eu saio por aqui deixando rastros¹⁴ de uma proposta de trabalho com experiências. Talvez, mais a ver *com* crianças de crianças.

¹⁴ Esses rastros são assomados a expressão Habitar significa deixar rastros de WALTER benjamin (1991, p. 38), porém sob um olhar expressionado diferentemente. Não no sentido de posse, de deixar as marcas do habitante privado, do universo impresso pelos objetos do homem que vive interiorizado à sociedade capitalista. Mas no sentido de deixar marcas do vivido, do experimentado. Habitar é, portanto, aqui, deixar marcas de experiência.

INVENCIONÁTICAS E OFICINÁTICAS

uma brincadeira de despedaçamentos

– da criança, da matemática e do corpo-todo-em-pesquisa

Estou atravessando um período de oficina, retomado no ponto em que deixei minha expedição. No ponto em que deixei meu estudo.

de combate das palavras ainda não lidas contra as palavras já lidas, das palavras já escritas com as ainda não escritas.

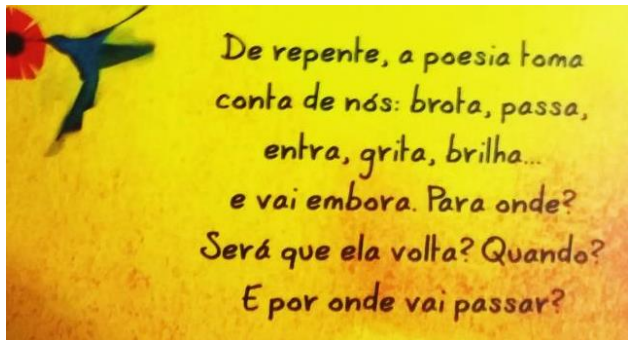
eu com JORGE larrosa: 2003, p. 85

Pi-o-v-o-v-e-l-m-e-n-t-e sobre as frondes viriam os pássaros cantar
Levando-me ate os caminhos indecisos da aurora.
Entretanto havia uma pergunta que me desafiava
E um desejo obscuro nas mãos de apanhar objetos
largados na tarde (manhã)...

Fui andando...
Meus passos não eram para chegar porque não havia
chegada
Nem desejos de ficar parado no meio do caminho.
Fui andando...

As coisas eram simples.
Nem gaivotas no mar imperturbável,
Mas havia uma pergunta que me desafiava

E os mistérios se encontravam como dois números e se
completavam
Em meu rosto... Nada posso fazer, pensei.
E fui apanhando objetos largados na tarde (manhã)
Com as ruínas do outono em que vicejo.



De repente, a poesia toma
conta de nós: brota, passa,
entra, grita, brilha...
e vai embora. Para onde?
Será que ela volta? Quando?
E por onde vai passar?

(Esse pedaço de poesia foi retirado de um livro de poesias da criança-Tamires, o qual fez morada em minha casa no tempo da intervenção. *Poesia na varanda*: esse é o título do livro, de Sônia Junqueira. Uma relação poética que agora me afeta em escrita, na própria escrita.)

Sensações antipáticas do (des)fazimento

Recordo-me daquele despertar do relógio e o corpo já todo de-sestabilizado: a mente flanando em algum lugar. Meio sonâmbulo, meio perdido no sono num dia de fazer memórias-oficináticas, aventurei-me num agitado amanhecer, atulhado de sensações estranhas, de estranhices.

Só sei pensar na hora ruim...

– (barros: 2010, p. 15).

Era 19 de Abril de 2016.

Descantei, como em outras vezes, o som do despertador. Abri a janela e ao redor vi um tímido sol misturado entre as nuvens fundindo-se em várias cores no céu. O início de uma manhã me foi dado a ver. Eu devorei o outro lado da janela e me incrustei de pensamentos naquela manhã de intervenção de oficinas com criança.

Creio que a preocupação, ou queira a ansiedade de experimentar a primeira oficina e, então, produzir¹⁵ (mais) dados para a pesquisa, me fez acordar. Ainda que estivesse cheio de aprendizagens cartografeiras, pensava no que falar, em como falar; reabria alguns textos, especialmente os de traços cubistas para guardar algumas informações a seu respeito e, claro, aproveitá-las no momento da intervenção (ou de minha miséria). E refletia em tom de teimosia: isso não tem a ver com fazer ou praticar uma cartografia! Tornei-me um desaprendiz-cartógrafo?! E o dever da pesquisa-intervenção? Habitar o estranhamento? A hospitalidade? O deixar-se? Entre tantas as reincidências do processo me vi capturado pelas forças de inteligência que tendem a apressar-se em fixar e ordenar as dimensões não fixas e inordenáveis do campo de pesquisa (amador-&fonseca: 2009, p. 33).

Foram questões que não pude evitar no movimento aleatório daquela manhã. Ao mesmo tempo, foram questões que me capturaram em (trans)formação. Algo aconteceu enquanto experiência-do-incômodo. Talvez porque se tratasse do desconhecido, da dúvida que o dia me carregaria e, ao mesmo tempo, do desconhecido como inauguração, como voz da pesquisa.

¹⁵ Vale a pena dar ênfase, considerando a direção que toma este trabalho, que não há uma coleta de dados, pois não há, no modo como entendemos o-fazer-pesquisa, uma realidade dada em si mesma, abastecida de substancialidade. Nesse sentido, também não há o que coletar, “tirar de dentro” da realidade, o que dizer “sobre” as crianças que pesquisamos, o que informar delas. Dissolve-se sujeito e objeto por isso, havendo, sim, um cultivo, uma produção de dados coletivamente; num coletivo de experiência. Para mais, produzimos realidades num gesto de estar presente, cultivamos realidades num processo de experimentação *com*.

Arrumei-me e fui à escola, com uma caixa colorida em mãos cheia de matéria-prima de oficina, inventada na semana anterior: caixinhas de papel, fotografias dos alunos recortadas e editadas, câmera fotográfica, gravadores, poesia, caderno de anotação, cola, giz de cera, lápis de cor, papéis grandes – ao calor dos quase 30° já nas primeiras horas do dia. E aproveitava, quando dava certo, a sombra dos ônibus sobre a calçada para me esconder do sol.

Experiência

O menino ia no mato
E a onça comeu ele.
Depois o caminhão passou por dentro do corpo do menino
E ele foi contar para a mãe.
A mãe disse: Mas se a onça comeu você, como é que o caminhão passou por dentro do seu corpo?
É que o caminhão só passou renteando meu corpo
E eu desviei depressa.
Olha, mãe, eu só queria inventar uma poesia.
Eu não preciso de fazer razão.
– (barros: 2015, p. 126).

Eu vim (des)esperar a infância...

– O que ele veio fazer aqui, que terrores veio provocar, que violências vai cometer contra a educação das crianças, com a sua vontade de ensiná-las a pensar sem imagens e a aprender a desaprender? Quem ele pensa que é, para vir se meter com as crianças da Educação, até agora tão plenas de formas essenciais e saturadas de definições substanciais? (corazza-&-tadeu: 2003, p. 89).

Eu ia à escola pra esfregar minhas insignificâncias.
Alguma coisa antes da curva da estrada com as crianças. Talvez

Experi-
...enciar
...mento
...mentar
...mentação
...mentador
ência

Alguma coisa sem razão no meio da educação (matemática).

Só recebendo entradas descompensadas.

Mas parece que sou ainda capaz de emitir o que a criança “não sabe”, aos meus mandos, a minha palavra, enchendo-a de um certo rumo.

Talvez eu fosse à escola para expropriar de mim e dar o absoluto à criança, a sua **desrumação**. Escutar a sua voz.

É a voz da criança a dizer sem nossa voz se falar.

Eu penso que sou uma tentativa de escutar a infância coexistindo como fato infante.

Aí vejo passar uma infantaria de pesquisa.

Eu vim me meter com o que vaza das crianças na escola. Pensar ao menos desconformar minha voz para deixar a criança experimentar sua própria voz.

As crianças estão jogando na escola.

Nossos jogos elas jogam.

Eu penso que sou um **ouver**¹⁶ dos jogos que as crianças estão jogando na escola. Experimento receber sua ressoações

– ainda que na maioria das vezes, preferimos não ouvir, para não ver ruir o castelo de carta de nossas instituições (gallo: 2010, p. 120) **escoleiras**.

Eu vim provocar desterrores no despreparo do eu e terrores num **ífanscar**¹⁷, na norma-conformação alojada como poeira nos quadros, nas carteiras, nos corredores, na grama, na areia, nos bancos do pátio, nos brinquedos... da escola. Nas ondas de voz que

¹⁶ Ouço-e-vejo.

¹⁷ Trata-se de um educar-*infans*, considerando a própria perspectiva etimológica de *infans*, ausência de fala. Nesse âmbito, o que possui a palavra (o professor, o adulto, o que está ajustado a um sistema de linguagem) ensina o que não possui a palavra (a criança, que não é (mas será), incompleta, sem o sistema de linguagem sistematizado). Isso ganha evidência quando a escola, enquanto *máquina de ensino oficial*, coloca a criança no contexto de coordenadas semióticas preestabelecidas, nas quais ela seja treinada – seja para mandar, seja para obedecer. Na escola, a criança, *infans*, sem palavra, é introduzida no universo da linguagem. Mas não para experimentar sua própria voz, mas para ser enquadrada num sistema semiótico já definido, no qual ela dirá aquilo que se espera que seja dito, da maneira como se espera que seja dito. Eis o que é aprendido na escola (gallo: 2010, p. 116).

viajam de uma boca e se dispersam por não encontrar lugar para relar – na criança.

O ideal seria uma criança sem dono, que aparecesse como nuvem,

Que não tivesse destino nem nome – senão que um sorriso triste

E que nesse sorriso estivessem encerrados

Toda a timidez e todo o espanto das crianças que não tem rumo...

– (barros: 2010, p. 15).

– Eu vim de vontade

de fazer alergia na Educação.

– Eu vim de vontade de ver matemática desgramaticada e descalculada e ver ela morrendo dentro dela mesma.

Que seria?

Seria descobrir no olhar “morto” da matemática o sinal de uma matemática inventada – que só sabe a criança.

(Uma matemática comida pelo leão e atropelada por um caminhão passado dentro.)

Talvez, algumas coisas impressentidas da matemática.

Eu vim para sofrer alguma coisa.

Germinar ferrugens.

Talvez, fazer experiência do mundo, e complicar com as crianças da Educação o sentido do que “pilha” nos.

Talvez uma **experiência**: uma experiência mesmo da infância.

E daí, no meio do caminho, um espaço aberto para experimentar (matemáticas)

– talvez com poéticas.

No meio do caminho

No meio desse caminho tinha experiência.

Tinha experiência no meio do caminho.

Tinha experimentação.

No meio do caminho tinha uma experiência – com “Re-tra-tos”¹⁸ de crianças (com a poesia de CARLOS DRUMMOND DE andrade – que passou em mim e ficou).

A intervencinática na direção da pessoa do vento

O amarelo, por uma aspiração e, sobretudo por uma aspiração, coloriu de uma só vez o caderno, a borracha, a pasta, o lápis e também uma pequena mescla nos materiais da oficina que levava dentro de uma caixa estampada de quadrados transvertidos nas cores azuis (e tons de azul), verde (e tons de verde), laranja (e tons de laranja), vermelho (e tons de vermelho), roxo (e tons de roxo) e amarelo (e tons de amarelo). Seja dito de passagem, fui de amarelo – com a caixa estampada de quadrados transvertidos em cores – até a escola, na companhia de Cássia e Thaline, amigas-doutorandas do grupo descomparado, que também se associaram e infiltraram-se no **territóriooficinativo** produzindo imagens, vídeos, passeios em seus ofícios de **câmerar**, filmar e gravar o *estar-com-as-crianças*, *com-as-coisas-do-oficinar*. E, juntos, percorremos naquela manhã o caminho até o 5º B – eu, contudo, desperto a **atencionar** coisas e na aposta de despedaçar-me, perder-me, desvanecer-me, deixar de saber, tornar-me irreconhecível na relação com o outro, escutar impressentimentos; a me entregar aos protocolos de uma experiência coletiva. Eu, contudo, na poesia-de-barronês, pertencendo de andar atoamente. (barros: 2015, p. 103).

Fomos andando... Mais ou menos perto do intervalo chegamos à escola em nossa andança. No instante do chegar, as crianças estavam por terminar uma prova-de-matemática-fracionária, ainda de corpos inteiriços, tensos de seu **provamento**. Do lado de fora, no corredor vazio, ainda pouco pulado pelas crianças, deixamos descansar nossos materiais e nosso corpos – à espreita de qualquer encontro, à suspeita de coisas simples. O trabalho de oficina ocorreria somente na terceira aula de matemática, após o intervalo das crianças, e nas duas últimas que tomamos emprestadas de Ciências. O tempo, as disciplinas, a oficina se ajustaram, nesse sentido. Quebraram, fraturaram a organização disciplinar da terça-feira. Provocamos deslocamentos. Furamos a manhã para que

¹⁸ Trata-se da primeira oficina e sobre a qual foi produzida uma forma-ensaio-artigo de título: “Re-tra-tos de crianças: experiências e de-formações do pensamento em cena”, publicada na revista Educação & Fronteiras On-Line, v. 6, n. 17, no ano de 2016, de autoria de Bruno Moreno Francisco e Cláudia Regina Flores. O trabalho é, no sentido mesmo da cartografia, uma abertura da pesquisa, um encontro do ensaiar no processo do fazer-pesquisa. Ocorre, aqui, de transitarmos por algumas passagens escritas no artigo, mas que não serão citadas.

pudesse vazar outras coisas, pulsações, outra aula, a infância. Esperamos o tempo do intervalo, ali, sentados – à espreita de qualquer encontro, à abundância de ansiedades.

– A minha direção era a pessoa do vento (barros: 2015, p. 103).

E o vento trouxe a barulheira da sineta e fomos officinar com uma caixa estampada de quadrados transvertidos em cores...

Nos rostos da matemática

Ouçõ o fluir das crianças... Enquanto chegavam do passatempo entre aulas, testamos os gravadores, a câmara, a filmadora e esperamos a professora comentar uma tarefa de que os alunos tarefaariam em casa. Consistia de alguns exercícios-problema das quatro operações (lembro-me só da parte da divisão, no entanto...). Pegaram a tarefa entregue por ela, colaram-na no caderno, depois guardaram tudo que tinha de “caderno-de-matemática” e se colocaram no pedido feito de se concentrar num corpo-em-matemática feito. Seria, daí, como corpos **desmatematicados**.

– Temos visitas e uma delas é colega da professora aqui do Colégio de Aplicação e a outra é também minha colega e professora, mas não trabalha aqui no colégio. O que será que elas vieram fazer aqui? Quem são essas pessoas? – disse a professora.

Um de lá, outro de cá e mais outro e outro ergueram a mão, flertando-se vozes:

– Eu acho que são estagiárias...

– Professoras que vieram para o projeto do Bruno...

– Aaaa! Realmente... Elas são professoras... – Concordou Josy.

Adivinhem do que elas....

– Matemáatica! – E Adivinharam os alunos queimando a pergunta.

– Essas são as professoras de matemática...

Aula de matemática.

Duas visitas na aula de matemática.

Duas visitas professoras.

Rostos matemáticos...

Rostos da matemática.

Ah, elas são professoras de matemática.

Poderia não ser.

Rosto seco, daí.

A professora lança, na ocasião da queimadura, do lançar de fogo das crianças, uma provocação:

– Aproveite a experiência que eles vão fazer hoje com a gente, a atividade...

Na descoberta das crianças deu a notar que as professoras Cássia e Thaline atravessariam aquela aula comigo, na *ATIVIDADE* molhada de muitos pedaços de gente e de coisas (que inclusive me formam (me subjetivam), cartógrafo, professor e tantos outros).

Ninguém sabe o que eles estão pensando sobre a atividade prevenida de nós, mais velhos...

– Vai ser em grupo? – perguntou alguém.

– Vai... – garantiu uma voz lá na frente.

– Uma pergunta: vocês são irmãs? – Decerto não mais que uma pergunta, uma lúcida pergunta de Pedro.

– Por que tu achaste isso? – Interpelou a professora.

– O óculos... O cabelo...

– A câmera pendurada – disse outro ainda.

– Ah, os adereços... – disse de outro jeito a professora.

Ah, queríamos empregar-lhes palavras. E seguiam a aula – sabendo que Cássia e Thaline eram os nomes dos rostos de matemática e não eram irmãs, mas professoras de matemática e colegas da professora Josy.

Essa é Cássia. Cássia de Matemática. Apresentou-se – à turma.

Essa é Thaline. Thaline de Matemática. Apresentou-se – à turma.

Nenhuma pessoa imaginava, no entanto, que eram irmãs para Pedro. Para-Pedro-era. Em seu modo de pensar, de evadir, de olhar, de estar, de lançar de si, de esborralhar a conversa da atividade, Pedro me convida a também pensar, a abrir braços do pensamento, nos convida a entrar e sentir o seu sentido, no seu sentido. Sua voz fala algo de que, talvez, nossa linguagem não se preocupe falar. Ele vê óculos no lugar onde vemos um corpo a gravar passeios, mira cabelos **enlouraçados** no lugar de “que cores da matemática elas vão, hoje, ensinar...”. No meu andar **atoante**, ouvir de novo a criança-Pedro, por exemplo, me fez sentir de olhos parados... Sentir:

por toda parte o segredo das coisas vivas.

Entrar por caminhos ignorados, sair por caminhos ignorados.

– (barros: 2010, p. 59).



oficina-com-des-re-tra-tos: A caixa estampada de quadrados transvertidos em cores e bisbilhotes-de-olhos. Retrato no dia-de-oficinática

Na ocasião das primeiras descobertas nos encontrávamos pensando em um plano de organização da sala. Descobrimos depois que fazer corresponder cinco gravadores-de-memórias (estilhaçadas) em cinco grupos, seria, afinal de contas, perfeito para o momento. A sala de aula então se remexeu, desfizeram-se as filas, fez-se um canto alto de carteiras e cadeiras e de crianças. Bagunçamos por alguns minutos e cinco grupos (4 grupos com 5 crianças e 1 grupo com 4) se criaram, ganhando nomes de vinte e quatro crianças. O espaço da sala tornou-se outro, desorganizado com dois grupos à esquerda, um no meio e os outros dois à direita – em relação à porta.

Eu vim fazer o que estava fazendo ali. E só agora posso dizer...

Caixa-de-muitas-coisas

Peguei a caixa estampada de quadrados transvertidos em cores e a aloquei sobre um banquinho de quatro pernas rosado que achei escondido debaixo da prateleira de livros que ficava na parede do quadro branco. E coloquei bem no meio da sala a caixa que insultou os olhos das crianças. Deixei-a ali, insultando-se reciprocamente. Ela escondia seus segredos e, por isso, movimentava os corpos. Uma só caixa fez

bater dentes, uma só caixa fez palpar fantasias; uma caixa de onde se poderiam imaginar muitas coisas.

Uma caixa cheia de olhos bisbilhoteiros.

Olhos de ver o fundo do poço.

Cabeças de vulturar no ar.

Uma criança senta, outra levanta, outra senta, outra levanta...

Uma passa bem perto da caixa.

Não imagino o que estão pensando.

A criança senta e levanta e passa perto da caixa numa sintonia de segredos – entre ela e caixa estampada sobre uma banquetta rosada cheias de caixinhas amarelas-e-azuis.

Ouve-se ao longe sussurros de crianças.

E deixei segredar entre elas.

Uma formameio de conversações (gravador-ENTRE-criança)

Inventamos uma formameio de oficiar. Talvez, naquele momento, eu não tivesse dado conta de que a caixa-de-muitas-coisas e as “visitas”, por exemplo, arrastaram em seu curso várias coisas – das crianças. Inclusive o gravador deixado sobre as mesas-de-oficinar. É sobre este dispositivo e a partir dele que componho as próximas linhas – em conversações, em pontos.

– Que que é isso? – perguntou Isa, do grupo do meio, a Luna:

– Um gravador de voz.

– Está ligado?

– O que que é isso hein? – E continuava a mesma pergunta, agora de Mari.

– Um gravador de voz! – disse alto o Kauã.

Na experimentação do objeto e de sua dúvida, o objeto-dúvida, Marcos mexia no gravador, pirueta-o, pegava-o, sentia-o em suas mãos. Mas, Kauã o advertiu:

– Não Marcos! É um gravador de voz. Tem que deixar aqui, bem quietinho!

O gravador que tinha o jeito de estar sendo zelado por algumas crianças ganhou, ao mesmo tempo, jeito de vida. Ganhou ainda nesse mesmo tempo jeito de um comando adulto. Borrifo de uma voz adulta chuviscou em Kauã: “Esqueçam que há um gravador na mesa de vocês, tudo bem?”. Entretanto, estive muito enganado de que o gravador se

enevoaria no meio das crianças. Gravador é coisa viva de voz. Foi recepcionado com o chamado de vários “ois” e teve, assim, uma conversa com todos do grupo. Comigo, talvez, quem os ouviria depois. Mas não se sabe. O gravador apenas tinha ouvidos para as crianças.

– Não gostei. Não quero falar. Vou ficar quieta – disse Mari. (De fato, pouco pude ouvi-la no ofício. Mari teve vontade de ficar quieta, não que devia se esconder do gravador, talvez).

– Não mexe (Marcos)! Não toque nisso! Vai apagar a prova do crime.

– É um barato, né? Isso que é criança. A vontade de mexer... – deu a dizer a professora Josy, ao passear na vizinhança do grupo do meio.

– Helloooo! – E Luna fez durar uma conversa com o gravador. Agora, ouvindo-a, posso dizer que suspeitou de algo das fotos bem no início:

– Será que a gente vai desenhar nas fotos?

– Vai ser horrroso! – disse Marcos na suspeição de Luna.

Todavia, o gravador guardava alguma coisa de mistério, de ficção. Um crime, por exemplo, ensaiado pela própria linguagem da criança. E aquilo não era à toa. Fiquei escutando ao monte.

..

No espaço do grupo que ficava ao lado da caixa de papéis desusados, o gravador tornou-se uma brincadeira de investigador – começada por Iago e interpelada pelo seu amigo, Pedro.

– Estão gravando nosso áudio. Estão espionando a gente!

– Não é pra mexer, cara!

– Ele tá espionando a gente, Pedro! Tá gravando nosso áudio. Tais espionando a gente, né?

– É né, ué! – entrevistou Carlos.

Ao lado de uma caixa de papéis desusados e de um armário de livros, uma criança que diz estar espiada por um gravador...

– Por que ele está espionando a gente? – perguntou Iago à Cássia. – Tem um *chip* aqui, meu Deus! Como desliga? Ele está espionando a gente o tempo todo!

– Éééé... Alguma coisa! Tem a ver com a atividade de vocês – E Cássia joga suas palavras de provocação.

...

– Tá gravando? – Uma criança se distraiu com a pergunta.

Xiiii gente. Incidente de atenção!!!

Até aqui, havíamos colocado sobre as mesas-de-oficinar os gravadores e também gizes de cera, lápis de cor, colas e uma folha de papel-*canson* tamanho A3 para cada criança. A partir daí soltei as primeiras expressões de que estávamos a fazer, juntos, um trabalho de oficiar-com-imagens. Não pensava mais como dizer. Mas eu estava ali, ora com a mão na cintura, ora com as mãos em posição de prece, ora roçando-as na caixa-de-muitas-coisas, ora andando pra frente, ora pra trás, entre crianças, olhando-as de perto pelo visto de uma história a construir; um espetáculo, ao que tudo indica.

Geovane, que estava no grupo perto dos livros dentro de caixotes, no canto direito da sala e também perto de mim, achou que devia exigir silêncio. Minha postura, acaso, levava alguma **atenção**.

– Atenção pro Bruno!!!

De pé, atrás da banquetta rosada, e interpelado pela criança-Geovane, atentei algumas palavras, me ultrajei em algumas:

– Olha só... Vocês provavelmente já viram que nas mesas têm coisas diferentes, não é?

– Siiiiiiim!

– Um ce-lu-lar!

– Levanta o braço pra falar pessoal, senão eu não entendo – entrevi a professora Josy e no meio da própria pergunta, dei de interromper o olhar das crianças:

– Pessoal, vamos prestar atenção um pouquinho... Vamos combinar só uma coisa: quando quiserem falar, levantem a mão. Cada um fala na sua vez, até porque eu quero ouvir a todos. – E ordenei o universo da criança, sem saber, por uma educação. Outras **educ-aten-ções**, no entanto, se combinavam entre elas que não as de levantar a mão (talvez porque esqueciam), porque elas, as crianças, inventam seu próprio elemento, sua própria forma de atenção; porque, quem sabe, não há ordem no seu mundo (skliar: 2014⁶). Talvez, porque eu as empobreci impostando seu tempo e seu espaço. Talvez, fiz senti-las impotentes diante de uma voz adulta que ordena – sem saber no que isso tem de efeito.

Enquanto uns falavam entre um e outro

Outros iam tratar da vida

Isto é: acenar tchau a câmera.

.....

Brincar de ficar em pé e não ficar em pé a cola.

Dar sono a carteira.

O incidente de atenção deu matéria para o pensamento.

– É é bem alto pra levantar o braço, tá Mariana? – Sobreavisou a professora. Foi o que Mari fez disparando uma pergunta no meio da minha tentativa de colocar em ordem ou uma ordem às crianças.

– O que tem nessas caixas?

– Aaaaah! O que será que tem nessas caixas? – fiz um trejeito de quem quisera surpreendê-la. (Ah, uma suposta existência!)

Como é o lugar
quando ninguém passa por ele?
Existem as coisas
sem ser vistas?

O interior do apartamento desabitado,
a pinça esquecida na gaveta,
os eucaliptos à noite no caminho
três vezes deserto,
a formiga sob a terra no domingo,
os mortos, um minuto
depois de sepultados,
nós, sozinhos
no quarto sem espelho?
– (andrade: 2014, p. 12).

Na descontinuidade desta poesia de CARLOS DRUMMOND DE andrade, faço inchar uma pergunta:

Como é o lugar
quando ninguém passa por ele?
Existem as coisas
sem ser vistas?

Dentro de uma caixa retangular de papel colorido?

– Tem fotos! – aconteceu de dizer Iago e ecoaram dele vozes (zes... zes...) de que havia, sim, fotos: “Tiramos fotos”. “É... Tiramos fotos”. “Tiramos várias fotos”.

Caixinhas¹⁹ amarelas-e-azuis, combinadas nessas cores, feitas de papel e produzidas aos vincos de dobradura, tornaram-se algo de especulação imensa. As caixas amarelas-e-azuis, que se misturavam com as cores azuis escuro das cadeiras da sala e camisetas amarelas bem fortes do uniforme da escola, **novidou** minha presença, pausou, tremeu. As caixinhas amarelas-e-azuis se fizeram de presente, deram-se de presente às crianças. As caixinhas todas, absolutamente todas, devoraram-nas. Por inteiro. Fizeram recurvas – para além de caixas amarelas-e-azuis...

– Primeiro, vamos por partes...

Respirar-e-Ouvir corpos que dançam no papel

A parte de soltar as mãos, os ombros, esticar os braços, entortar o pescoço, uma massagem nas costas, desestressar as pernas nos interessei desde então. Descuidamos de ansiedades para ficar à vontade (sobretudo o cartógrafo). A respiração espalhou-se em nossos ouvidos. O repouso ganhou interjeição e até espaço para o sono e para performances e mais ainda para deixar quieto o corpo, sem fazer nada nele:

– Aaaaaaaaah!

– Vou até dormir...

– Deitá no chão... Põe o pé na mêeesa...

No “alívio” do corpo que se instaurou depois que nos oferecemos em descanso, disse, num tom cismado:

– Vocês imaginam por que estou aqui, o que eu vou fazer?

As mãos de algumas crianças se levantaram empolgadamente, e bocas pediam a saída de alguns palpites.

– Não. Não sei!

– O Geovane... O Geovane quer falar. Ele levantou o braço! – me alertou Anderson.

– Acho que a gente vai pegar uma foto, botar numa folha de papel e fazer um corpo dançando alguma coisa. – Abriu, aí, um lugar para a risada entrar com a invenção dançante do corpo de Geovane.

– Dançando? Por que dançando?

– Eu não sei, veio da minha imaginação!

E fiz um silêncio branco... (barros: 2010, p. 82).

¹⁹ Fabricar caixinhas com papel dobradura se fez invento a partir de um encontro de almoço no restaurante da universidade, entre mim e Simone, amiga-de-mestrado do mesmo programa de pós-graduação. Ela, na ocasião, me apresentou um vídeo sobre como produzir caixinhas a partir do papel, quando pensava em comprá-las em alguma loja de artesanato. E, daí, fazer arte com papel se tornou uma experimentação divertida e interessante. Até de presente.

– Dançando, dançando, dançando, Dan dan dan dan dan ... – seguiu alguém num ritmo-Sangalo de bailado. Acho que foi o Carlos, amigo de Rafael que, bem baixinho, contando para si, apostou que todos iriam se desenhar.

Eu estava sendo cartógrafo em sala de aula dentre as salas de outras aulas.

A aula da sala era de matemática.

Mas no meio da aula uma atividade de fazer corpos dançando alguma coisa – veio da imaginação.

Dançar corpo no papel.

Então o papel se animou sem saber:

Porque da imaginação de uma criança.

A aula de matemática virou outra

– de a gente nos desenhar,

de a gente fazer corpo dançar.

E não adianta perguntar o porquê.

Só a criança sabe por que corpo dança no papel.

Isso me leva a imaginar como as crianças transpassam nossos saberes, tira de nós a língua e nos deixa sem palavra. Dão vida ao que nos é dado como morto; contam a verdade do que sentem sem medo de falácia; animam um corpo no papel bruto como glória de sua imaginação; empresta da sua própria linguagem uma zombaria; a sabedoria que fazem das coisas do mundo parece insensatez e profanidade diante de nós, seres tão aclamados por instituições e instituições... E persistimos em saber o por quê... Talvez porque eu seja (ou muito de nós sejamos) um pouco de gente grande – **dizido** em sain-exúpery – que pediu clemência ao leitor de sua história por não saber enxergar como a criança-Príncipe, ovelhas através de caixotes. Estamos sempre à espera de uma explicação. A espera de ver e não transver(-se)...

Tá na cara que é (uma oficinática de) foto

– Alguém se lembra do que fizemos semana passada?

A pergunta não estava muito longe do passeio que as crianças fizeram até o Espaço Estético no qual produzimos algumas fotos. Não passou senão de uma provocação minha em acender respostas ao acontecimento “Tirar fotos” – já, nesse caso, sob muitas suspeitas pela turma. Então veio a recordação de Carlos e Pedro dizendo que todos tiveram

seus retratos guardados na câmera. Iago, na primeira lembrança insistiu no “não”, porém, depois, disse até de suas poses:

– Tiramos fotos!

– Nãaa!

– Tiramos, sim!

– Eu lembrei, tiramos fotos com poses, assim, ó... – do tipo de corpo curvado, com o queixo segurado pela mão fechada e o cotovelo sobre a perna; da postura dos dedos em sinal de “V”. Desse modo que o vi.

A palavra foto se repetia o tempo todo, sem saber que outra coisa dizer. Virou palavra reproduzida uma, duas, três (...) vezes na fala e no corpo inteiro das crianças. Armei-me, a propósito disso, e continuei num invento de conversa.

– Alguém se lembrou das fotos, então? Nós vamos sim... Não sei, não sei... Eu trouxe um presente pra vocês!

Enquanto as crianças soltavam a expressão “Aaah!” de desapontamento com o meu “Não sei” que acabara de interdizer, o presente entreluzido por mim não escondeu a alegria delas em forma de um alto “Êeeeeee!”, “Eba!”. A alegria do corpo-criança.

– É nossa fotinha? – perguntou Fernanda, espremendo suas bochechas com as mãos, ao passo que para Luna “estava na cara” que eram suas fotos. – É... Tá na cara – afirmou Júlia, lá do outro lado.

Estava na cara, portanto, o fato vivido na captura de traços e de uma infinidade de jeitos de ser e estar no mundo das crianças a partir dos cliques, *flashes* e conversas que cultivamos no espaço de arte da escola. O espaço onde modos de pertencer da criança e de se colocar diante da câmera tornaram-se visíveis: traços mais tímidos, sorrisos largos e trêmulos, mãos que se escondiam no bolso pela intimidação da lente da câmera, poses de modelo, batons marcantes para impressionar... A câmera, como dispositivo-fotográfico, cumpriu um papel de convocar esses traços, sensações, espontaneidades, contágios e singularidades de um postar de frente, de costas, de perfil, de cabeça erguida, de poses engraçadas, de caretas, de um postar sério.

As caixinhas amarelas-e-azuis confienciavam um presente de cartógrafo-editor-de-imagem associado às fotos de cada aluno: fotos acinzentadas, visíveis apenas em traços do rosto, boca, nariz, tênis, jaqueta, cabelo, arquinho, relógio, óculos, braço, perna... Um presente fabricado, bastante técnico e, ao mesmo tempo, sensível, pois exigiu muito cuidado com o tratamento de cada fotografia, de cada reinvenção aos comandos de “máximo tom de cinza” e “corte”. Um arquivo, a seguir, se criou com fotos editadas, com cores neutras e tonalidades claras.

Trabalhar com as fotos nessa nuance foi uma alternativa para que, posteriormente, fosse possível deformá-las e as crianças entregassem sua experimentação nelas, colorindo, refazendo formas, dando vida, inventando, sendo artistas. Ou seja, depois, desajustado o que a máquina fotográfica capturou das crianças, reconstruía-se outras formas para o corpo, recortando-as, deformando-as em pedaços, em formas dentro de formas. E nisso, contei com a colaboração de Mônica, mestranda também do GECEM. Deformar a foto significou para nós recriar formas retas sobre um **desenhoto** com um traçado aleatório do lápis com a régua.

Em seguida disso, outro trabalho: recortar os traçados e construir um kit de formas dos alunos. Em um saquinho de plástico transparente colocamos as desformas recortadas, deixando de fora algumas. Por exemplo, partes do cabelo, um olho ou orelha, ou mesmo uma parte do rosto, pedaço do uniforme do colégio, do tênis, etc. Cada kit levava o nome do aluno em um adesivo amarelo, guardado, portanto, dentro de uma caixinha produzida com papel *color set* amarelo-e-azul: a **caixonática**.

Com esse material invencionado, levei como presente para as crianças e matéria de nossa oficina. Eis esse o segredo da caixa amarela-e-azul (que, no entanto, era apenas meu segredo e dos participantes do GECEM), materializado, depois, em forma de quebra-cabeça.

Fragmentos de uma caixonática amarela-e-azul

Eu procurava nomes e, um a um, entreguei a caixinha amarela-e-azul:

Uma criança sentada não para de se mover sobre a cadeira e não encobre sua meia-risada de ter uma caixa.

Outra entendeu que devia esperar todos ter uma caixa em mãos para abrir a sua.

Uma mais ao lado percebeu que estava sendo filmada no momento de ganhar o presente e deu “até logo” a câmera.

Outra virou, virou, virou, virou a caixa até que achou seu nome.

Um menino abre em parte a tampa da caixa e fecha e ninguém sabe o que é que ele viu.

.
Lá na frente, perto dos armários, uma criança tenta colocar alguma coisa sobre a caixa para ninguém conseguir abri-la e, também, para ela mesma não vê-la. Decide por na cabeça.

.
E perguntam. Mexem. Sacodem.

.
Acharam de sorrir.

.
Olham por baixo, querem ver através do azul e do amarelo do papel, mas se dão conta de que não se pode ver a dobra interior da caixa.

.
Escutam a caixa.

.
Para lá e para cá a caixa dança na mão de uma criança como num trabalho da antiga máquina de escrever...

.
– Eu ganhei uma caixinha, hahaha!

.
Entreguei as caixas e poderia dizer que, inspirado em MANOEL DE Barros (2010, p. 140), a caixa **amarelazul** é como uma máquina: dorme de touca, dá tiros pelo espelho e tira coelhos do chapéu. A caixa está fechada, **entampada** nas cores amarela e azul e azul e amarelo; a máquina entocada a espera de um invento. As crianças deixam na superfície caixonática suas impressões em todos os lados, colocam mãos sem ninguém dizer onde colocá-la. E então, atiram-se coisas no pensamento. Faz tirar dela um celular. Graceja na sua intimidade com a caixa. Aprende a olhar num buraco cego. Nunca poucos fizeram tanto de uma caixa de papel. Tanto até de lixo que foi parar nele.

.
– Eu vou abrir a caixinha ano que vem!

– Eu já ia indo abrindo... Pra ver o celular que tinha aí dentro.

– Eu queria tanto essa caixinha... Ô Bruno, muito obrigado por essas caixinhas tão bonitas!

– Aqui tem um negócio.

– Tem papel.

– Tem papel? – perguntou Thaline.

– Parece! É a foto.

– É as fotos.

– É a foto!

.
– Ô professora, azul e amarelo é por causa da cor do Brasil?

.
– Será que isso aí vai ser o pratinho do *MasterChef*?

.
– Tem meu nome? – perguntou Isadora aos seus colegas do grupo do meio.

– Aqui ó, Isadora – mostrou Mari, bem na rasteira da dobra.

– Ai, eu tô curiosa. Estou muito ansiosa. Quero ver logo! – disse Luna.

– É as fotos – deixou descuriosa Isadora.

– Eu sei que é as fotos, mas eu tenho uma vontade de ver...

.
Fernanda e Luisa:

– Ô, escuta, ó... Ô Lúh? Fotos...

– É foto.

– Eu acho que tem fotos.

.
– Moça, qual é o objetivo desse jogo? – perguntou Malu a Thaline.

.
O que se encontra em ninho de uma caixonática:

celular, um ano inteiro,

um negócio,

um prototipozinho de um prato do *MasterChef*,

peças de um jogo

[se prestam para pensar.

Servem de barulho para escrever.

Formam linhas-geográficas-de-afetos,

de devires –

na lembrança, que é de MANOEL DE Barros, de deleuze (1992).

Procurei compor lembranças na insistência do instante das palavras que me duram.

Quebra-cabeça-dentro-cabeça-que-bra

– Chegou a hora de abrir... Vocês vão abrindo devagarzinho, devagarzinho a caixa de vocês... (devagarzinho eu infligindo a infância de novo e as descobertas sobre o que havia no lugar de dentro da caixonática foram surgindo em um redundante devir-caixonático).

Entre o tempo de uma mão que destampava a caixa e a outra que a segurava, os olhos das crianças falavam das autodescobertas. Ela olha, ouve, cheira, barulha, repara, pega, sente, para, atua verdadeiramente no próprio suspense, percebe, não faz armadilha para pensar. Ela pensa. Pensa *sem pensa*. Tive a sensação de que todo o seu corpo parece estar aberto. Um corpo sofrendo, ocorrendo todas as afecções perceptivas no mesmo instante. O braço vê. A pele cheira. Os ouvidos tateiam. A boca ouve. A coxa que anda. O olho cala. Formam uma teia de sensações instantâneas e **repentâneas** em torno de uma caixa. Às vezes acontecia de parar e não fazer nada. Apenas uma caixa, não mais que uma caixa, porém não é qualquer caixa quando nela as crianças azucrinam.

A lição de criança

A criança sentou-se.

Toda a sala é seu olho

[se inverter, melhora: seu olho é toda a sala.

Pareceu-me não estar contente

[e levantou

ao pé do sentar.

Sentou-se...

Acho que era curiosidade.

.. .. .

Aprendi com criança

A expressão desparada do tempo.

Cara desmontada

– Hmmm, eu abri já! Cáaa! Minha foto, olha só?

[E a caixa abriu um Iago-de-foto

A de Pedro, já aberta também, não tinha foto porque ele não enxergou nenhuma.

Foto e nem foto [Des

fotos.

Rafael viu um pacote de caras.

– Gente! Desmontaram a nossa cara...

Estudando mais um pouco:

– Isso é um quebra-cabeça!

A dobra

– Eu vou abrir pra mim montar uma caixinha igual.

– Ô, isso aqui é muito genial... Ai que legal!

– Aaah! Agora faz todo sentido a caixinha!
– Rafa! Ô Rafa, não era pra ter tirado de dentro.

Ruídos de papel

A menina-Luna do 5º B
fez um balé com a caixa amarela que tinha em mãos.
A caixa tinha feito de **vinca | duras**.

Ela testou todos os lados da vincadura.
Com o olho.
Com a mão.

Apalpou o seu **vincostério**.
Suplicou dela algum ruído.
E recebeu um aviso do menino-Niles:

– Tem papel!

(E deu um suspiro fundo.)

– Eu sabia que era alguma coisa de papel.

(Descobriu Niles reparando bem no seu ruído).

O papel depois falou qualquer coisa
sobre gente que se despedaça, e se calou.

Morri, morri!
O que que é isso?
Eu estou toda despedaçada mamãe!
Buááá!

– O tesouro mais precioso da mamãe... Toda em pedaços.

No seu morrer escondeu a caixonática amarela-e-azul como tesouro.

[Mari

Importúnio do lembrar

Nooossa!
Ô Luís... Luís, Luís....
Ô Luís... Luís...
Luís, lembra? Lembra?
A gente teve isso aqui antes.
Tiraram uma foto nossa...
(em outro dia de escola não falado).

Luís olhou só de olhadela.
Nem sei se lembrou.
Falou que era Tangran.

Des-velos

– Eu já abri!
(e falou pouco o menino)
Olhou pro lado.
Olhou pra caixa.
E outro o desanima no destampar de um tampa
de duas cores amarradas e primárias – menos o vermelho.
– Aaah, é um quebra-cabeça, não é?
Craccc! Quebrou o segredo da sua abertura.
– Cala a boca Pedro! Não é pra me contar!
Pedro contou o que viu!
Sem pensar
no pacote transparente que o atrave---sou.

(Marcos se esquentou daí
Deixou a caixa de lado – nuns *Marcos* de tempo.
Só um pouco.
Três segundos meus pareceu.)

ABRIR (com o R do meio girado há 45° graus para esquerda)

Eu vejo, em realidade de muita gente, reagir imediatamente no fechado.
Quando se está fechado é só custar abrir.
A a(Luna) e Fernanda tinha **descusto** de abrir uma caixa
que as deixou de rosto alegre.
Foi de um presente.
– Ah, vou deixar a minha fechada...
– Eu não quero abriiiiir.

(bem baixinho uma voz de empurrão:)
– Vê o que tem aí dentro. O que será que tem aí dentro, hein?–
passou a mão no cabelo de Luna a professora.

tempo
tempo
tempo
tempo

tempo
tempo
tempo

– Um quebra-cabeça.

Foi ao chão.

Isso enquanto...

Fernanda tinha uma caixa fechada.

– Ai não... Vou ser a última a abrir. A última! [E cruza os braços.

– Todo mundo já abriu, pessoal?

[Decide abrir a caixa, fecha os olhos e vai tirando a tampa de...vagarzinho...

– Meu Deus! Me cortaram! Me cortaram!

Bem perto dali:

– Me cortaram também...

É fa(o)to ou impressão?

Vejo meus ouvidos deixados em cantos da oficinática.

Em outros, o canto era de um gravador, de uma câmera.

Até de um grito, do caderno.

Mas num canto desconhecido ouvi do gravador:

– O profê é impressão minha ou é minha foto?

... ..

No silêncio, acho que a prôfe deu um jeito de balanço na cabeça
(que serviu pra dizer se era, de fato, foto ou impressão de foto)

:Teve-se essa impressão.

Alguém de dois

– É duas de você mesma? É o meu colarzinho! [perguntou a criança-Isa a criança-Luna.

Luna virou noções de duas.

Logo sinto fluir que

cada um, como todo mundo, já é muitos

(Lido de um filósofo)

– (deleuze: 1992, p. 16).

Horrores de A. e T.

A. É um quebra-cabeça!

T. Abri! Aaaaa! Legal!

A. Ai, a minha foto é horrorosa! Eu tô horrível na minha foto.

T. Meu ca-belo táva horrível nes-se diaaa!

É?

Uma caixa de mais ou menos 10 por 9,5 de **centimetrura** (da régua) e com uns 4 e pouco de centimetrura do lado que subia tinha algo dentro.

Um tumulto que de fora escutava lá dentro.

E fora mais tumulto ainda.

(porque encarnou uma verdade de algo no tumulto de dentro por 24 crianças)

Ah,

– É o nosso quebra-cabeça?!

– Eu tava morrendo de curiosidade!

Um achou o nariz no meio do tumulto porque cabelo que não era!

Gratular

– Muito obrigado por esse presente tão delicado e essa caixinha.

Eu vou guardar.

[Não seja por isso...

Uma parada para vestir roupa de trapo*

* Diz-se... de quando um homem caminha para nada (barros: 2010, p. 183)

Deter nas vozes-imagens e andanças das crianças impulsiona, vulcaniza uma força pasma e violenta no pensamento do cartógrafo (eu e terceira pessoa ao mesmo tempo) em seu início de oficinação. Só a criança, parece, é capaz de pensar sem proposição (quando a enchemos de propósitos e freios), sem im-posição (quando a esmagamos de linguagens científicas, quando pedimos “comporta-se” assim!), sem eira nem beira (quando a direcionamos), sem ombro (quando se exige: endireite-se! Por que isso?), sem tronco (quando a injuriamos por um exemplo a

seguir), desarrimado (quando arrimamos), sem medo (quando a ame-drontamos, enganamos, sufocamos, amolamos sua linguagem). E isso, parece, não é despropósito, não é precariedade ou deficiência da infância. Aliás, é, me lampeja, aqui, num pensamento-criança, precariedade e miséria tão somente nossa – no sentido exato de vivermos tormentosos com as crianças.

Convém-nos vestir roupa de trapo (né MANOEL?).

Poesar o saber.

Fazer conhecimento como criança, da criança, sacudindo em nós o interior da alma, das palavras, e confinando-as a perda da ordem. Reunindo, tais como a poesia, péssimas qualidades: é danosa, irracional, suscita emoções ambivalentes, não tem lei, encerra um perigo para os cidadãos. (skliar: 2014^a, p. 135). Reunindo **palavrasias** com infantarias... Com vazios que me são cheios – de poesia.

Trabalhar no sentido do *infans* e com outro *infante* inaugurou o “eu” desta experimentação – em **textoesia**, em texto-forma-poesia. Foi um pertencimento do inusitado enxergar o outro de mim, a maneira como aventure-me abrir às intensidades infantis e pesquisativas que me percorrem e nos singularizar, um através do outro – como GILLES deleuze e FÉLIX guattari. Em resumo, um caso de “amor” atravessado, sair de um lugar de Si e sem tentar diminuir, apenas escutar, ater-me, estar com outro da infância – que não pretende se servir de matéria a lapidar, a melhorar, a arrimar, a ombrar, a direcionar e e e a proteger. É, ao contrário, essa obtusidade ou escolhendo outra palavra, essa “tosquice” que a faz ser tão importante, tão duradoura, tão fora do nosso tempo, tão repleta de criança. Tão estrondoso para um corpo-em-pesquisa. Tão sublime. Tão amor...

A im-portância da criança me revela a partir da primazia que se vale a pedra, que permanece, está em seu lugar sem tempo de nascer e morrer. A pedra vive pedra. A criança vive criança e permanece criança sabendo, sem saber como (skliar: 2014^a). Talvez, como sabendo da primazia da pedra. *barros* me toca, me im-porta: a importância de uma coisa ou de um ser não é tirada pelo tamanho ou volume do ser, mas pela permanência do ser no lugar (*barros*: 2008, p. 51). A pedra permanece ainda mais, muito mais que o homem. (E quer-se ainda entender por que corpo dança no papel... Por que é quebra-cabeça... Por que...). Acaso, não é a “desproteção”, a desrazão que ameaçamos tirar da criança pela nossa urgência, pela urgência adulta de transformá-la em nossa linguagem? A imposição de colocá-la no pensável do nosso pensamento, enjaulando-a no saber nosso de professor, de matemática, da matemática, do sentido que não

tem sentido, sem-sentido? Não são tais quais a desproteção e a desrazão que queremos tirar da sua infância, da nossa infância?

E aí, o ordinário do pensamento é quase um caso de potência do mal, variado em tons de vozes, mais fortes, mais brandas, mais insistentes. É, senão, uma organização que adestra, efetivamente, o pensamento para se exercer segundo normas de um poder ou de uma ordem estabelecida (deleuze-&parnet: 1998, p. 33):

- Não quero que abra... até que todos tenham elas as caixas em mãos.
- Não é pra abrir...
- Só abram a tampa da caixa.
- Ergue o braço...
- Então vamos lá... Olha só, devagarzinho... Pessoal, se vocês conversarem mais alto que eu...
- Eu não consigo ouviir...

Senti, ao revés, uma potência do extraordinário à conta do devir-presente, que é, repetindo, o meio e não o começo nem o fim, a grama que está no meio e que brota pelo meio, e não as árvores que têm um cume e raízes. Sempre a grama entre as pedras do calçamento (idem). Nesse sentido, racionalizar o devagar da criança e a atenção, por exemplo, me deixou sem chão na estrada que eram delas. Sem voz. O rosto escuro. O corpo em silêncio. Apenas com um braço levantado e espantalhado na frente de um quadro branco e a grama seca sobre meus pés, entre as pedras de uma oficinática. Perdi-me no meio pelo esforço de cessar a velocidade das vozes das crianças e aumentá-la na direção das linhas que desenharam o falar de Marcos:

– Silêncio. O Bruno quer explicar a atividade!

As crianças me causam inchação na pele: devagar é rápido, é jogado, é correria, mais que devagar ainda. A perna, o corpo inteiro é que se levanta no lugar que bastava o braço. O bonito se desdiz num piscar menos que o dos olhos e, “puft, prôfe, está tudo horrível!” Um ano é tempo minúsculo para deixar de abrir uma caixa. Bastam dois minutos nossos. O tempo é destempo. O tamanho dele se incomensura. Um tempo desordeiro que a **matemadulta** não dá conta de soltar palavras. A criança inventou um tempo: menor que o de pôr uma caixinha de papel sobre a cabeça e tirá-la, é um ano inteiro – de abril a abril que vem. Deu federação a ele fazendo pensar o que não fui capaz de pensar – ou no que não somos. E isso não é nos tornarmos por uma criança,

mas nos abrir em desfazimento de nossas organizações consolidadas, desincorporar e atravessar, descobrir outras zonas de devires-criança. Outras potencialidades.

As crianças desdobram a caixa... Vê a dobra, a fôrma para copiar, quer ter um modelo pra si; quer fazer exercício de uma caixonática. Medi-la, Mensurá-la. Destruí-la no seu estima, importunando-a. A matemática, aí, azucrina-se num irritante encontro que nossos olhos não enxergam, não captam. No corte, em dois “meus”. Na experimentação despedaçada de um corpo, sem corpo, mas que se divide e multiplica-se em muitos. No exercício de traçar um modelo de paixão com a caixa. Caixa de paixão, essa!

Uma caixa, um objeto aparentemente simples, aparentemente uma coisa que não leva a nada, aparentemente sem préstimo, tem apetecido um elemento de estima, de experiência. A caixa para mim era apenas uma caixa de guardar papeis recortados para serem colados numa folha A3 especial, tipo *cançon*. Portanto, um rastro de conveniência, utilidade, pretexto (presente) de oficina. Chegou que para a criança, a caixa, dentro da caixa, tinha tudo que eu não campeava (e percebo que era bom) – e se eu estava a campear... Sua vontade de expor, de falar, de chutar, de ter flerte com as coisas, fez grama brotar *entre*, criar um lugar tão desregrado quanto o vento. Um jogo misterioso de caixinhas...

Sem mais sem menos, como atravanco a escrita agora, fui atingido como que por um soco no escuro e acordei uma poesia de MÁRIO quintana – que na noite anterior, copiei em meu caderno.

O auto-retrato de Quintana

No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!
– (Quintana: 1987, p.22)

– Poema!
– É poeta.
– Entendi tudo!
– Bem que a gente poderia ter uma aula de poesia – disse Tami-
res, a menina que gostava de mapas e de poesias.

Esse (auto)retrato escrito de poesia me chamou a atenção. Diz coisas que estremecem o pensamento-em-oficina. Na verdade, eu vejo na poesia, no seu infinitivo, um **forulso**, uma forma de abalo que faz derrapar dizeres e desdizeres, excitar, implicar, invadir, penetrar o pensamento. Uma abertura, digo ainda; um *platô*, mil platôs que não formam uma montanha, mas deixam mil caminhos que levam a toda parte (deleuze: 1992, p. 44). Pesquiso poesias. Leio poesias até que me passam. Se não (me) passar, não (me) funcionar pego outra. Essa me passou como leitura em intensidade (ibidem: p. 16), funcionando...

Num agenciamento entre as crianças, a poesia impeliu, pelas palavras, pelo meu corpo caminhando entre as crianças, engrenagens que fizeram circular zonas de silêncio, zonas de paragem e dispersão, zonas de nada, de decepção. A poesia, às vezes, faz delirar; porque eu não haveria de delirar, aqui, lá, com poesia? Ir mais longe da “razão”, vacilando-a? Encontrar outras “formas-de-razão”? Renderam-se algumas palmas a **maquitaria** da poesia.

Fechei os olhos da poesia e vi que estava quase só: crianças pintando-se de nuvens e árvores e coisas de quem nem sei dizer. Fechei também o caderno e as in-tenções se intrometeram:

– Vocês receberam em mãos um kit não foi? Uma caixinha, um pacotinho e dentro dele, vários pedacinhos de papel. O que eu quero que vocês façam agora(?)...

– É o que vou falar, ó... Eu sei o que a gente vai ter que fazer. Vamos abrir o saquinho, “coisar” e pintar – disse Isadora aos amigos.

– Vocês vão fazer uma montagem com essas pecinhas e eu quero ver o que vai sair daí. Certo? ... Ah, isso aqui não é um quebra-cabeça...

– Hum?! Hem?!

Isto: o espanto das crianças pela des-norma, pelo desquebrado quebra-cabeça.

Tive a sensação de ter provocado algum desconforto desde o início ao negar a coisa “quebra-cabeça”. Mas entenderam que devia montar um. Alguns até suspeitaram, no entanto, que “Tem de gente que não é um quebra-cabeça...”. Talvez, fosse pelo recorte das fotos.

Ainda assim insistiram nele toda a manhã, embora eu tivesse a pretensão de alertá-los, para fugir de gagueiras com as pecinhas, talvez para fazê-los escapar de tufões oficinairos. No entanto, era isso. Eu estava ex-posto a forças lineares e não só desérticas. Estava ex-posto a **expo-sar** o corrigir.

Até aquele momento a foto já era a “realidade” de dentro da caixonática amarela-e-azul. Eram recortes de fotos. E deles aproveitei para apresentar algumas (des)orientações para officinar. Ofereci alguns instrumentos de experimentação. No caso, imagens, processos de invenção, de contaminações, de troca e visualidades. Percorrer o estranho, o movediço num saboreio de imagens, furando uma “aula conceitual” e investindo no tempo sem hora – da experiência. A poesia deu pistas de algo a ver com as produções das crianças, um eco de in-tenções que ora me ensurdeceu. Escutava respostas de uma ordem racional, só quando deveria ouvir MÁRIO de andrade.

Ele, Mário, me diz: é preciso
flanar...
Eu digo a ele — o Mario,
era o que eu ia te falar
E preciso flanar em ruas
— os passos levando sempre
para nenhum lugar
– (barros: 2010, p. 83-84).

– Então... Nossa tarefa já começou e é com vocês agora!

A poesia vai passando na tarefa. A tarefa vai se poesando... invocando calores de nossas experimentações.

Illuminati

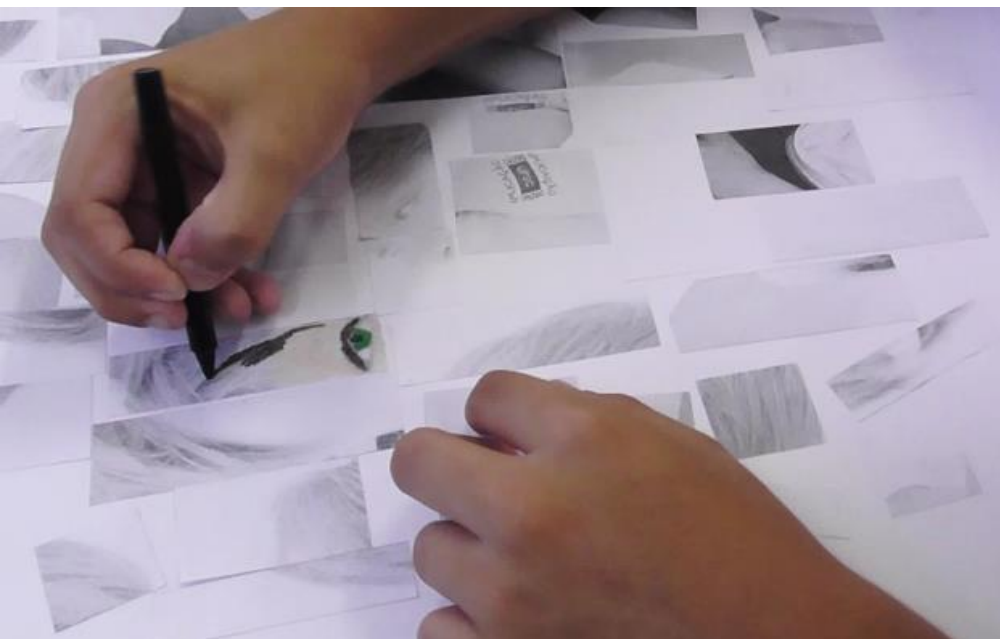
Ô Iago, ô Iago...
Bota teu olho aqui, ó, pra fazer o “Illuminati”!
(– Carlos atentou Iago)

Ô Rafa, o “Illuminati”, olha?

A bola do “Illuminati” Rafa.
Eu tenho o “Illuminati” em mim.
(– E Iago atentou Rafael)

Por favor, me olhe!

– Olha o meu nariz?! – Gigante!



oficina-com-des-re-tra-tos: Illuminati-Sharingan. Iago

Bugêsas

(Ao Rafael, ao Iago, ao Pedro, ao Carlos e Gabriela)

I

Eita! Meu olho tá bugado!

Eita!

II

Montar um quebra-cabeça:

– Não tem como...

[Ah, tem sim, eu já montei uma parte dele. Uma parte de que tá muito bugado meu corpo!

– Não tem como montar...

[Eu vou montar eu com meu olho em cima do símbolo do “Aplicação”!]

III

Que decisão tomar quando se monta inteiro algo que é pedaço?

Pedro, do 5º B me questionou uma porção de embirros:

– Mas como que eu vou montar? Está faltando!

E eu disse que poderia sobrepor as peças. Acho que não era o caso de **monteação**...

– Como assim sobrepor? (Era a voz do Carlitos ressoando o meu roer de peças)

– É... Como assim? – replica Pedro...

– Eu expliquei, lembram?

– Botar em cima? – me plica Carlos.

Fui andar

– Ô Pedro, bota tudo que não encaixou embaixo. Hehehe... (disse o livre arbítrio de Gabriela e Pedro riu por ter sido alumiado)

Mas,

Ainda Pedro desconfiava de sobrepor.

– Ô Carlos, que que é sobrepor?

– Pode colar em cima do outro.

– Eu não sei o que fazer aqui, mano.

– Ô Pedro, você pode sobrepor... Então, faz assim, ó... – disse a mão de Gabriela.

– Eu não consigo.

– Ôoo Pedro... O meu é uma loucura, cara. O meu ele vai falar na língua. Eu tenho duas bocas...

– Olha mano, isso não dá pra fazeeer!!!

A desordem não entrava em ordem. Ela adormeceu em Pedro, que precisou ouvir conforto de uma voz voluntária:

– Ô prôfe me ajuda.

– Não. É você que tem que fazer. Vai lá!

– Mas não tem nada!

– Não precisa ser certinho, assim. Vamos lá.

– É tipo o meu. (Meu de Iago)

– Olha! Olha que máximo o dele.

- Olha, é tipo o meu, né? (Meu de Rafa)
– Muito bom. Não é um quebra-cabeça!
– Mas eu não tô fazendo um quebra-cabeça – defendeu-se Carlos.
Mais uma vez Pedro se torce na colagem, quebrando uma pergunta para mim.
– Ô Bruno, eu posso botar aqui embaixo as peças que eu não sei o que que é?
– Eu quero que vocês montem com essas figurinhas. Aonde vão estar não importa.
Mas... Iago Interpela-o:
– Tem que usar tudo, sabia né, Pedro?

IV

Alguma coisa de problema entre pedaços de mim e “mim” montado numa folha...

Entre conversas de Carlos e Rafael:

O problema do meu sabe qual é?

Não.

O problema... O problema do meu... Olha que bugado que é o meu.

O meu também. É mais bugado que o teu, tá Carlitos!

Eu tenho sabe o que: um, dois, três, quatro, cinco olhos!

V

– O problema é que nas minhas figuras só tem cabelos.

– Então faz você de cabelo com um zolho aparecendo, né.

VI

– Eu não me encaixo. Eu sou um monstro!

– Ô Iago, você é um monstro porque você é você mesmo.

VII

– Pode zuar prô?

[O meu vai ter o pé na cabeça!

– Que estranho um pé saindo da cabeça dele.

VIII

Quando algo não combina, é talvez, mais interessante fazer de outro jeito.

– Olha que bárbaro!



oficina-com-des-re-tra-tos: Fora da realidade. Rafael

Uma chuteira no meio de OlhOs, OlhOs, mais OlhOs, um milhão de OlhOs

Eu tenho três olhoos!

Ô Iago, ô Iago...

Três olhos. Hahahaha! ... Eu tenho três olhoos!

[Eu vou usar só dois olhos.

Birrado, Pedro, que estava do lado, usou só uma chuteira.

[Eu só uma chuteira.

Olha aqui Pedro! Olha aqui Pedro! (o menino de três olhos)

Olha isoooo! Hãhaha! Eu sou de quatro olhos!

(Agora tinha quatro).

Nisso, o do Carlos já tinha ficado muito estranho.

Se acha que o meu não vai ficar estranho com quatro olhos?!?!

Quatro olhos!!! Cinco olhoos...

Olha o meu Pedro... O meu tem um milhão de olhos!

Ô Bruno,

muito obrigado por me dar cinco olhos!

Pelo menos eu não fico mais cego.

No céu tem pão?

Que que eu faço? –

perguntou uma criança tentando montar um quebra-cabeça bugado. Era o Pedro – de novo.

Não sei! –

respondeu seu amigo Iago.

O que eu vou fazer...

Que que eu vou fazer?

Não tem o que fazer!

.....

Posso escrever?

Hã? (fui eu quem Hã)

Posso escrever?

Poode!

E escreveu

“No céu tem pão?”

Pedaços inteiros

Ô, ele recortou um pedaço inteiro(de mim). Ficou muito legal.

– Ah, o meu tá muito mais fácil, olha aqui.

Ele recortou um pedaço inteiro...

Abstração

O meu tá ridículo! – disse Gabriela.

E eu sou abstrato – disse Iago.

E concreto – completou Gabriela.

E concreto... hahaha... – papagaiou Carlos.

E eram aquilo mesmo que viam.

Narizorelha. Orelhariz

Carlos-entre-Eu.

Primeiro Carlos:

Eu acho que vou colocar o nariz aqui, ó (em cima da testa).

Agora eu:

Vai colocar um nariz em cima da tua testa?

Carlos:

Hihihihii!!!

Eu:

E se colocar aqui, o que acontece?

(não lembro onde era “aqui”)

Carlos:

Éeee... NÃO, porque senão vai misturar.

Saí...

Carlos reteve a misturar no NÃO.

Bruno, fica muito ruim. Parece que eu virei a chapeuzinho “encorolada”

Eu:

Chapeuzinho o quê?

Carlos:

(Ergueu os ombros)

Ah não... Eu vou tirar.

Eu:

Isso, se quiser esconder o olho... Pode esconder se você quiser. Eu dei essa possibilidade.

(Depois de um tempo procurando um lugar pra colocar seu nariz...)

Deu! Encontrei um lugar perfeito! Ufa! Bruno, encaixei num lugar muito bom!

Encontro de Iago com monte de cabelo

– Eu só tenho cabelo! Eu tenho dois olhos e cabelocabelocabelocabelocabelocabelo...

Inquieto com um monte de cabelo, Iago foi dizê-lo para Kauã – do grupo ao lado dele.

– O Kauã, eu só tenho cabelo!

O meu é cabelo, cabelo, cabelo, cabelo, cabelo, cabelo...

Botando e colando

Eu tô colando tudo que vem pela frente.

Tudo que passa no meu olho eu vou botando e colando.

Quero mais cabelo

– Eu queria mais cabelo.

– O teu tá faltando cabelo? Pega do meu...

[Iago]

A melhor ideia do mundo

Rafael teve a melhor ideia do mundo para se desmontar:

– Eu vou (me) cortar.

E foi engolido pelo talho de Carlos.

– Não pode cortar.

(Ninguém vai ver!)

Tá, tá...

Projeto-de-juba-de-leão-de-Carlos

– Eu vou ser um leão! Vou tentar fazer um leão aqui!

Carlos queria ser um leão. No seu projeto viu que se esqueceu de colar outro olho, ainda **outroolho** que tinha. Nãaaaa! –

(Carlos foi saqueado pela angústia)

– Nem liga!

– Já que pode sobrecarregar aqui...

Eu tô tentando fazer aquela juba de leão –

Rafael, que estava parado, dobrado de pernas na cadeira, entrou na risada. Depois entrou numa pergunta:

– Você imaginou uma pessoa não ganhar nenhum olho?

– Eu queria ganhar meu corpo. Eu não ganhei meu corpo, eu ganhei cabelo.

(Quase um projeto de juba de leão.

Olha, eu não fiz aleatório.

Fiz uma juba de leão que tá muito bizarra!)

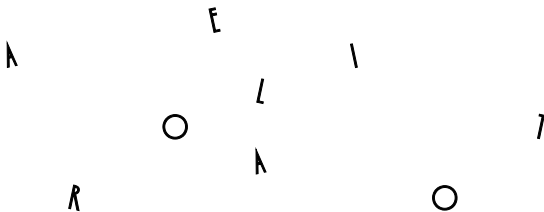
Carlos nos apresentou seu projeto-de-juba-de-leão.

Disse que pegou seu cabelo e fez uma juba de leão com todos eles.

Viu lá dentro do papel uma juba de leão fincada no rosto!

Aleatório

Ah, eu vou colocar tudo



– entregou Pedro

e o Rafa também. [Não tem nada!]

Dentro
de mim



oficina-com-des-re-tra-tos:
Dentro de mim. Carlos

Pontinhas descoladas

Caminhei.

Caminhei até Carlos.

Carlos desacha que precisa colar pontinhas dos seus pedaços de cabelo até a última das pontas. Pode indignar-se comigo por isso. Eu quem o alertei das pontinhas. O propício de Carlos teria sido deixar subir as pontinhas dos pedaços como sua arte mesmo. Não sei por que o retorci e pedi para abaixá-las com a cola.

(Acho que não gostou da minha vontade)

Carlos foi jiboiar a cola nos papeis.

– Agora eu vou ter que colar pra não deixar pontinha.

Rafael, que se via com uma montanha de olhos, disse para Carlos não ligar.

– Não. Nem liga pra ele. (Que mania!)

– Não, sério. O Bruno disse.

(Rafael tinha colado umas coisas, assim, nada a ver, em volta do seu monte de olho)

Agora que ressurjo na voz de Carlos vi que cobrar é chato. Cobrar criança é chato. Chato mesmo é decretar abaixar pontinhas de um pedaço de corpo no papel. Eu estava sério demais. Atrapalhei o projeto de Carlos com minha compulsória beleza de não sobrar nada sem colar. Carlos entrou no meu jogo e veio botando voz de tédio. Com razão – pela minha razão.

Eu despontado pelos descolamentos largados.

Ele queria ter deixado daquele jeito.

Foi o jeito que ele encontrou de deixar sua juba de leão.

Ademais. Um imenso demais. Ainda fui falar que achava que preencher o espaço fica mais bonito. Eu disse que ele pode sobrepor ainda...

– Eu sobrepor um monte, ó....

Entro em meu quarto – destruído.

Estive congruente demais para entrar no mundo de Carlos.

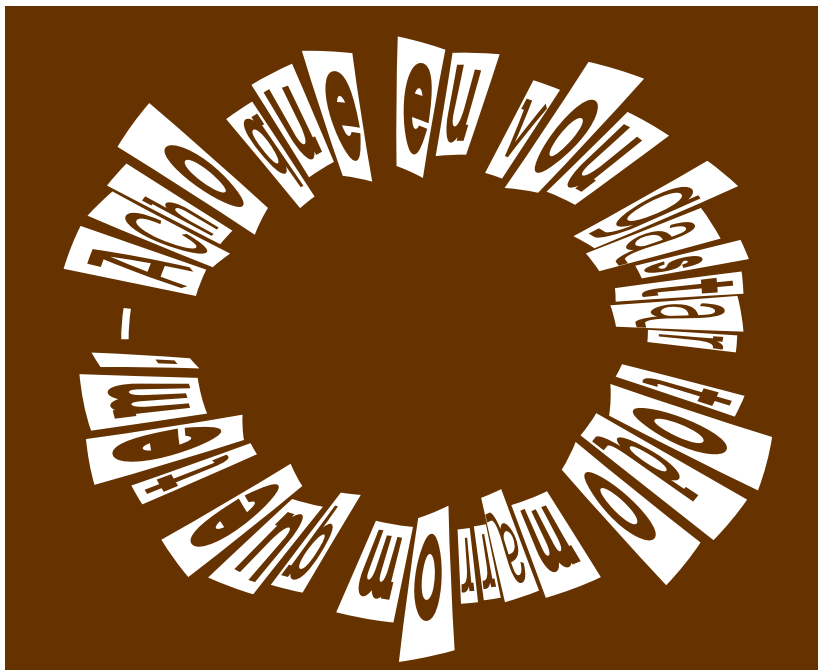
Agora eu estou reconstruindo-me sobre coisas descoladas.

Tudo retostrato

– #Abstrato

– O Iago tá tudo reto.

Espaço cheio de marrom



O tamanho da cola do tempo

Um menino disse que tava acabando suas peças dele.

Hmmmm...

Gente, eu quero ver quem é o mais demorado, hein!

(É o Pedro! Ele não colou nenhum ainda.)

Mosaico

É um mosaico o meu...

Falta um (mosaiquinho).

Eadethechampionnnn.

Eu tô realizado,
com sucesso!

Inutensílios do meio da colagem de gente bizarra

I

O nome das três gatas de Iago eram assim:

1. *o nome da mãe é Gata*
2. *o nome de uma filha é Gagata*
3. *e o nome da outra é Ga-ga-ta-ta.*

Essa foi a sequência de **nomegatos**

II

Gostou da minha criatividade?

Me dá uma caixa de Lego então.

.....

Eu tenho, tipo uma cidade...

Tenho um tapete, daí umas casinhas,

que faz parte de uma caixa grande que eu ganhei de Natal.

Daí tinha as instruções e eu montei.

Tenho um monte coisas, sei lá.

III

Carlos queria a câmera de alguma pessoa.

_____ fazer um vídeo pra colocar no Youtube.

Eu disse que seria legal se fazer um vídeo na sala.

– Ô Bruno, cê tá realizando um sonho meu!

Complicadinho de verde

– Meu Deus, eu sou aquelas meninas....

Essa parte do meu corpo parece aquelas meninas bem loca
que pinta tudo de verde de rock.

– Ôoo! Por que cê botou verde...

– Na boca? Não sei.

– Verde e amarelo?

O meu tá complicadinho de pintar...

Sharinganhos

O olho tá igual do Sharingan.

– Eu vou fazer a cara daquele que é uma vírgula

,

parece uma vírgula...

Que é vermelha a cara dele.

– Deixa eu fazer o Sharingan? Pinta esse de vermelho...

– Pára Iago! Pára velho. Que saco! Você fica querendo pintar o meu desenho!

– Eu só estou dando dicas para ele pintar o seu desenho!

– Dá o azul, o azul... Dá mano!

Más-caras de cílios

Gabriela inventou uma máscara.

Ficou crendo que era retardada.

Não adiantava falar que não.

Ela achava que era.

E nem podia usar.

(Bem que o Carlos tentou para usar no Halloween)

Meu Deus! Olha o da Gabriela...

É tipo um Pokémon psíquico.

No pulo dos olhos,

Pedro queria também ver.

Mas a máscara de Gabriela tinha já sido confiscada

Só a superfície da mesa que via.

Ô. Não precisa se envergonhar!

Ela não quer que mostre para as pessoas,

Tá bem bizarrice – é um show de bizarrice!

Ela só queria fazer uma máscara de cílios.

Pois é. Não precisa esconder uma obra de arte!

– É parece um museu!

Ela achava depois que tava uma merda!

(Não tá uma merda Gabriela...)

Tá não! Não se preocupe. Só ficou igual ao Iago.
(superlotado de tatuagem)

Demais! Demais! Hei, Gabi!
É exatamente esta proposta.
Uma coisa que não é assim...
Demais os olhos, né?
Uma obra de arte!

Que bárbaro!

O tempo da demora

– Isso demorou uma hora?
perguntou Rafael olhando para o gravador –
– Uma hora e dez minutos, né?
precisou Carlitos –

Passa tempo / clock, clock, clock, clock / Passa hora
Olha aqui, o nosso já tá uma hora e meia parado!

Uma hora e meia?!
Uma hora e
trinta e

um

quaaase.

Uma hora trinta e

ummm! – Não. Depois de uma hora

e meia o cara faaa-la... – Cricri... Cricri... – Ô...

Já deu uma hora e trinta e um! – É. Uma hora e trinta e um!

Obra-prima

A pior obra que eu já fiz foi assim:

Eu borrei uma coiza e comecei a rabiscar a cabeça loca

.....

Dei o nome de

“A minha pior obra”.

oficina-com-des-re-tra-tos: Obra-de-bizarrice. Gabriela



oficina-com-des-re-tra-tos: Maluca, engraçada e muito estranha. Luna



Título vago

Acho que Deus quando me criou ele disse assim:
“Acabou a minha caneta!”

Engraçado

Luna olhou todo o *mim* deformado.

Ela respondeu que achou engraçado por que o olho olhou estranheza.

– É estranho.

Fica engraçado porque dá pra montar alguma coisa.

Acho que vai ficar legal.

Luna não parava de pedir olhos de outras caras de gente

– Cara, olha que zuado! Gente, olha só isso!

Se entusiasmou.

Brincou com as formas de seu corpo,

com seus pedaços

e foi tentando acertá-las de modo

mais inusitado

que os olhos pudessem achar graça

– Engraçado:

... um óculos tá grande,

O outro óculos é pequeno

e dá um efeito legal.

Olha que engraçado.

Dá pra colocar esse com esse,

mas esse aqui ficou mais legal.

Porque... Porque...

Não sei.

Porque eu acho que o azul do meu olho tá gigante.

Eee... Não sei.

Depois de um tempo, o engraçado de Luna se escorreu pela carteira de Marcos, que estava em seu movimento.

– Bruno, eu posso fazer engraçado?

Pode... Engraçado?

– Não preciso fazer quebra-cabeça? Não precisa? É só “engraçados”? É só de engraçados...

Sepa-ra-n-do

(Um xingo!)

Quanto olho aqui! Eu vou separar dentes, olhos...

:

Olha, eu separei os brancos, cabelo, olho, boca, orelha e nariz.

Já separei tudo, só que eu não sei o que é.

Forma-co-isas

Um amigo de Isa disse que tinha formado alguma coisa dele.

Isa respondeu:

Eu não formei nada!

Cara, tá muito claro meu cabelo.

Achei muito claro meu cabelo.

Eu não tô achando nada!

Isa estava se descobrindo mais ou menos...

Eu não consigo montar! Ai meu Pai!

Isso é legal pra quem tem olho certo!

(Tombou no cansaço e na decepção).

Eu não sei o que fazer. Meu olho tá assim, olha.

Olha como tá meu olho: um pra cima, outro pra baixo.

Conversa msirtuada entre Kauã, Mari e Isadora

– Olha meus olhos. Cada um é de uma foto diferente do corpo.

– Misturaram as fotos! É a mistura de todas aquelas fotos. A gente tirou várias!

– Sim. Olha, meu olho está meio errado aqui, né?

Problema, aqui!

Marcos estava bravo porque as pessoas não o entendiam seu jogo.

Seu corpo estava estrangeiro de si. Perdido em todo dentro e fora de uma folha grande e branca. Teve que pedir socorro porque se sentia tudo muito caótico.

– Me ajuda! Me ajuda!

(Nem adiantou falar que um olho pode subir em cima de outro olho).

Não precisa ficar certinho, Marcos.

– Não adianta. Mas você não entende.

E se então coloca-e-sse...

– Nãaaooo. GRRR! Isso tá erradooo! Não adianta! Joseanê! Joseane! Isto está com problema. Não cabe aqui! Tá com problema. Não cabe.

Assim dá pra fazer... Assim também, ó... Acho que cabe Marcos...

– Não cabe, não adianta.

Será? Será Marcos? Eu achei que deu. Vamos vê outra parte de você? Têm várias legais... Ai que massa.

– Eu não consigo fazer! Eu não sou bonitinho!

IRRITOU-SE!

Criar espatifarias

Eu estava *assim-assim* perto do quadro da sala de aula e meu nome se contornava em linhas enraivecidas dos lábios de Isadora que insistia que olho de gente certa não pode ficar atrás da cabeça. “Ô Bruno, Bruno, ô Bruno, isso não tem jeito! Como é que eu vou fazer?” – ela me perguntou depois de recusar o jeito. Confesso que não sabia bem o que responder. Mas já sentia um desconforto atravessando sua presença desmontada. Eu só disse: “Então cria”. Kauã, que tinha utilizado uma estratégia de unir pedaços parecidos dele insistiu também. Afirmou de mim: “É pra criar não é pra fazer”. “Eu só tenho um olho olhando pra cima!”. Deixei-a ali, mas com meu olho imado nela. Escutei depois que eu estava desencaixando ela: “Olha só o que ele quer a gente faça: que faça isso...”. Só para sofrer do desconforto de Isa, Kauã disse que achava que era um quebra-cabeça. E mesmo que quebra-cabeça quebra ele monta. Ele tem uma forma encaixadinha. No entanto, ela desachou de Kauã e persistia fazer sua cabeça quebrada.

Ganhei um desafeto de Isadora.

Cortar a metade do inteiro abundado

O corpo de Mari tinha três olhos. Ela decidiu fazer dois corpos dela. Um, de dois olhos, olhando pra frente e outro, de um olho, olhando pra frente o corpo de dois olhos.

No fim. Sobrou cabelo para fazer duas Maris.

Eu, que tinha entregado pedaços dela, fui questionado se haveria possibilidade de fazer uma única coisa na sua arte de juntar ela mesma.

– Bruno, posso cortar a metade?

Não entendi muito bem se era cortar uma metade. Ou a metade de um inteiro. Não sei. Fiquei meio confuso sobre metades. Qual metade ela estava falando... Pensei e perguntei assim:

– Você tá colando aqui (bem raspandinho o limite da folha), daí vai sobrar?

– É, daí vai ficar assim... sobrando.

Percebi que ela não tinha dúvidas. Eu, sim, fazia dúvidas dela. Bastava recortar.

– Mas você não pode recortar – estorvei ela.

– Então vai ficar assim – ela (me) disse.

E ficou:

Uma metade de um pedaço dela colocado por baixo de outro dela.

E pintou.

Maneirice

O *autodesretrato* de Luna era maluco.

Ela dizia que ficava bem manero

A forma não entra na fôrma

A Isadora

Uma parte de Isa

ficava a beira

da fôrma

que ela não conseguia

formar.

Perguntávamos a ela:

Mas porque que você quer formar?

Precisa formar alguma coisa?

Ela nos dizia:

Mas fica feio se não formar.

Fica feio?

Não... (Não foi um não de negação)

Porque daí eu vou botar o olho pra cima,

o outro pra baixo;

aí vou botar o nariz assim...

Cutucos...

Cada pedacinho de você não é uma parte?
Você pode construir algo com a parte de você bem diferente.
Ó como a Luna fez

– Eu montei eu assim ó:
Fui só colocando um olho maior e um olho menor.
Uma boca grande e uma orelha pequena.
Aí, fui colocando todo cabelo pra ficar um monte de cabelo.

No chão da mesa
Esparramavam-se peças de Isa.
Muito cabelo. Principalmente, muito cabelo.
Só que ela tinha também muitos olhos.
Um pra cima, outro pra cá, outro pra cá, outro pra baixo.
Parecia até legal.
Entretanto, não.
Quem consegue olhar um pra baixo e outro pra cima?

Estava na cara:
Isa queria sua forma como forma dela de fato.
Quem era ela de fato?
Quantas dela era?
Nem juntando pedaços quase iguais
E tentando fazer alguma coisa com eles resolveu.
Ela se jogou a rumorejos então.

Esse aqui tem cabelo... Aí vai ficar aqui?
Não... Não... Não, não.

Olha,
Tem pedaços de sorrisos,
Oreeelha. Outra oreeelha.
(– e também não deu)

A atividade se ganhou de odiada!
Porque não cabia nada na fôrma.
Não tinha nada.
Porque eu só tenho
olho,
nariz,

sobrancelha,
cabelo
e parte da minha pulseira
e...
NADA.

Em seu rosto, lágrimas começaram a desenhar uma raiva indireitada.
Afinal, ela só queria montar uma foto direita porque segundo ela é bonita. De meu rosto, ela pareceu ver espinheiros.
Ela falou de mim: que eu acho que todas as crianças são iguais.
Ela falou de mim: que poderia pegar um olho e botá-lo tombado debaixo do nariz, daí, pegar uma sobrancelha mais uma orelha e botar perto do braço...
(Ela precisava, talvez ter olhado o do Rafael... que colocou em qualquer lugar – É, mais... o Rafael é o Rafael. Ela era ela! Era diferente.)

Olha o meu, que Diva!
Era a Mari
Levando sua divandade até Isa.

Ogro de cabelo gigante

Eu não sei qual eu me acho mais legal:
Assim,
que é tipo um ogro
ou assim,
que é tipo um cabelo gigante.

.....
Apesar disso
O meu parece *Um palhaço de duas cabeças.*

Naribelão

O que que a Mari fez...

:Um narigão?

– Você acha que ficou mais legal assim ou com esse olho aqui? É...
Tipo assim: aqui ficou parecendo que eu tenho um “cabelão”... Aqui, vai parecer outra coisa.

– Assim vai parecer um “cabelão”... Se tu virar assim vai ficar parecendo um narigão... hihhi.



oficina-com-des-re-tra-tos: Através do espelho. Mari

Eu des-dobrado

Cara, a pessoa não tem cinco olho.
É quatro:
dois em cada lado.

Som do lápis verde

Sentado, olhando através da janela
Ouvi o barulho do lápis
.....riscando.
Seus riscos dançavam em doidice
para lá e para cá.

Era um som de lápis do Marcos
Que, aparentemente,
num aperto bem apertado dos dentes nos lábios
Fazia som verde no desenho de si.



oficina-com-des-re-tra-tos: É de engraçados. Marcos

Boca B^{raço}

Ó que legal, Marcos: a boca tá levantando o braço!

Achados de mim

Olha minha cara gente.
Ô gente, uma parte tá mais clara do que a outra!
Eu virei o quê?
Um mutante nessa imagem?

.....

Tá, eu tenho quatro olho?
É mais do que uma imagem!

É mais de uma imagem, eu tô falando.
(Ô se tem...
Tem mais de uma imagem.
(É.

Tem mais de uma imagem, né?

.....

Ah
Eu estou uma bagunça.
Tô uma bagunça.
Minha mesa está uma bagunça.

.....

Achei em mim o Illuminati.
Illuminati não...
Eu sou um unicórnio.
Ai...
Eu não acho mais nada.

Levei uma facada na cara!

.....

O meu não faz sentido. Eu só tô colando.
Pá, pá, pá, pá...



oficina-com-des-re-tra-tos: Sem-sentido com minha bagunça. Mariana

Parte de mim é uva parte de mim é arco

- Que parte é essa de mim gente?
 - É uma uva.
- Uva? Mas tem que ser eu.
 - Ah, o teu arco.

Encolher

No trabalho de fotografia, tirei três fotos de Tamires.
Depois desjuntei todas para ela formar uma só de três.
A única coisa que deu pra ver foi o cabelo em todas elas.

[É que ela tava de cabelo solto!

Sua amiga também estava, porém seu cabelo era mais curto.
O da terceira amiga era longo, mas quase não aparecia.
Falaram que eu diminuí a foto – Por isso.

[Cabelo malvado...

O estranho

Na sala, as crianças me ensinavam de “estranho”. A professora que ensinava matemática estava curiosa pra saber o que era uma *coisa estranha*. Bastava ver, por exemplo, o que não se podia fazer nada ou um rosto colado olhando pro céu vendo seu próprio reflexo de ponta cabeça. Uma cara desmontada também. Ouvi dizer que estranho é uma coisa ridícula. Tipo: “É uma coisa ridícula isso que a gente tá fazendo” (de se montar) – me ensinou Mariana. Para desestranhar basta ser tudo igual. Ter tudo bem certinho do corpo. Mas se recortar o corpo e colocar os recortes um em cima do outro é o estranho. Foi isso que Ana tentou explicar pra gente

: O estranho.

Por exemplo: se tentar construir um corpo de outra forma juntando cada pedaço dele e fazer um monte de rosto grudado, vários rostos grudados, tá feito o estranho. Bom era só usar várias partes de alguém de vários ângulos e fazer o certinho ter graça.

Diversão

Ficou divertido o que ela montou ali.

Eu achei bem divertido montar assim, tudo jogadinho.

– Mariana não gostou.

Ela ficou solta no choro.

10 minutos depois...

Pra mim a gente vai virar um cientista maluco²⁰ –

Um etê metamórfico –

Ô, eu cuspiando uma garra de fogo! –

Apressamento

Ir à folha recebendo

pedaços de si

consumiu Zilto.

Ele foi andando pequeno

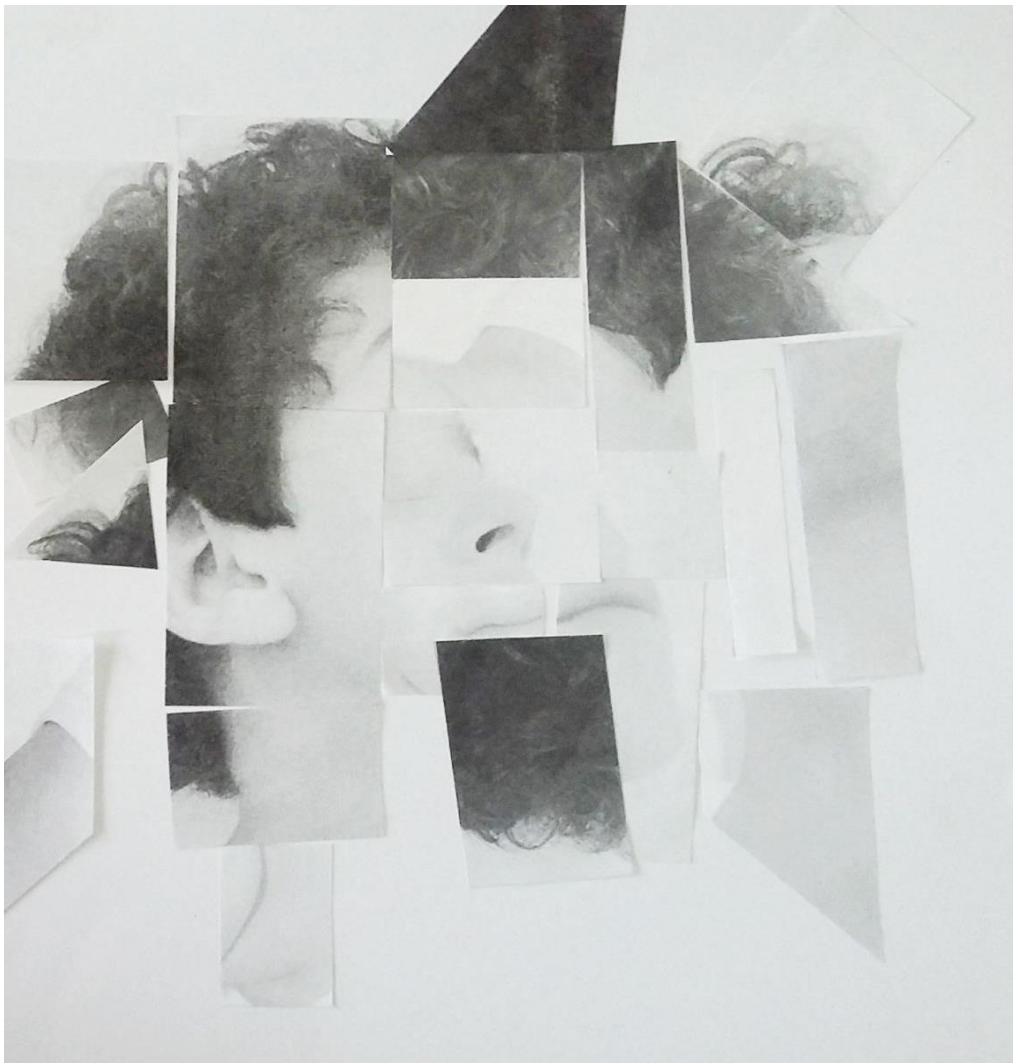
e impaciente e perguntando se já não tinha passado a hora.

²⁰ Tamires desafiou Mariana a fazer uma foto louca juntando peças esquisitas pra fazer, sei lá, um aliem...

Parecia estar aquebrantado.

Tinha mais aula de oficinática
pra entortar sua
paciência.

oficina-com-des-re-tra-tos: Minhas formas diferentes. Gustavo



Coisinhas de Mim

I

Meu Deus! Quanta coisinha de mim!

II

Vou fazer uma coisa que é impossível de existir
[uma raposa.

III

Me cortaram
em um monte
de pe-d-aç-os.

Foto normal

Fui perguntado uma vez sobre “desmontações do eu”:

Não posso montar uma foto normal?

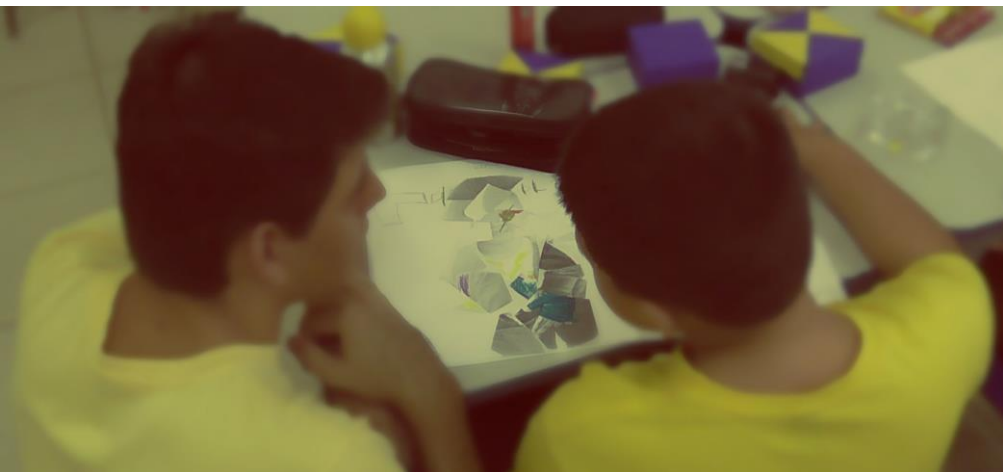
Eu disse que se quisesse, era só tentar.

Eu vou fazer uma foto normal!!!

Falado isso perguntei como é uma foto normal:

*É colocar todas as pecinhas /dos tipos de meus/ onde
é seu respectivo lugar.*

Fiquei fazendo humhum.



oficina-com-des-re-tra-tox: Eu entre tipos de meus.
Retrato no dia-de-oficinática

Bugar. Bizzarrar

Quando se vê um olho que é bugado
A criança diz:

I

*Caraca! Que olho bugado, velho!
Ô, uma imagem satânica, velho!
Eu tô vendo que sou um Satã!*

*Eu vi um estranho no olho
O estranho era que
Estava bugado*

[

Bugado? Por que bugado?
Pessoas grandes querem sempre saber o porquê.
Quer cavar respostas
ao invés de deixar os ouvidos estalados,
ligado às vozes misteriosas
Não escapei na fuga quebrada de ser interrogador demais

]

*Tá tudo estranho...
Quê qué isso?
Isso parece uma raposa.
É a mesma coisa que tirar a foto de uma raposa e fazer isso
– ou de outro animal...*

II

Eu sou bugado! Muito bugado...

III

*Eu vou fazer uma coisa bizarra!!!
Vai ser bizarro!
Eu tô fazendo uma coisa bizarra.*

IV

*É que eu tô tentando fazer uma coisa bizarra,
mas quando eu encaixo as peças, elas tão certas.*

Tá ficando super normal.

Corpo-tado

Me cortaram,
me cortaram...
Me assassinaram!

Quebra-nariz

A minha (retratação) tá loca, ó...
– Não. Tá parecendo um quebra-cabeça.
Tem um nariz voando...

Cabelo, cabelo, cola, cabelo, colando, errado...

Fer-
nan-
da,
Malu
e Lu-
ísa

– Você tem muito cabelo! Olha: cabelo, cabelo, cabelo.
[É que são várias fotos, inteligente!
– Então, você tem muito cabelo na foto.
[São várias fotos. É a mesma quantidade de cabelo em cada foto

.
– Eu me monteeei! Me montei!
[Mas vai ter que ir colando como faz
– E se tiver errado?
[Vai colando...

E será que tem certo? – alguém colocou interrogação no errado...
.

[Tem que pensar certo pra colar
– Eu já vou colando assim mesmo? Eu posso sair colando?
[Não! Tem que ver se tá certo!
[A professora disse que não precisa ser perfeito.
– Sério?
[Ela disse que é pra fazer assim,

colando-tudo-mesmo...

– Ô Bruno, precisa ser perfeito?

(E entrei na conversa): Como perfeito?

– Colocar tudo certinho...

Inventorelha

Eu vou enfiar minha orelha aqui

[debaixo da boca.

Injustiça do olho

Tá

faltando a

met/
ade

do meu olho!

Que injustiça!

Retrato-errado

Fiz um retrato meu...

Ah, fiz errado aqui!

Não sei o que formar nessa coisa!

Tô colando tudo sem pensar.

Botando tudo onde acho que é mais fácil.

Pessoa desfocada

Coloquei uma orelha longe da cara e percebi:

[a máquina foca se ela ver uma pessoa.

A máquina vê uma pessoa e foca]

– Ela focou aqui

: onde tinha minha estrutura boca-nariz-olho.

– Não focou aqui. Nem aqui

: onde pedaços de mim voam.

[Fernanda



oficina-com-des-re-tra-tos: Todas as cores. Fernanda

Anormalidades

Para fazer anormalidade
E me deixar feio

Pinto um pedaço do
Rosto de azul

Outro de amarelo

Pra parecer um **simpurfo!**

uma mistura de Simpson
com Smurf.

Faço tatuagem.

Coloco um anel onde
Não tem.

Pinto de uma cor dife-
rente o cabelo.

Para nem parecer que é
“eu”

Mudo a cor do olho:

Se é verde ou azul

Troco!

Por azul e verde.

*Com azul listrado, fica
lindo!*

Faço um piercing.

E dá até medo de fazer
isso.

Mas, pronto:

Fiz um piercing

– no olho.

Vejo que é estranho.

Então faço na sobrance-
lha

E depois na boca.

E depois ainda no nariz.

No fim, tenho que decidir apagar isso daí
Senão, se meu pai ver isso daqui, ele me mata!

Acho que meu pai não vai ver isso daqui...

Eu não vou deixar ver.

(Nas vozes de Fernanda, Malu e Luísa)

Personagem-do- inferno

Eu me montei.
Depois me pintei
com milhões de pedaci-
nhos de mim.
O meu eu é um *Personagem Do Inferno*.
As pessoas dizem que
sou louco por isso.
– *Nossa, mas
você é louco fazer um
personagem do inferno.*
Eu tinha sangue que era
horrível para os outros
também.
Se me pedem pra falar
da minha imagem eu
apenas digo:
– *Aqui é eu morto,
daí...*
E elas se assustam.
Mas é que eu fiz coisa
errada e fui parar no
inferno!
Vou logo avisando que
se alguém pedir para
escrever alguma sobre
isso,
sobre estar no inferno,
eu apenas quero que
fiquem quietos.



oficina-com-des-re-tra-tos: Bizarro! Niles

O inferno é minha
inquietação de criança.
Fui travesso demais.
Estou inventando destravessuras.

(diversões de Niles)

Monstro do Lago Ness

No cabelo
Passei o lápis roxo
E falaram que
me inspirei na bruxa.
Depois no
Monstro do Lago Ness.
Eu não me inspirei no monstro do Lago Ness...
Era “Meu eu Abstrato”

[Malu



oficina-com-des-re-tra-tos: Meu-eu-abstrato-Ness. Malu

Sobre cores

Fernanda tinha se recolhido em destroços de cores.
Coloquei o ‘Por que’ na frente dela usar um monte de cor.
Mas ela me explicou que eram todas-as-cores-juntas...

Escrever algumas coisas carregadas de pedaços-de-crianças trazidos pelo vento...

Só quisera trazer pra meu canto
o que pode ser carregado como
papel pelo vento.
– (barros: 2010, p. 135)

Nesse quinto dia de expedição cartográfica sinto-me satisfeito de tantos inesperados com as crianças e das crianças. Estar diante desse processo é uma questão de vibração que me tira da cadeira de escrita.

Ter a segunda (terceira, quarta...) experiência de ouvir as crianças pelos instrumentos de vídeo e áudio me coloca a pensar e a transver intensidades. Apresenta-me algumas formulações no pensamento. Os componentes oficináticos entram em pulsação. Me entram...

Mas antes e curiosamente, o sentido de amplitude da experiência, os afetos que dela se transmitiram foram resistidos a muitas paradas de áudio. Vez ou outra, o cartógrafo desejava entrar pelos dispositivos e escutar tudo, exatamente tudo, e sentir plenamente o gosto da experimentação. No entanto, em muitos momentos, foi preciso deixar a opção *play* deslizar, sem parar, sem freios, sem condução e apenas reapresentar barulhos, ruídos, gritarias, intromissões. Aprendi, com isso, a possibilidade das impossibilidades nos atravessarem. Aqui, nesta escrita, ficou, passou, abriram-se dos ouvidos, especialmente estadias de paixões. Estados de agenciamentos (amorosos).

Quisera trazer para o espaço destas folhas o que pode ser carregado como a própria experiência, que não é pessoal, mas uma ocasião de coletivos, uma reunião de multiplicidades, de afinidade mesmo, de paixão, da exposição, de ex-posição. Se é ex-posição é como trazer pra meu canto o que pode ser carregado como papel pelo vento. Por isso no alto da página do escrever algumas coisas..., MANOEL DE BARROS é nuvem.

Os choros e risos, barbaridades e tranquilidades, engraçamentos, invenções, complicadas no espaço da oficina com pedaços de foto das crianças, mobilizam ou anunciam a potência de ver as coisas de outro jeito, transformadas, transvistas, prefixadas de um *ex* (de fora), de um (para além) do já colocado, não pensado.

A oficina enquanto *oficina-experiência* abre alas, céus, atravessa nuvens e árvores para problematizar verdades, para fazer um grito nas coisas já golpeadas, tornadas normalizações. Isto é: estremecendo aquilo que é batido no pensamento, tornado, de fato, uma norma do pensar.

Problematizar, nesse âmbito, como exercício de uma operação-desconstrução, de re-pensar pensamentos, no pensamento, de fazer clarezas do impensável. O pensar pela experimentação que chama foucault, deposto de qualquer genialidade. Pensar é experimentar, é problematizar. Pensar não é inato nem adquirido, escreveu deleuze sobre foucault (deleuze: 2013, p. 124).

Pensar como transformação. Um tipo de invenção que, mais uma vez dito, repetido, também não se pensa a partir de um capricho ou destreza humana, mas e, sobretudo, a partir da experimentação que (se) sofre. Trama-se pela forma-experiência (Iarrosa: 2009).

– Como transforma né? A ideia é que a gente poderia fazer uma coisa diferente aqui Mari... – interpelou a professora Josy a Mariana, que se escondeu como rã em pedra porque não conseguiu se montar descertinha. Ficou brava. Fechou-se para qualquer conversa. Logo a “rã de dentro de sua pedra” soltou a voz:

– Eu tenho olhos diferentes. A Isadora ainda tá tentando fazer certinho. Sabia que a Isadora ainda tá tentando fazer tudo certinho, Tami?

– Nossa! – **no**ssou Tami.

– É meio chato, às vezes, botar sempre certo.

– A Isadora tá tentando fazer certo, sempre tudo certo! A minha pele é azul, rosa e outras cores. A minha pele sempre muda de cor...

– E aí Mari, quero ver. Aaaaah, saiu da normalidade! – disse a professora... – A Ana ficou muito certinha...

– Meio certinho fica sem graça. Eu sempre quis ter cabelo roxo.

– Ah! Que legal!!!

O que me escreve, me “grama” – no sentido de deleuze – é que assim me apresentam, de outro modo, as crianças no tatear da experimentação: recriadoras a cada momento, no seu momento, no e do seu espaço, no e da sua voz, no e do seu corpo. Reinventando-se. Nascendo e morrendo. Em seu devir-criança do qual elas mesmas vão criando pontos, buracos de fuga pra sair de um estado desagradável, infortunante e que é quase impossível de se acompanhar. Re-inventam regras, métodos, ficções, novos tons para as coisas que nelas acertam, insistem insistir, agarram-na como crustáceos. Elas, de fato, se EX-PÕEM. Elas, de fato, zanzam até achar onde devem zanzar. São preguiçosas – no sentido que pára quando acha que devem parar. Diferentes do homem de negócios que o pequeno príncipe encontrou, por exemplo, e ficou sa-

bendo de sua extraordinariedade de não ter tempo de ficar zanzando porque era uma pessoa séria. Não se distraia com bobagens porque havia sempre muito trabalho a fazer: somar e somar estrelas no céu para posuí-las. *Essas coisinhas douradas que causam devaneios nos preguiçosos*. De que adianta somá-las? De que adianta tê-las se o dourado é ofuscado pela precisão de contá-las? Isso tem lá mais jeito de cientificidade e menos jeito de encanto.

Foi nesse encontro da criança em mim – reciprocamente, o que inclui toda a **interficinática**, que se pode falar de uma prática cubista maquinando o pensamento, determinando uma performance das crianças com as imagens, com o pacote de fotos à colagem delas em uma folha grande. E ainda, a oportunidade, o acontecimento de uma matemática se jogando neste processo, dando a pensar com imagens, com a caixa, com dispersões.

Acontece que arte cubista faz um sinal²¹, se coloca em órbita na **expediçãoática**, chega entre os pe-da-ços-de-crianças, num movimento sem esforço, inserindo-se na onda preexistente da oficina (deleuze: 1992). cartógrafo, então, continua com algumas reflexões sobre o pensamento engendrado na arte cubista.

Olhos através de uma janela. Janela através de um olho.

Cubicar.

Alguns pontos de cubicação

Comporto-me em relação à pintura como me comporto em relação às coisas. Faço uma janela como olho através de uma janela. Se essa janela aberta não fica no meu quadro, puxo uma cortina e a fecho como o teria feito no meu quarto.

É preciso agir na pintura, como na vida, diretamente.

– (picasso: 1996_a(1935), p. 275)

²¹ Mais uma vez deleuze, em *Lógica do sentido*, é quem diz: Assim como os acontecimentos se efetuam em nós e esperam-nos e nos aspiram, eles nos fazem um sinal. E continua: O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera (1974: p. 151-152). Nesse sentido, o cubismo se abriu em conformidade ao exercício de pensar com os pedaços-de-crianças ventados na oficinática.

Ponto I

Pode-se encontrar em livros de crítica da arte algumas alavancas que puxam e fazem uma história do “cubismo” apresentando pontos de apoio para esta forma-estilo-vanguarda-artística. No sentido que escreve deleuze (1992), adentra-se, assim, em uma história fabricada ou anunciada por uma concepção energética do movimento da própria trama artística cubista. Isto seja uma concepção onde há origem, um ponto de apoio, uma força de impulso, como correr, lançar um peso, por exemplo. O sentido contrário seria entender ou mobilizar o que se passa entre o cubismo, na sua soleira, no seu limiar; os batuques cubicantes, sua inserção no movimento das ondas do mar artístico em um tempo e lugar que se configurou moderno, de arte moderna ou pintura nova, segundo o poeta GUILLAUME apollinaire – de quem se tem muito franzir de testa.

Levantar de início essa questão pareceu-me interessante tendo em vista alguns lugares e modos que encontrei e que me deu a ver o cubismo. A própria arte, a física, a literatura, a filosofia, a matemática, por um exemplo, fazem eco ao tema da arte cubista. Há ressonâncias, modos de saber que se interferem, coexistem. Há ainda outras que podem vir a agregar-se, a ecoar nos ouvidos dos cavaletes de pintores cubistas. Um batucando no outro, um falseando o outro. E daí se nota um círculo complexo de fabricação da expressão dessa arte, sobretudo envolvendo divergências, um combate estético entre leitores e comentadores dessa arte que poderia nomear-se outra, não fosse Louis Vauxceles dizer numa exposição de arte de 1908 que Braque pintava “cubinhos” (kahnweiler: 1989, p. 48). Isso apresenta sugerir que não há a intenção de engendrar uma história, não neste espaço, senão indagar alguns de seus pressupostos ou efeitos que reverberam imagens que dão a pensar cubismos no trabalho oficinairo das crianças. Mas que poderiam dar a pensar “tubinhos”, “espantismo”, “brutalismo”...

Ponto II

Acontece aqui de esmagar algumas formulações e tomar o cubismo enquanto uma arte de experimentação feita de simpatias e de amizades de artistas que se encontravam em instalações de arte de outonos a veraneios parisienses de mil novecentos e tanto. Talvez, assim, sobre o experimentar se tem algo a mais em dizer e de interesse do que condizer com tantos “precedentes” cubistas; essa arte que cintila outra maneira de ver e pensar a realidade em tela e também o próprio mundo, o próprio pensamento; é quase uma arte-filosófica – para não torná-la

uma. Refere-se, em linhas bastante genéricas e para aqueles que se interessam por alguma demarcação, a criação de uma representação nova de um mundo não visto, mas inteiramente imaginado (raynal: 1922 citado por cabanne: 1996, p. 8). Certamente, essa definição vai muito mais longe, lesma muita mais coisas...

Ponto III

À leitura do *marchand* DANIEL-HENRY kahnweiler (1989) que esteve diretamente envolvido aos pulsos dos dias dessa arte, especialmente agenciando, de fato, trabalhos de PABLO picasso-e-GEORGES braque, em sua galeria, nos interstícios das primeiras décadas do século XX, o cubismo não é outra coisa a não ser um **inventurismo** de amizades, uma colaboração de trabalho artístico desseguido de qualquer outro, mas que exprime alguma coisa de imanência a modernidade, emergencialmente, entre as transformações, dos portes, olhares e gestos de 1907 a 1914. Alguma coisa que, agora, me lembra o **modernolho** de WALTER benjamin (2012) de que fala da pobreza de experiência do homem, instalada pelo desenvolvimento da técnica, que impeliu principalmente as guerras e, com efeito, escureceu a comunicação de experiências. Vê-se, pois, de outro ponto de vista, ajustado a um mundo cada vez mais extenuado de eventos, cada vez mais ocupado de catapultar in-formações que nos impossibilitam de prender alguma coisa, deter, adensar. Portanto, cada vez cheio de um vazio, de uma mudez na multidão. Nos dias de hoje, em conformação a essa época, estamos dormindo em pé nos ônibus lotados, atarefados, aspirando, semana a semana, sextas-feiras, bancando tudo que nos chega e ao mesmo tempo expropriando de tudo que se passa – porque não há parada, pausa. Não há detenção – da vida. Há uma processualidade maquinada. Uma guerrilha de passagens (sem sentido).

benjamin, no entanto, insinua que essa ruína, o “bárbaro” dessa miséria de experiência, que pareceu ter anulado, quebrado, arruinado o homem moderno, possa, em contrapartida, impelir a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda (benjamin: 2012, p. 125). Aí, para voltarmos ao cubismo, há, talvez, uma barbárie cubista que levou os artistas a começar, como incita o próprio benjamin, do princípio: é uma desilusão radical com a época e ao mesmo tempo uma fidelidade sem reservas a ela (idem).

Ponto IV

Entre uma experiência ferida, insignificante e a barbárie, tomo o espaço de uma página mais a frente da pobreza-e-experiência, do qual pode oferecer um olhar ao cubismo enquanto arte que segue na modalidade de um pensamento situado fora de um modelo (cabanne: 1996, p. 32) – tal qual defendeu picasso – e aspirante a uma arte-sonho; exaustiva, por exemplo, aos princípios da perspectiva renascentista, e dentro, na autenticidade de uma imparcialidade no comportamento do moderno. A perda/exaustão de experiência se manifesta, então, como possibilidade.

– Pobreza de experiência: isso não deve ser compreendido como se os homens (modernos) aspirassem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda a experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza, externa e também interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre, tampouco, são ignorantes ou inexperientes. Frequentemente pode-se afirmar o oposto: eles ‘devoraram’ tudo, a ‘cultura’ e o ‘ser humano’, e ficaram saciados e exaustos. (...) Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças. (...) Natureza e técnica, primitividade e conforto unificam-se aqui completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem a finalidade da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência redentora que em cada dificuldade se basta a si mesma, do modo mais simples e ao mesmo tempo mais cômodo, na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de uma balão (benjamin: 2012, p. 127-128).

Ponto V

Deixando os olhos se perderem e ao mesmo tempo se figurarem diante do bloco de palavras anterior, arrisco afirmar que a prática visual em torno dos artistas da renascença – onde a técnica da perspectiva se fez suporte para um modo de representar a realidade através de um ponto de vista que, assim, organiza, unifica, ilude nosso olhar – tinha sido suficientemente gasta, devorada, saciada, saturada pelos novos artistas, confrontando com uma criação totalmente livre, onde o signo²² ocu-

²² O olhar de kahnweiler, que presenciou a emergência da arte cubista, é interessante. Em sua compreensão, o cubismo é uma arte de novos signos, no sentido de que a pintura é uma escrita. A pintura é uma escrita que cria signos. Uma mulher numa tela não é uma mulher; são signos, é um conjunto de signos que eu leio como ‘mulher’. Quando você escreve numa folha de papel *f-e-m-m-e*, a pessoa que

pava um lugar primordial, ao mesmo tempo plástico e simbólico, no interior de uma combinação formal em que todas as partes tinham uma função (cabanne: 1996, p. 15). Isso seria dar uma imagem mais detalhada dos objetos, mais precisa, mais verdadeira do que se pode ver num único olhar. Ou seja, eles pintaram (...) o que se sabe do objeto e não somente o que se vê (kahnweiler: 1996, p. 64).

Ponto VI

Encontro-me com o pequeno-príncipe em seu planeta – falando de seu planeta.

Fui convidado a ver seu pôr do sol. O sol em seu des-aparecer.
Durante muito tempo ele só teve a simpatia do pôr do sol.

– *Adoro o pôr do sol. Vamos ver um pôr do sol?*

– *Mas é preciso esperar...*

– *Esperar o quê?*

– *Esperar o sol se pôr.*

(Ele contou que o planeta era tão pequeno que bastava puxar a cadeira alguns palmos e olhava o crepúsculo que quisesse).

– *Um dia, vi o sol se pôr quarenta e quatro vezes!*

Nesse encontro do pequeno-príncipe em mim algo estala. Que tempo é esse do pôr do sol? Parece ser delirante, mas sinto o vento do sol se pôr e re-pôr... Um tempo fabricado. Um tempo de arrastar um palmo da cadeira e ver-se outro. Tornar-se outro. No movimento contínuo do sol se pôr e despôr-se o sol. Um tempo tão movente que só a serenidade ou a amenidade pode contê-lo. É um tempo melancólico também: pôr-do-sol-sol-se-pôr-pôr-do-sol-sol-se-pôr-pôr-do-sol-sol-se-pôr... É só estar a ver o pôr-do-sol e, contudo detendo-se nele que faz a criança-príncipe durar sua experiência com o dia ou com a noite. Ela

sabe francês e sabe ler lerá não somente a palavra 'mulher', mas ela verá, por assim dizer, uma mulher. A mesma coisa para a pintura, não há nenhuma diferença. A pintura, no fundo, jamais foi um espelho do mundo exterior, ela também jamais foi semelhante à fotografia; ela é uma criação de signos que sempre foram lidos de forma correta pelos contemporâneos, após um certo aprendizado, entretanto. Ora, os cubistas criaram signos incontestavelmente novos e é isso que fez a dificuldade de leitura de seus quadros durante um tempo tão longo (1989, p. 65-66).

parece incorporar seu tempo de sossego no tempo do pôr-do-sol. Entedia-se, vê o sol-se-pôr. Arruma a cadeira e transforma seu espaço.

Tive impressão de que os olhos de Isa poderia olhar um pra lá e outro pra cá, agora. O pequeno-príncipe me violou. Em seu planeta ele viola o tempo. Quer dizer, a duração de ter ou não uma experiência com o pôr-do-sol. Pelo visto ele dava e recebia experiências com o sol.

Ponto VII

Circulo sob arranha-céus.

Vivo debaixo de cubos:

Na direita, na esquerda

De lado, ao sul

Pelo norte...

Vou no meio assustado.

Um pequenino ser com a sua morte dentro,

Com seu ombro desabado

E seus braços descidos pelo caos do corpo.

– (barros: 2010, p. 75)

Ponto VIII

A imagem contém algo de ritmo

quebrado

:

As senhoritas de Avignon.

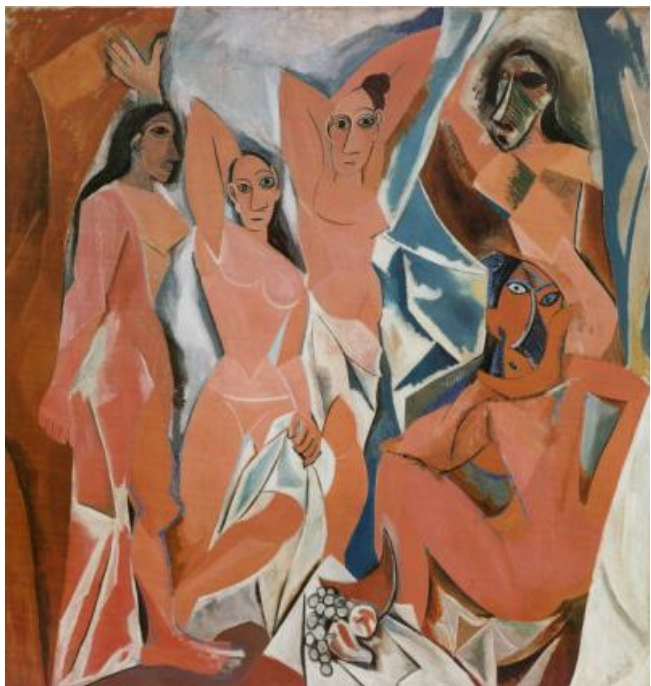
A representação de cinco mulheres nuas. Duas delas com o rosto decorado com uma arte sofrida e intimidante. A da esquerda lembra a postura das antigas egípcias. Já as duas da direita revelam um rosto violentamente distorcido e fragmentado. Uma primeira provocação parece estar dada. Deixemos nossos olhos percorrerem ainda mais por esta imagem: as formas agudas revelam um ar de erotismo, por vez, indelicado que domina, face a face, as mulheres que ocupam o centro e, ao mesmo tempo, uma sensação, por vez, de infelicidade e constrangimento, toca a cada uma delas. Olhando-as novamente, é possível que tenhamos deixado escapar aos olhos as frutas que ali, talvez, seriam afrodisíacas e de apetite sensual. Uma cena que faz deslocar nosso olhar a todo o momento. Penso que estou delirando. Por ora, paro e sem desviar o olhar, uma agressão física salta as vistas. Sincronicamente consigo ver os seios e as costas da mulher agachada. Vagando pelo lado esquerdo,

um corpo de perfil e, logo, também frontal. Tudo parece estar à nossa frente. Nada parece se esconder. As sombras e contornos fortes dão a ideia de certa tridimensionalidade: basta olharmos para o nariz perfilado das garotas do centro, das pernas cilindradas e seios esféricos. O jogo de cor ao fundo mostra no entreabrir das cortinas um lugar secreto, íntimo, onde ninguém sabe o que, de fato, acontece. Talvez, se descompor forma a forma representadas, um lugar diferente poderia se descortinar. Mas a obra está, ao horizonte dos meus olhos, abreviada – cada traço está sendo revelado simultaneamente e esquecido na memória. Ele me desfoca. De modo equivocado, quicá poder-se-á pensar que nada há por detrás da cortina...

Conferir em primeiro modo de ver, as formas se revelam coincidentes, urgentes, usurpadoras, escandalosas, hostis. Quanto mais me curvo, mais aumenta um embaraço, uma bagunça, uma confusão. Um sentido desarmônico e complexo parece afugentar o olho. Reúnem-se de uma só vez uma série de formas que também se desformam

Há uma compreensão de que foi a partir desta obra, *Senhoritas de Avignon*, de PABLO PICASSO, que essas sensações velejaram sob um ar estranho; braque, por exemplo, tinha declarado que o quadro lhe fazia pensar em alguém que bebesse petróleo para cuspir fogo (kahnweiler: 1989, p. 44). Velejaram para um Picasso-Cubista. No entanto, sem a tomada de consciência “cubista” ou de uma pesquisa que resultaria em um novo estilo de arte.

O cubismo impõe: forma brusca, um olhar que entra em órbita, é dimensionado para uma fala (ou uma pintura) mais honesta em relação ao mundo, as coisas do mundo, em torno da sensação que se apreende dele, nele; a primazia da



obra-artística: Les Femmes d'Alger.
Pablo Picasso. 1906-1907.
Óleo sobre tela. 2,43 m x 2,33 m.
Museu de Arte Moderna, Nova York

forma, sua duração sempre viva, que faz fragmentar, estilhaçar, paralisar diante de uma multiplicidade de detalhes. Um olhar múltiplo, que cria ritmos e multisensorialidades. Um olhar que clama por justiça em meio a uma fúria desarmônica da imagem. O olhar vagueia e se acidenta. Se anarquiza. Toca-nos uma anarquia. À vista de uma arte moderna há uma vontade de tudo ver, de nada esquecer (...). Nela tudo brilha, mas nada transparece, nada quer ser guardado pela memória (baudelaire: 1996, p. 32-33). O cubismo, nesse passo, dispara trans-forma(s)- (ções), o transver do ver, em um processo de imaginação, de experimentação com a própria forma e cor do mundo, da construção e destruição – simultaneamente, como um devir-forma – à expressividade do artista. A forma o excita. É o seu movimento absoluto.

Em uma declaração em 1923, picasso disse: cubismo é uma arte que trata principalmente com formas, e, quando uma forma é realizada, ela passa a viver sua própria vida (picasso: 1996, p. 269). É, assim, uma arte que vive do presente, daquilo que vai arranhando o artista em sua criação, ao que vai lhe permanecendo, paralisando a imaginação.

Ao menos, nos (me) deixa essa ideia.

Ponto IX

Numa operação amigável, os artistas, GEORGES braque, JUAN gris e FERNAND léger, foram quem, principalmente, assistiram e re-agiram no expresso da arte moderna, pondo-se nela a trabalhar, a laborariar, descobrir (kahnweiler: 1989). ALBERT gleizes e JEAN metzinger, depois, formularam, ou melhor, “inventaram” o cubismo em palavras, suscitaram a denominação cubismo em uma aspiração ensaio-teórico que se deu por nome *Du cubisme* (bonnel: 1994). Entretanto, não acompanharam os mesmos moinhos artísticos de picasso-braque de que privilegiam outras coisas – como, por exemplo, a desimportância em atribuir uma formulação para uma arte de experimentação. O cubismo esteve de certa maneira na descoberta, também carregado pelo vento, estava por fazer. Em devir. Deixar o vento passar por uma janela aberta, mas, antes, fazer memória do olho volteando toda ela.

– Quando inventamos o cubismo, não tínhamos a mínima intenção de inventar o cubismo, mas de exprimir o que estava em nós. Ninguém nos traçou um programa de ação; nossos amigos poetas²³ seguiram atentamente o nosso esforço, mas nunca o ditaram (picasso: 1996, p. 275).

²³ Especialmente GUILLAUME apollinaire, com a obra *Pintores cubistas: meditações estéticas*. Trata-se de um documento onde o poeta procurou explicar o cubismo enquanto “nova pintura”.

Retratos-de-matemáticas-cubistas (ensaiados por mim)

Talvez o ensaio cubista junto com a oficinática seja capaz de espalhar ou nos espalhar uma mobilização do pensamento de uma *matemática-cubista* operada, atropelada, impensável...

O cubismo introduz um corpo
que inquieta – que nos inquieta –
dilacera – que nos dilacera –
transforma – que nos transforma.

Uma matéria de vida que parece mito. Anárquica. Um exercício do inexistente, como a aspiração de Niles: “Eu vou fazer uma coisa que é impossível de existir”. Algo que fura o **umano-normal-racional** e faz circular animalidade-desnorma-desrazão.

Bem como se vê a infância, o cubismo invoca uma arte pura, uma linguagem pedra, primitiva da natureza – ainda que seus efeitos nos atentem para outro ponto de vista, reverso, que tem a ver com uma busca de beleza, de equidade, mas há a questão de efemeridade, que tem a ver com um olhar-vidro, um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa” (benjamin: 2012, p. 126). Um olhar, um corpo todo rebuliço. Também violento. Também disperso. Também de exageros. Também de perturbação. Também de escândalo. Também de ofensa. Também de desespero. Também de choro. Também de transtornação. Mas também: caricato, jocoso, incoerente, discordante, ridicularizado, engraçado, bizarro, brutal, chocante, desorquestrado, encolerizado, escárnio, monstruoso. Em convulsão. A golpes de punho.

Nesse ponto de vista, o cubismo incha o corpo, dá um nó na garganta em nossa oficinática. Intima a criança à resistência; a resistir no que ela foi aparentemente educada a ver e a ver a si mesma: certinha, endireitada, encaixada (e aí segue: proporcional, harmoniosa, bonita, bela, “em forma”, “diva”). São visualidades que pulsam, que saltitam de um corpo que quer ver o que foi constituída a ver: a cabeça arrumada, sem olhos esbugalhados, sem bizarrices, estranhices... Porém, o que foi convenção se desconvençiona. A criança se joga com toda a sua intensidade nas intempéries do próprio corpo. Vive seu distúrbio. Vive sua metamorfose. Vive a transformação recriada a sua lógica, aos seus próprios dedos para agradecer a si mesma. O devir-criança vive um processo

Entretanto, DANIEL-HENRY kahnweiler, em depoimento à Francis Crémieux desprestigiou este trabalho ao dizer que apollinaire era um poeta admirável. Eu posso dizê-lo pois fui seu primeiro editor; mas, antes de mais nada, ele não conhecia coisa alguma sobre pintura e, depois, ele tinha uma espécie de necessidade doentia de contar coisas contrárias aos fatos (kahnweiler: 1989, p. 47).

de sair dos eixos e entrar em outros. Ela mesma a cede. Pira. É autorevolucionária. Vai fazendo pipocar o que ela mesma fisga.

– No começo eu tava fazendo e nunca dava certo pra fazer bonito e daí, depois eu fiquei com raiva e botei o meu olho na cabeça e botei meu outro olho lá nas costas. [Geovane

– Ó, primeiro eu tentei criar a foto normal, só que faltavam umas peças. Então eu botei tudo esculhambado e formou dois tipos de meus. [Luís

– Algumas pessoas podem achar que minha pintura é esquisita, mas isso não é verdade, vejo que nessa pintura há a infância criativa e humilde. [Tamires)

Por também fugir de uma educação-forma-de-fazer-arte, o cubismo é um embaraço, o cubismo faz nascer um furúnculo no olho – que lesa as crianças. Elas, que se irritam com o próprio descaso de seus corpos e a (des)obediência de sua “normalidade”. Elas que não deixam passar os desinteresses da vida. Elas que potencializam a trivialidade... Uma caixonática amarela-e-azul. Um papel em branco...

Escutando as crianças, afetando-me com sua infância, passamos pensamentos matemáticos descarrilados, atropelados, sem conceito, sem definição, sem corpo. Mas apurados pelas crianças, talvez. A matemática é jogada sem regras, explode sem quase percebermos. No entanto, ela está ali, fugindo de uma racionalidade, entrando numa diálogo enigmático da infância. No manuseio dos objetos, na desorganização. No desespero de um corpo que não entra na ordem de sua mão, da folha, do seu pensamento, ou do que nem sabemos que pensa. Na vontade de descontar o tempo. A matemática vai fugindo, fu gindo, fu gindo, fu gindo, fu gindo... sem limite. A folha não tem limite. Ela pode ser alargada, ter coisas jogadas pra fora, pedaços de papel recortados na dobra da folha. O espaço não é de todo medido, pensado. Ele se espaça no achadouro de cada mão com um papel. A matemática, ou uma matemática sem nome, vai se inventando na realidade tremida dos corpos despedaçados, sem normas, sem exercícios de medir, de identificação.

Um devir-criança-da-matemática é um eco às palavras, imagens, vozes de BIANCA chisté (2015). É aquilo que não pensa tudo, não sabe tudo, não determina, não estabelece limites, pois o próprio limite é não ter limites para pensar o mundo, por isso, ele permite a experiência de pensamento, invenção de si e do mundo (p. 78). São os curtos circuitados das crianças, suas invenções com a brincadeira de seus despedaçamentos.

O passaporte para Luís fazer uma foto normal talvez seja o de levá-lo até o encontro primeiro de organizar respectivamente tudo. Respectivamente, uma boca com um nariz. E fica destranquilizado. Uma fórmula matemática, assim, se instala e opera na ordem, mas também na desordem. Primeiro, a ordem, se relaciona ao olhar bem visto, ao olhar que faz sentir corretamente as coisas, é harmônico, perspectivo, proporcional. E segundo, a desordem, que expressa um olhar contagiado por coisas que se surrealizam, monstrualizam, que incomodam, machucam o olho, machucam a memória de um corpo antes mais ajeitado. O pensamento matemático na relação com as des-montagens das imagens (flores: 2016) não cavalga sobre definições. Não é o desproporcional em notação matemática. O desproporcional ganha significado de feio – sem sentido de desproporcional. Torna-se o aleatório. Torna-se também o choro. O desproporcional vai vazando, vai encontrando mundos cujos nomes só a criança fala, movimenta, inventa, anima – infantemente no seu estalo primeiro. O olhar irritado é pânico. É o olho atrevido de uma deseducação do olhar. O pensamento matemático se aloja no corpo mutante, no monstro do Lago Ness, num eu que é múltiplo, duplicado. No entanto é um só.

O cubismo tem algo a ver com essas últimas provocações. É quase um osso partido da arte (tradicional), uma transnatureza do “olho direito”, uma contestação do quadrado, do nosso **espaçoelho** (e por isso desenquadra-o, recorta-o, matiza-o, com zonas claras e escuras como é a própria vida: cheia de corcovas quebradiças, de regiões em trânsito)²⁴. Vai engatando, aqui, um pensamento em que não necessariamente a matemática é agente, mas é efeito de processos de in-verdades. É efeito desviante em relação ao “certinho”. E por isso, talvez, quando nos deparamos com e em “formas diferentes”, a fôrma põe-se na fragilidade, sofre. Ela não se enfeixa, porém margina. Luna, por exemplo, apesar de brincar com seus pares de óculos (gigantes e pequenos), dando a eles o papel de “efeito engraçado”, evidenciou todo seu rosto, cada parte dele, no colorido de sua imaginação. Assim também Fernanda, Malu...

A matemática, a trigonometria, a química, a psicanálise e não sei mais o quê foram relacionados com o cubismo para dar-lhe uma interpretação mais fácil. Tudo isso é simples literatura, para não dizermos absurdo, que maus resultados, ofuscando as pessoas com teorias (picasso: 1996, p. 269).

²⁴ Entre parênteses são vozes remembrantes de MICHEL foucault, assistidas no documentário *Foucault por ele mesmo (Foucault par lui-même*, no original), dirigido por Philippe Calderon, na França, em 2003.

O cubismo, na verdade, nem levou nome em nossa oficinática. Não levou aclaração. Mas o pensamento, a prática visual que carrega essa arte interpelou, deseducou, tensionou um pensamento, louco, desregulado, que fez rir. Os retratos recortados fizeram parte de uma oficina de desregular a natureza (matemática) ou pelo menos desregular seu nome. Um nome enigmático para o adulto. Mas que opera, funciona, é linguajado da criança como sua primazia.

Há ressonâncias. Há ecos entre cubismo-e-matemática, entre arte-e-matemática. Há incitações no pensamento. Há uma invencionática matemática-cubista.

Um olho desregulado é botado para preencher espaço. (E isso lá poderia ser área? O que importa? O que porta a área?). Uma criança quis esconder o símbolo da camiseta com um olho e preencheu seu espaço – todo desregulado – com um olho e resolveu seu problema de esconder o símbolo. Basta botar alguma coisa em cima. Linhas retas e pontiagudas não tem muita visão nos “tipos de meus” das crianças. A forma geométrica é quase inutensílio. Mais vale juntar olhos e fazer um conjunto de olhos, bocas e fazer um monte bocas, cabelo e uma montanha de cabelo, peças misteriosas com peças misteriosas. A forma em si não parece ser o sentido de uma estratégia, mas o signo de cada uma em conjunto separado. E que depois se desconjunta tudo junto.

Algo falta. Algo não pertence a ela. Pronto. Basta não montar. Fazer outra coisa.

Para outros, coincidirem uma peça sobre outra foi interessante. “Mas sobrepor um pouquinho só”. Contam em sequência a imensidade de olhos que comportam elas. Para exagerar, para impressionar, basta dizer um milhão. Um milhão é muito grande. Quando se tem muito olho, muito cabelo basta emprestar para tentar arrumar a ordem. Ou para causar uma arruaça como desordem. Mas que cabe num eu de apenas cinco delas. Ordenar não é encaixar, é colocar tudo sem sentido. É tudo aleatório. Ordenar é óculos grandes ao lado de óculos pequenos. Depois fazer disso uma graça. Cortar metades torna-se apenas cortar um pedacinho, uma pontinha que sobra. Se não corta, apenas dobra. A criança tem um olho, tem sobranceira, tem um outro virado, no entanto, para ela, não tem nada. Há um vazio imparcial, iludido no meio de uma monstriedão de recortes claros e desdireitados. As crianças vão caminhando assim, oferecendo saídas para elas mesmas quando se encurralam, quando decidem não ser mais certinha, que o olho atrás das costas é mais interessante.

E brincam...

Falam, depois de um, dois, três... (esmaecendo a voz)

Em uma grande roda deformada
Dizem absurdos da vida.
Migalhas de uma matemática
Que nem sequer tem nome
Talvez tonta – uma matemática tonta
Mas é invento
No meio
De uma oficinática
De imagens
Que a fazem se sentir loucas, escandalosas.
Uma matemática enloucada que desordena
Sem pensa.
Mas voa...
Num suposto rosto (meu).

Aproveitamento de materiais em um tempo quase demolido

Depois de encontrar-me com as crianças,
deixei a sala
que *brada*

De corpo
desengonçado,
entediado,
de *olho e orelha vuadora*,
debmental.

Voltei

.
. .

– pra procurar num passeio fora da sala
coisas pequenas de dentro de
[um caleidoscópio.

No meu corpo, agora,
dou mostra de um bicho de fruta

(que comeu todas as vozes²⁵ de um gravador
e deixou só imagens

refletidas
repetidas
repetidas
repetidas

de um mundo rodopiado pelas crianças).

O caleidoscópio que faz o mundo dançar.
Que movimenta o encanto múltiplo
de elementos da natureza.

Formas brincantes...

– que, a cada instante, revelou as crianças imagens vivas do mundo,
dela mesma no mundo,
repetidas

repetidas

repetidas

repetidas

repetidas

repetidas vezes:

quando abriu os olhos

e se viu invadida,

assistida por

milhões de Andersons, milhões de Carlitos...

espalhada por um monte de triângulos.

Uma sensação, mais ou menos, assim:

meio misturado.

²⁵ Tive um susto! Neste dia, os gravadores, de que pensei: “estão todos ligados...”, apenas reproduziram vozes que nele já tinham. Descoberto da minha asneira, senti-me inteiro abalado, em passos vencidos de uma guerra. Uma tragédia, de fato! Perdi a oficina!!! Anos de estudo: era de manhã que o gravador me enganava. No entanto, Angélica, do GECEM, que me acompanhou nesse dia, produziu, junto ao Bernardo, um arsenal de fotos e vídeos da qual serve de matéria de pesquisa, uma forma de experiência fotográfica de uma oficinática-com-caleidoscópio.

Devir-criancóspio

Um devir-criancóspio

[entre]

A criança e o caleidoscópio

(*que nome né? Um binóculo?*)

– caleidoscopiou uma brincadeira de roubar olhares transformados do mundo, virando-o, de...vagarzinho.

Fazer visão do caleidoscópio:

Demais esse experimento!

De botar o olho e ficar *cheio de olhos*.

De botar desenho na câmera pra ver *que duplica*.

monteplica...

Ruminar imagens de crianças

que brincam,

que inventam,

que desenham

Caminhoso em despalavra

escrevo com imagens.

Quando cheguei neste lugar,

Só imagens me tomaram

E tantas vezes sobre o corpo.

E fiquei, ali,

ruminando,

ruminando...

Agora estou pensando

de abrir a imagem

– (samain: 2012, p. 35) –

e fazer ruminação com ela.

Um agenciamento que entra,

que pulsa

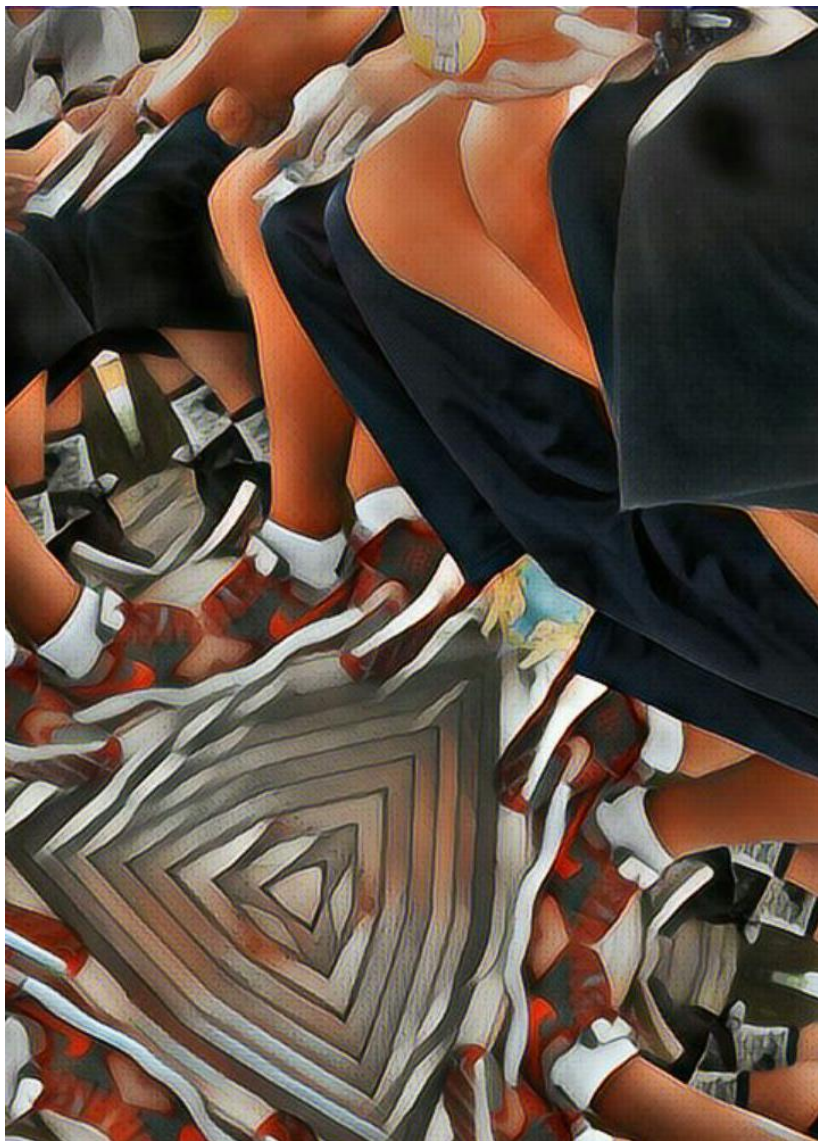
com fotos de crianças

– que brincam e inventam

formas do mundo.

Através de **olhoscópios...**

Olhares²⁶ infantis e sua relação com o mundo – brincado pelo caleidoscópio



oficina-com-caleidoscópio: Criançápios. Retrato no dia-de-oficínática

²⁶ As imagens que seguem fazem parte do acervo-fotográfico do autor e editadas. A intenção é ex-por, na mesma ordem dos acontecimentos, gestos da experiência coletiva do encontro com o caleidoscópio numa invenção de memórias fotográficas, que também são experiências. Criam mapas desta cartografia. A-final, será quase meu ponto (des)limite do trabalho.



oficina-com-caleidoscópio: No quintal da escola. Retrato no dia-de-oficinática



oficina-com-caleidoscópio: O olho de dentro do caleidoscópio (um). Retrato no dia-de-oficinática





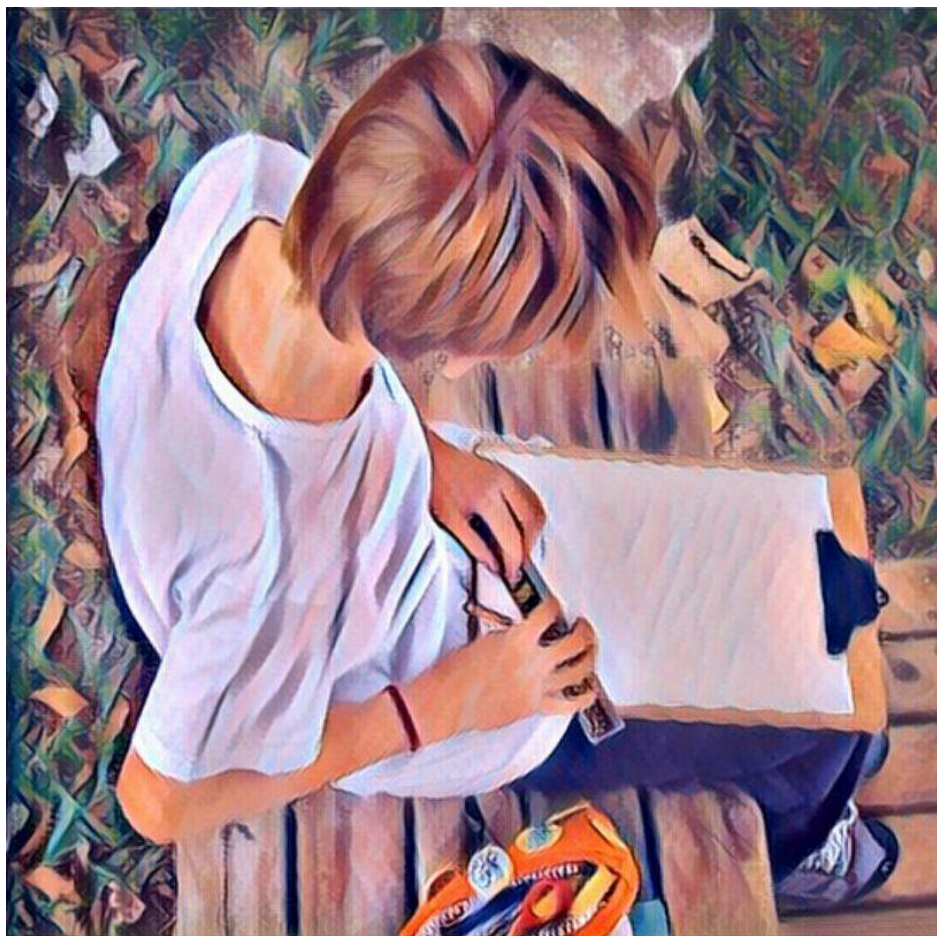
oficina-com-caleidoscópio: No quintal da escola: invenções de olhos dentro do caleidoscópio.
Retrato no dia-de-oficinática



oficina-com-caleidoscópio: O olho de dentro do caleidoscópio (dois). Retrato no dia-de-oficinática



oficina-com-caleidoscópio: Folha-caleidoscópio. Retrato no dia-de-oficinática

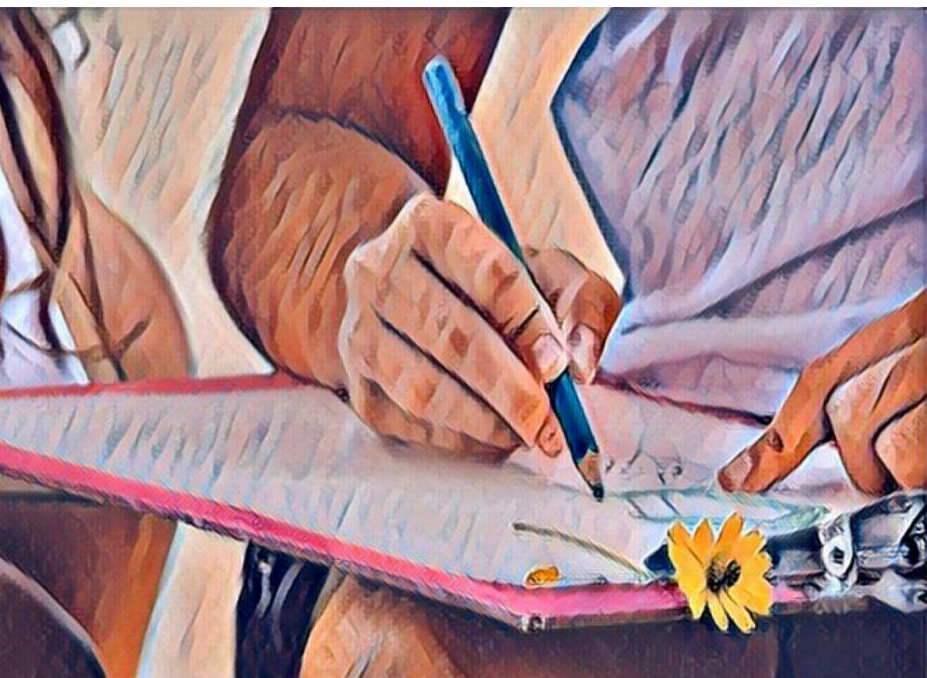


oficina-com-caleidoscópico: Olhos de memórias-caleidoscópico. Retrato no dia-de-oficinática





oficina-com-caleidoscópio: No quintal de formas-invenção-caleidoscópio. Retrato no dia-de-oficinática



oficina-com-caleidoscópio: Formas misturadas da flor-abstrato. Retrato no dia-de-oficinática

O pátio onde a criança brinca
passa um tempo durado.
O pátio torna-se bem um quintal
entre bancos, árvores, pássaros, terra...
O quintal da escola é maior que o mundo
como em *manoelês*.

O pátio torna-se bem ainda um canteiro de obras.
Há nele uma comunhão de coisas entre a criança
com seu caleidoscópio volteando-as.
Fragmentando olhos.
Pensando matemáticas.

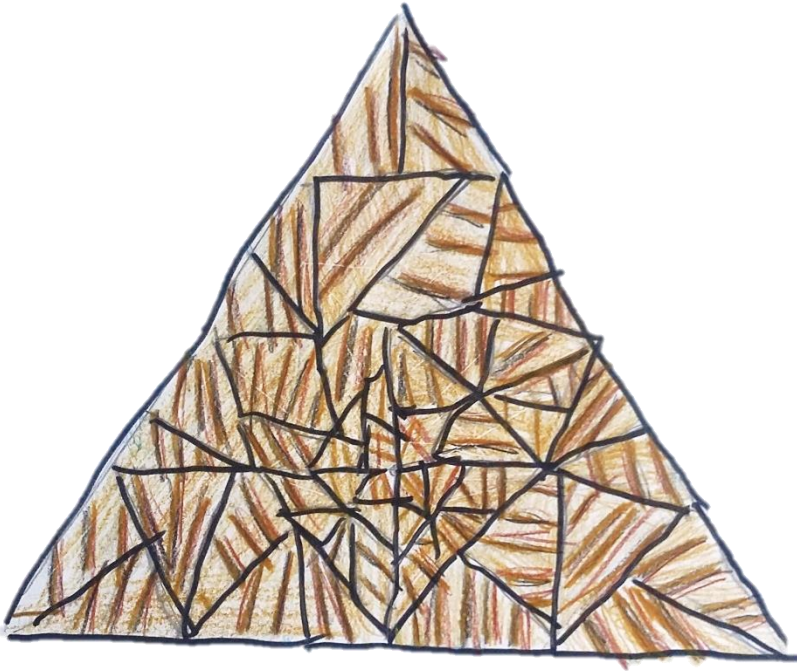
.
.
.
.
.
.
.

A Terra
está repleta dos mais incomparáveis
objetos de atenção e exercício infantis.
E dos mais apropriados.

.....
Nas sobras caídas do chão
reconhecem o rosto que o
mundo das coisas volta exatamente
para elas.
E para elas unicamente.

Neles, elas menos imitam as obras dos adultos
do que põem materiais de espécie muito diferente,
através daquilo que com eles
aprontam no brinquedo,
em uma nova,
brusca relação entre si.
Com isso as crianças
formam para si seu mundo de coisas,
um pequeno no grande,
elas mesmas.

– (benjamin: 1987, p. 18-19)



oficina-com-caleidoscópio: O chão de madeira. Luna



oficina-com-caleidoscópio: A forma-calça no caleidoscópio. Mariana

Vagando (-se) no estranhamento

(Trans)experimentado, atravessado, percorrido essas oficináticas, nos ex-pomos ainda mais nessa expedição. Produzimos uma exposição com todas as produções das crianças e algumas pinturas cubistas de fisco no corpo do cartógrafo. Ex-por, não im-por, talvez, também, com-por, per-der, teve a ver com andar no chão, inclinar os olhos para o céu; um espaço de deixar-se. Um espaço de sentir a poeira pojando sobre o nariz, a boca, as mãos, sobre o corpo doente e preguiçoso, sobre os olhos que volteiam tremendas vezes para o mesmo lugar. Um passeio de *ex-posição*.

Algo de-mais pra contar, vírgula

Não há muito mais tempo para escrever.

E agora que fazer com o tempo (de escrita) sem muito haver?

Há um corpo, “tipo boca aqui, outro nariz aqui, daí outra boca aqui” que insiste expor-se. Insiste não parar de ex-por-se e, por isso, complicado em cultivar o que (se) passa. E cultivar é o mesmo que uma relação de cuidado com a vida (lópez: 2008); é uma relação de cuidado com este trabalho. É cativar. Cuidado com os acontecimentos que, diferente de se conservarem, vão se produzindo, não cessam de produzir para o bem e para o mal. Ele flui. E no fluir, está batendo continuamente em outras gentes, em outras coisas, em mais palavras, em outros livros, em outros devires. Com efeito, arrastando para outros lugares ainda, pululando em outros. Transformando... Acaso, cativei-me de muitas paradas, vidas, animais, abraços, filmes, crianças, reuniões, andanças, coisas...; enfim, encontros. Cativar é uma experiência do que nos passa e quando passa nos fica martelando, insistindo. É como andar no meio da relva e no andar, parar: algo arrepiou os pelos dos braços. [uma raposa

Tenho algo ainda dizer para além de cativar. Algo a ver com o sentido dessas experiências:

Um sentido aqui se cria(ou) e também se recria.

Esta oficinática é um modo que dá a recriar. Permanece recriando-se. Ela é ainda devir, que nasce e morre todo o tempo, o tempo todo, ao mesmo tempo (lopéz: 2008, p. 28). Um processo cultivador – uma poesia no verbo infinitivo – em que, inclusive, pode ser sem-sentido em outro lugar, sob outros olhos.

O modo como nos lançamos lança flechas em gostos, ecos, cheiros, veres, finuras de bocas, faros, olhos, mãos de figuras pós-estruturalistas. O sentido como aqui se enuncia convida a desexplicar –

tal como em *manoelês*. Quer dizer, desenrolar além da razão e de seus bons argumentos e entortar-se. Entortar o pensamento. Entortar o olho (da matemática, da educação matemática com arte), tal como a criança o faz. Ela tem a liberdade para cultivar uma visão torta das coisas. Seu olhar é sinuoso, e não reto – apresenta-se, assim, a poesia no quintal de MANOEL DE BARROS (2015) (o seu quintal, maior que o mundo).

Entortar palavras. Envergá-las na língua.

A criança nos convida, continua me convidando, a abrir, a fazer fugas, a quebrar “canos” do pensar. Eu me quebrei. O “mim” minou-se todo. Talvez, alguma coisa que tenhamos a oferecer seja o mundo: um mundo de coisas (signos) a oferecer, mas que, de antemão não seja significado, explicado, desdobrado. Mas, experimentado e, sobretudo, experimentado, brincado. Apenas encontro. Puxando benjamin: *contrapela-do* no pensamento. Um pensamento de (no) fazer pensar ou fazer (conhecer coisas) de outro jeito – a ponto de experiência.

Ficamos a brincar brincadeiras e brincadeiras. Porque a gente não queria informar acontecimentos. Nem contar episódios. Nem fazer histórias. A gente só gostasse de fazer de conta. De inventar as coisas que aumentassem o nada. A gente não gostasse de fazer nada que não fosse de brinquedo... (barros: 2008, p. 133) – da importância das coisas que beliscavam em nós.

Algo de-mais ainda: encontrei nesse trabalho com muitas amizades, simpatias, agenciamentos, perdas. Todas elas me tiraram do lugar e não me deixaram ser mais o mesmo. Já não sou mais um entre “cem mil” semelhantes... tal como o pequeno príncipe não foi depois de cativar a raposa. Todas elas me funcionaram, me moveram, exercitaram, excitaram-me...

Entre tantas as formas de dissertar, o que aqui engendrou é forma de cativações.

(Cativar! Talvez seja a palavra (des)limite para se colocar um final no ponto (permanecendo dentro..))

Estou quase perto de fugir dos encontros que não me cessam.

Exponho-me (à tentativa de um infinito limitado) fabricar uma fenda como fazem pequenos insetos e invadir-me até algum lugar de paragem.

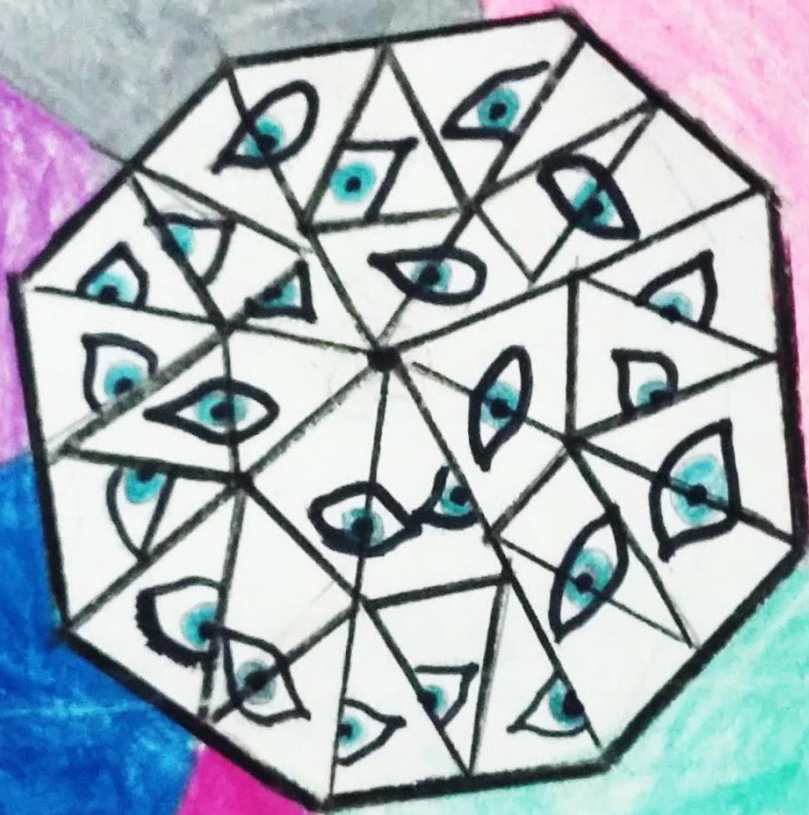
Pronto...

[É só isso.

NOTA DE RES-SALVA

Descobri que, ao *fin-al*, fiquei de corpo desconfortado porque deixei passar coisas que ainda ficam me passando, coisas que quis cometer e não as cometi. Porém, dando escrita a ele, ao corpo desconfortado, já me deixa aliviado, sem nenhuma tristeza para ficar no momento.

oficina-com-caledoscopio:
Multipolares, Matu



ENTERSSERÊNCIAS

Encontros e intercessores da dissertacionática

○ essenciais são os intercessores.
A criação são os intercessores.
Sem eles não há obra.
Podem ser pessoas
– para um filósofo, artistas ou cientistas;
para um cientista,
filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas,
até animais...
Fictícios ou reais, animados ou inanimados,
é preciso fabricar seus próprios intercessores.

GILLES deleuze: 1992, p. 156

- alvarez, JOHNNY & passos, EDUARDO. Cartografar é habitar um território existencial. In: passos, EDUARDO & kastrup, VIRGÍNIA & escóssia, LILIANA DA. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 131-149.
- amador, FERNANDA & fonseca, TÂNIA MARA GALLI. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa: considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009.
- andrade, CARLOS DRUMMOND DE. **A paixão medida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- apollinaire, GUILLAUME. **Pintores cubistas: meditações estéticas**. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- assis, MACHADO DE. **Histórias sem data**. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1884.
- barros, MANOEL DE. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta, 2008.
- barros, MANOEL DE. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- barros, MANOEL DE. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- barros, MANOEL DE. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- baudelaire, CHARLES. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- benjamin, WALTER. **Rua de mão única: obras escolhidas, vol. 2**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- benjamin, WALTER. Paris, capital do século XIX. In: kothe, FLÁVIO RENE. **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1991. p. 30-43.
- benjamin, WALTER. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- bonell, CARMÉ. Albert Gleizes y las leyes de la pintura: un retorno a la Edad Media. **D'Art**, n. 20, p. 221-252, 1994.
- bradbury, RAY. **O Zen e a arte da escrita**. São Paulo: Leya, 2011.

- braque, GEORGES. Georges Braque, Observações sobre seu método, 1954. In: chipp, HERSCHEL BROWNING. **Teorias da arte moderna**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 265-266.
- buoro, ANAMELIA BUENO. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- cabanne, PIERRE. **O Cubismo**. Porto: Cultura Geral, 1996.
- carrol, LEWIS. **Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2015.
- chisté, BIANCA SANTOS. **Devir-criança da matemática**: experiências educativas infantis imagéticas. 2015. 106 f. Tese (Doutorado)–Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.
- corazza, SANDRA MARA. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: costa, MARISA VORRABER. (Org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares em pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. p. 103-127.
- corazza, SANDRA & tadeu, TOMAZ. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- deleuze, GILLES. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- deleuze, GILLES. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- deleuze, GILLES. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- deleuze, GILLES. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- deleuze, GILLES & guattari, FÉLIX. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- deleuze, GILLES & parnet, CLAIRE. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- falcão, ADRIANA. **Mania de explicação**. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2013.
- flores, CLÁUDIA REGINA. Visualidade e Visualização Matemática: Novas Fronteiras para a Educação Matemática. In: flores, CLÁUDIA REGINA & cassiani, SUZANI. (Org.). **Tendências contemporâneas nas pesquisas em educação matemática e científica**: sobre linguagens e práticas culturais. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 91-104.

- flores, CLÁUDIA REGINA. Historicidade e visualidade: novos territórios da Educação Matemática. In: ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática, 11., 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2013.
- flores, CLÁUDIA REGINA. Descaminhos: potencialidades da arte com a educação matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 30, n. 55, p. 502-514, ago. 2016.
- foucault, MICHEL. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.
- gagnebin, JEANNE MARIE. **Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2005.
- gallo, SÍLVIO. Infância e poder: algumas interrogações à escola. In: kohan, WALTER OMAR. **Devir-criança da filosofia: infância da educação**. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 109-121.
- ibge. **Noções básicas de Cartografia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.
- kahnweiler, DANIEL-HENRY. **Minhas Galerias e Meus Pintores**. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- kastrup, VIRGÍNIA & barros, REGINA BENEVIDES DE. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: passos, EDUARDO & kastrup, VIRGÍNIA & escóssia, LILIANA DA. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 76-91.
- larrosa, JORGE. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- larrosa, JORGE. **Estudar = Estudiar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- larrosa, JORGE. **Nietzsche e a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- larrosa, JORGE. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- leite, CÉSAR DONIZETTI PEREIRA. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- leminski, PAULO. **Caprichos e Relaxos**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- leminski, PAULO. **Toda poesia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

- lópez, MAXIMILIANO VALEIRO. **Acontecimento e experiência no trabalho filosófico com crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- masschelein, JAN. Inciting an attentive experimental ethos and creating a laboratory setting. **Zeitschrift für Pädagogik**, n. 3, p. 354-370, 2012.
- moraes, JOÃO CARLOS PEREIRA DE. **Experiências de um corpo em Kandinsky: formas e deformações num passeio com crianças**. 2014. 217 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- ostrower, FAYGA. **A sensibilidade do intelecto**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.
- pérez, CARMEN LÚCIA VIDAL & leite, CÉSAR DONIZETTI PEREIRA. Quem é esse menino que faz do mundo outro menino? In: ANPED - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 37., 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2015.
- pessoa, FERNANDO. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. São Paulo: Ática, 2007.
- pessoa, FERNANDO. **Cancioneiro**. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- picasso, PABLO. Pablo Picasso, Conversações, 1935. In: chipp, HERSCHEL BROWNING. **Teorias da arte moderna**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 270-277.
- picasso, PABLO. Pablo Picasso, Declaração, 1923. In: chipp, HERSCHEL BROWNING. **Teorias da arte moderna**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 266-270.
- quintana, MÁRIO. **Apontamentos de história sobrenatural**. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- rolnik, SUELI. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- saint-exupéry, ANTOINE DE. **O Pequeno Príncipe**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- samain, ETIENNE. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: samain, ETIENNE. **Como pensam as imagens**. (Org.). Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

- schérer, RENÉ. Aprender com Deleuze. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194, set./dez. 2005.
- schérer, RENÉ. Desdramatizar la educación: entrevista a René Schérer. **Cultura La vanguardia**, Barcelona, 5 set. 2007. Entrevista concedida a Manuel Asensi Pérez.
- schérer, RENÉ. **Infantis**: Charles Fourier e a infância para além das crianças. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- schuck, CÁSSIA ALINE. **Cartografar na diferença**: entre imagens, olhares ao infinito e pensamento matemático. 2015. 210 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- skliar, CARLOS. **Desobedecer a linguagem**: educar. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014^a.
- skliar, CARLOS. **O ensinar enquanto travessia**: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação. Salvador: EDUFBA, 2014^b.
- tadeu, TOMAZ & corazza, SANDRA & zordan, PAOLA. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

[des-cativações, ...)